



**Daniel Gonçalves da Silva**

**Para além das reminiscências do passado:  
ciência e história na conformação da perspectiva autobiográfica de  
Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832)**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Henrique Estrada Rodrigues

Rio de Janeiro  
Junho de 2017



**Daniel Gonçalves da Silva**

**Para além das reminiscências do passado:  
ciência e história na conformação da perspectiva autobiográfica de  
Johann Wolfgang von Goethe(1749-1832)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof. Henrique Estrada Rodrigues**  
Orientador  
Departamento de História - PUC-Rio

**Prof. Pedro Spínola Pereira Caldas**  
Departamento de História - UNIRIO

**Prof. João de Azevedo e Dias Duarte**  
Departamento de História - PUC-Rio

**Profª Mônica Herz**  
Vice-Decana de Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais - PUC-Rio

Rio de Janeiro, 30 de Junho de 2017

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

### **Daniel Gonçalves da Silva**

Graduado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em História, com a presente dissertação, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Desenvolveu trabalhos nas áreas de História Intelectual, História Literária e Teoria da História.

#### Ficha Catalográfica

Silva, Daniel Gonçalves da

Para além das reminiscências do passado: ciência e história na conformação da perspectiva autobiográfica de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) / Daniel Gonçalves da Silva; orientador: Henrique Estrada Rodrigues. – 2017.

111 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2017.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História Social da Cultura – Teses. 3. Metamorfose. 4. Autobiografia. 5. Johann Wolfgang von Goethe. I. Rodrigues, Henrique Estrada. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Para o meu irmão, Mauricio,  
pela amizade, de sempre.

## Agradecimentos

Ao Professor Henrique Estrada Rodrigues, orientador desta dissertação, pelos ensinamentos constantes e pelo apoio fundamental, ao longo de toda a pesquisa.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos Professores João Duarte e Pedro Caldas, pela participação na Banca examinadora e pelas contribuições que, ainda no Exame de qualificação, ajudaram a direcionar o curso desta dissertação.

Aos professores, amigos e funcionários do Departamento de História da PUC-Rio, que muito participaram da realização deste trabalho.

À Katherine Azevedo, à Nathália Sanglard e à Patrícia Reis, pela essencialidade da amizade, que persiste ao tempo e à distância.

Aos amigos Débora Fernandes, Beth Vitória e Marco Antônio Rezende, pela acolhida e pelas conversas, sempre tão reconfortantes, e pela leitura atenciosa destas páginas.

Às professoras e amigas Monique Teixeira e Laura Pinho, pela gentileza e pelo tempo despendido, na revisão das traduções.

A toda a minha família, pela união, pelo apoio e pela cumplicidade.

À minha avó, Maria, aos meus pais e ao meu irmão, porque imprescindíveis.

## Resumo

Silva, Daniel Gonçalves; Rodrigues, Henrique Estrada. **Para além das reminiscências do passado: ciência e história na conformação da perspectiva autobiográfica de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832)**. Rio de Janeiro, 2017. 111p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação visa uma aproximação entre a produção científica e a escrita autobiográfica de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). Na intenção de um desdobramento deste objetivo, empreende-se uma análise do ensaio *A metamorfose das plantas (Die Metamorphose der Pflanzen)* e de sua autobiografia mais conhecida, *Memórias: poesia e verdade (Aus Meinem Leben. Dichtung und Wahrheit)*. Primeiramente, a partir da recuperação de textos nos quais o escritor rememora conceitos centrais desenvolvidos naquele ensaio sobre o processo de crescimento das plantas, publicado pela primeira vez em 1790, discute-se em que medida o recorrente empenho por um acesso ao passado representou a oportunidade de revisitar, explicar, corroborar e aperfeiçoar alguns desses conceitos, sobretudo, o de metamorfose. Compartilhando do argumento de que a recordação, em Goethe, atua sobre a experiência pretérita de maneira profícua, produtiva, redireciona-se a análise, então, para sua escrita autobiográfica. Após um exame inicial sobre o estatuto do gênero, chamando-se a atenção para sua maleabilidade discursiva, delineiam-se tanto as semelhanças quanto as especificidades do texto autobiográfico goethiano. Sendo assim, ao se lançar mão da articulação de uma série de conceitos mobilizados pelo escritor, torna-se possível acenar para a maneira singular pela qual Goethe redimensionou sua existência, no ato ulterior da escrita, possibilitando associar concepções particulares de ciência e de história na conformação de sua perspectiva autobiográfica.

## Palavras-chave

Metamorfose; autobiografia; Johann Wolfgang von Goethe.

## Abstract

Silva, Daniel Gonçalves; Rodrigues, Henrique Estrada (Advisor). **Beyond the reminiscences of the past: Science and History in the conformation of Johann Wolfgang von Goethe's autobiographical perspective (1749-1832)**. Rio de Janeiro, 2017. 111p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation aims at an approximation between the scientific production and the autobiographical writing of Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). In order to work on this objective, an analysis of the essay *The Metamorphosis of Plants (Die Metamorphose der Pflanzen)* and his best-known autobiography, *From my life: poetry and truth (Aus Meinem Leben, Dichtung und Wahrheit)* is developed. First, from the retrieval of texts in which the writer recalls central concepts developed in that essay about the process of plant growth, first published in 1790, it is discussed to what extent the recurrent commitment to an access to the past represented the opportunity of revisiting, explaining, corroborating and perfecting some of these concepts, above all, the one of metamorphosis. Sharing the argument that the recollection, in Goethe, acts over the past experience in a profitable, productive way, the analysis is, then, redirected to his autobiographical writing. After an initial examination of the status of the genre, drawing attention to its discursive malleability, both the similarities and specificities of the Goethian autobiographical text are highlighted. Thus, by using the articulation of a series of concepts mobilized by the writer, it becomes possible to emphasize the singular way in which Goethe redimensioned his existence, in the later act of writing, making it possible to associate particular conceptions of science and history in conformation of his autobiographical perspective.

## Keywords

Metamorphosis; autobiography; Johann Wolfgang von Goethe.

## Sumário

1. Introdução	10
2. O conhecimento em Goethe: o sentido para a plasticidade	17
2.1. A viagem italiana de Goethe: o redimensionamento do olhar como condição para a proposição de um projeto científico	17
2.2. <i>A metamorfose das plantas</i> : os conceitos de polaridade ( <i>Polarität</i> ) e de intensificação ( <i>Steigerung</i> )	26
3. Sob a perspectiva do tempo: o olhar retrospectivo de Goethe	45
3.1. A lembrança de <i>A metamorfose das plantas</i> : a história da escrita da obra	45
3.2. A lembrança de <i>A metamorfose das plantas</i> : a história da recepção da obra	57
4. <i>Memórias: poesia e verdade</i> : a escrita enquanto extensão da vida	69
4.1. A escrita autobiográfica: uma busca individual pelo sentido do “eu”	71
4.2. A escrita autobiográfica goethiana: a vida em sua intensificação	85
5. Considerações finais	106
6. Referências bibliográficas	109

Poeta  
é uma pessoa  
que reverdece nele mesmo.

(Manoel de Barros. *Tratado geral das grandezas do ínfimo*, 2001)

# 1. Introdução

Esta vida consiste apenas em mudança de formas, unidade no plural, duração na mudança (...) e tudo é transformação.

(Thomas Mann. *Carlota em Weimar*, 1939)

Johann Wolfgang von Goethe nasceu na cidade alemã de Frankfurt am Main, em 28 de agosto de 1749, vindo a falecer em 1832, no grão-ducado de Weimar, onde residia desde 1775. Quando criança, o futuro escritor teve acesso ao que de melhor poderia ser ofertado, em termos de uma educação formal, a um filho da alta burguesia. Embora, no curso de sua formação, tenha chegado a se doutorar em Direito pela Universidade de Estrasburgo, seu reconhecimento internacional viria em decorrência da monumentalidade de sua produção literária, que o situaria entre os maiores nomes da literatura.

A grande divulgação de seus escritos literários talvez explique o sombreamento de suas pesquisas de caráter científico. Com trabalhos nas áreas de anatomia, botânica, geologia, meteorologia, mineralogia, morfologia, óptica, química, etc., seu empenho em desvelar os mecanismos da natureza significou uma maneira particular de se investigar e de se considerar os fenômenos naturais<sup>1</sup>. Dentre os caminhos possíveis de aproximação em relação aos trabalhos científicos do escritor, deseja-se atentar para o modo pelo qual se ateuve à contemplação da modificação das formas orgânicas, ao se apoiar no princípio da dinamicidade móvel da vida, no jogo entre liberdade e necessidade que orienta a formação de todos os seres animados, valorando, ademais, sua transformação a partir da lógica de uma perspectiva temporal. É a partir da identificação e do desdobramento deste princípio que se fundamenta o propósito do presente trabalho: o estabelecimento de uma aproximação entre a produção científica e a escrita autobiográfica de Goethe.

---

<sup>1</sup> A esse respeito ver, por exemplo, o recente trabalho de Maria Luisa Noujaim Teixeira, no qual acena para a existência de uma metodologia do fazer científico, em Goethe, a partir da análise de *A doutrina das cores (Die Farbenlehre)*. TEIXEIRA, Maria Luisa Noujaim. **A *Farbenlehre* de J. W. Goethe (1749-1832) e o problema da visão: do método goetheano de fazer ciência**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2015. Disponível em: [http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1312312\\_2015\\_completo.pdf](http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1312312_2015_completo.pdf). Acesso em: 03/05/2017.

O interesse inicial pelos estudos científicos do escritor se deve à fecundidade analítica decorrente da tentativa – e da dificuldade – de situar seus trabalhos no âmbito das perspectivas epistemológicas de seu tempo. Por um lado, suas pesquisas chamam a atenção por serem, justamente, frutos de diálogos e embates reiterados com as orientações das ciências disseminadas nessa passagem do século XVIII para o XIX<sup>2</sup>. A esse respeito, um exemplo sempre ressaltado por estudiosos é o da descoberta por Goethe do osso intermaxilar no homem, que comprovaria o parentesco entre o ser humano e os demais animais vertebrados. Essa hipótese era renegada, até então, por anatomistas, uma vez que se apoiavam em premissas filosóficas e teológicas que ainda encontravam certa aceitação nos círculos letrados da sociedade germânica do Setecentos<sup>3</sup>. A importância dessa descoberta reside, pois, no fato de ter estremecido as estruturas do argumento que fundamentou, por séculos, a distinção entre racionalidade e irracionalidade.<sup>4</sup>

Por outro lado, ao se ter em mente seu questionamento diante do caráter axiomático atribuído aos preceitos da ciência, que ganhara força em função de uma reflexão filosófica que alinhou, sobremaneira, razão e desenvolvimento técnico-científico – pensa-se, por exemplo, na importância ainda expressiva do sistema filosófico cartesiano –, uma segunda questão acerca da relevância dos

<sup>2</sup> Uma discussão acerca da proposta epistemológica de Goethe, enfocando-se a oposição tanto em relação ao cartesianismo mecanicista quanto à visão transcendental disseminada pelo sistema filosófico de Kant, pode ser encontrada em: COELHO, Humberto Schubert. A epistemologia e o método científico de Goethe. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 85-102, 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2010/04/6-8.pdf>. Acesso em: 20/12/2016.

<sup>3</sup> KESTLER, Izabela Maria Furtado. Johann Wolfgang von Goethe: arte e natureza, poesia e ciência. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 13 (suplemento), p. 44, Out., 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v13s0/02.pdf>. Acesso em: 20/08/2015.

<sup>4</sup> Ernst Cassirer, em seu esforço de interpretação dos fundamentos intelectuais e dos princípios que nortearam a filosofia iluminista, atenta justamente para o movimento pelo qual o moderno pensamento filosófico se distinguiria, ao longo do Oitocentos, pelo alcance de uma “autoconsciência específica”. Tendo por enfoque um determinado momento da história desse pensamento filosófico – a “Época das Luzes” –, suas formulações corroboram o papel central desempenhado pelas novas concepções epistemológicas que surgiam acerca do universo físico e sua importância no concernente à ampliação dos horizontes do próprio pensamento filosófico, permitindo elucidar a ocorrência de um esfacelamento dos sistemas metafísicos, em que o conhecimento se apresentava subsumido a uma verdade pré-fixada, e a emergência de um pensamento mais atuante, livre de amarras doutrinárias e, por isso, mais dinâmico e flexível: em contato direto com a “realidade”. O trabalho de Cassirer permite vislumbrar um dos alicerces que viriam a sustentar tanto as ciências da natureza quanto as proposições estéticas – bem como as ciências: histórica, política, jurídica etc. – disseminadas no período de produção de Goethe, possibilitando situar o escritor no âmbito maior da discussão sobre as possibilidades e os limites do conhecimento. CASSIRER, Ernst. **A filosofia do Iluminismo**. Trad. Álvaro Cabral. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

trabalhos de Goethe se apresenta: a maneira como se apropriou de elementos da tradição clássica, reinterpretando-os.<sup>5</sup>

Ainda que não desenvolvida de maneira mais detida no curso desta dissertação – uma vez que, na intenção primeira de uma aproximação entre seus escritos científicos e seu registro autobiográfico, optou-se por se restringir à elucidação de diálogos com autores convocados ao debate, textualmente e de maneira mais direta, pelo próprio Goethe –, a consideração dessa apropriação estaria por detrás da intenção do escritor de tornar inteligíveis os mecanismos da natureza, ao se apoiar no pressuposto da existência de uma lei fundamental que embasaria a elaboração de uma ideia de unidade em estreita associação à percepção da multiplicidade das manifestações fenomênicas. Ao se entender como parte integrada ao todo da natureza, enquanto estudioso das ciências naturais, sua atenção dirigida à observação do processo de mudança e de transformação – que distingue, envolve e correlaciona tudo o que tem vida – figuraria como elemento comum a ecoar por toda a sua produção intelectual. Ressalta-se, pois, que não se deve perder de vista a indissociabilidade entre ciência, arte e vida, que assume, no universo goethiano, relevância fundamental.

Posto isso, no primeiro capítulo, propõe-se voltar o olhar para os principais conceitos que emergiram de seus estudos no campo das ciências naturais – sobretudo, o de “polaridade” (*Polarität*) e o de “intensificação” (*Steigerung*) –, valendo-se, principalmente, da análise de *A metamorfose das plantas* (*Die Metamorphose der Pflanzen*).<sup>6</sup>

O intento de se lançar luz sobre esses conceitos reside não somente no fato de também estarem relacionados à estética de Goethe<sup>7</sup>. Para os propósitos do presente trabalho, importa investigar em que medida esses mesmos conceitos

---

<sup>5</sup> A esse respeito ver, por exemplo, o trabalho de Maria Filomena Molder, que propõe uma leitura de Goethe a partir da confluência entre as tradições platônica e aristotélica. MOLDER, Maria Filomena. **O pensamento morfológico de Goethe**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1995.

<sup>6</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. **A metamorfose das plantas**. Tradução, Introdução, Notas e Apêndices de Maria Filomena Molder. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

<sup>7</sup> Em sua tese de doutoramento, Magali dos Santos Moura se propõe a analisar a relação, na obra de Goethe, entre ciência e arte, investigando como conceitos desenvolvidos em seus trabalhos científicos direcionaram, também, seus estudos sobre estética. Por esse motivo, o diálogo com o trabalho da autora se mostrou de grande relevância para a construção da argumentação do primeiro capítulo. MOURA, Magali dos Santos. **A poiesis orgânica de Goethe: a construção de um diálogo entre arte e ciência**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8144/tde-09082007-141708/pt-br.php>. Acesso em: 20/09/2015.

podem auxiliar na compreensão da conformação de uma perspectiva autobiográfica goethiana, ou seja, na maneira singular pela qual o escritor procurou atribuir sentido às suas próprias experiências pessoais, a partir da tentativa de entender-se enquanto indivíduo que se formou pelo embate das distintas possibilidades abertas ao ser humano. O anseio pela plenitude do existir aliado à vivência total da potencialidade do ser – síntese do desejo do escritor de “querer ser tudo” – se distingue enquanto fundamento próprio da concepção goethiana de individualidade, que no concernente ao âmbito dos seres orgânicos se apresenta como noção indissociável da totalidade regimentar da natureza, porque relacionada à ideia de pluralidade, que conformaria, em variados sentidos, a constituição individual.

Em consonância à análise dos conceitos de polaridade e de intensificação, que à primeira vista se inscrevem no registro da produção científica de Goethe, serão observadas a proposição de uma nova ciência, a morfologia, e, conseqüentemente, a de uma renovada ideia de forma. Entendida pelo escritor enquanto um devir, um vir a ser, esta concepção adquire redobrada importância quando dimensionada a partir do vértice da experiência humana – ressaltando-se sua especificidade enquanto espécie produtora de cultura –, uma vez que se caracteriza pela dissolução do sentido de forma enquanto *Gestalt* e pela emergência do conteúdo semântico que engloba a noção de *Bildung*: forma enquanto formação, transformação.

Como objetivo último a perpassar o primeiro capítulo, aspira-se a elucidar a percepção plástica que caracteriza o pensamento goethiano e que possibilita relacionar, em seus escritos, homem e natureza. Apoiando-se em seu conceito de metamorfose, há a compreensão da existência de uma plasticidade do conhecimento decorrente da apreensão e da correlação dos conceitos anteriormente mencionados. Junto a isso, a noção de indivíduo que emerge de seus estudos científicos – um ser plural, em constante devir e que almeja, a todo custo, sobrepor-se à efemeridade da vida – apresenta-se enquanto instrumento pertinente para o entendimento da conformação da perspectiva autobiográfica goethiana, que virá ao encontro, posteriormente, da análise de passagens de sua

autobiografia mais conhecida, *Memórias: poesia e verdade (Aus Meinem Leben. Dichtung und Wahrheit)*.<sup>8</sup>

Circunscrito seu conceito de metamorfose, no segundo capítulo a atenção estará voltada para a apresentação histórica feita por Goethe de sua produção científica, no sentido de acompanhar a lembrança levada a cabo pelo escritor de seu adentrar nos estudos botânicos. Sendo assim, será empreendida a recuperação de alguns textos publicados entre os anos de 1817 e 1824 e que se caracterizam pela confluência entre explanação científica e narrativa de cunho autobiográfico.

A princípio, objetiva-se atentar para a maneira como Goethe reconstituiu sua trajetória inicial no campo da botânica, viabilizando tanto a identificação das motivações que o guiaram quanto os percalços inerentes ao curso de suas investigações, o que levará, conseqüentemente, à análise da recepção de *A metamorfose das plantas*. Visa-se, com isso, argumentar que seu recorrente esforço de acesso ao passado, para além de uma simples recordação, significou a oportunidade de visitar, explicar, corroborar e aperfeiçoar conceitos fundamentais ao seu propósito de apreensão da conformação de todo organismo vivo, ao se valer do estudo das plantas.

Ao se compreender a importância da narrativa histórica desse seu adentrar no mundo da botânica, e a forma como a lembrança, em Goethe, atua sobre a experiência visando, sempre, algo profícuo, produtivo, volta-se o olhar, no terceiro capítulo, para a escrita de *Memórias: poesia e verdade*. Na esteira de um direcionamento apontado por Johann Peter Eckermann (1791-1854), em *Conversações com Goethe*<sup>9</sup>, que ressalta tanto a dedicação e o relevo atribuídos pelo próprio escritor à última parte de sua autobiografia quanto o interesse público que adviria do conhecimento dos anos que precederam sua ida para Weimar, pretende-se dar especial enfoque à parte final da autobiografia goethiana,

<sup>8</sup> Lança-se mão, no presente estudo, da edição espanhola desta obra de Goethe, acrescida de notas e de comentários. As traduções presentes ao longo do texto são nossas, estando as passagens transcritas devidamente referenciadas, em nota de rodapé. Para a tradução de alguns trechos, houve o cotejamento com a edição brasileira. GOETHE, Johann Wolfgang von. **Poesía y verdad**. Traducción, introducción y notas de Rosa Sala. Barcelona: Alba, 2010; GOETHE, Johann Wolfgang von. **Memórias: poesia e verdade**. Primeiro volume. Trad. Leonel Vallandro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília/HUCITEC, 1986; GOETHE, Johann Wolfgang von. **Memórias: poesia e verdade**. Segundo volume. Trad. Leonel Vallandro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília/HUCITEC, 1986.

<sup>9</sup> ECKERMAN, Johann Peter. **Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida: 1823-1832**. Trad. Mario Luiz Frungillo. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

sobretudo, ao seu último Livro. Isso não significou abrir mão de demais passagens que auxiliaram na construção da presente argumentação. Toma-se sua Quarta Parte, outrossim, como um recorte do objeto, no sentido de propiciar um desenvolvimento mais detalhado de algumas questões.

Essa delimitação ganha, por um lado, maior relevância em função do entendimento de que o registro desse período – ao passar, posteriormente, pelo crivo do tempo e da memória – adquire importância central para a concessão de unidade à própria história de vida do escritor, por meio de uma estruturação narrativa que lança um olhar retrospectivo sobre um momento de profunda crise e ruptura no concernente ao âmbito de sua existência individual, relacionado às incertezas que permearam seu traslado para o grão-ducado de Weimar. Por outro lado – e se levando em conta, ademais, o fato de ter sido concluída dezessete anos após a aparição sequenciada das três partes que a antecederam –, os cinco livros que compõem a última parte da autobiografia de Goethe transformam-na em uma espécie de síntese de suas formulações acerca da real possibilidade de tradução da vida em escrita e da atribuição de sentido a experiências de cunho pessoal.

Nesse ponto específico, a discussão sobre o estatuto do discurso autobiográfico, na passagem do século XVIII para o XIX, adquire relativa importância. Ao mesmo tempo em que possibilita assegurar a existência de um desvelamento da personalidade, em Goethe, validando seu texto enquanto uma narrativa autobiográfica, permite especificar seu discurso no âmbito de um gênero que se consolidava. Para este sentido, confluem sua particular concepção de verdade em associação à de poesia.

Por fim, confere-se atenção especial ao conceito de demoníaco (*das Dämonische*), também desenvolvido no último quarto de *Memórias: poesia e verdade*. Com isso, intenta-se sua aproximação em relação à noção goethiana de metamorfose, que permite apreender, sob um ponto de vista ampliado e quando transposto ao âmbito da existência humana, a imputação de sentido às experiências individuais. Para tanto, leva-se em conta o fato de o conceito de metamorfose se mostrar associado à ideia de uma contínua transformação, representando a assimilação tanto da regra quanto daquilo que foge, em certa medida, à normatividade e designando, ademais, a consideração de uma não-negatividade, no que concerne às etapas que conformam o processo permanente de modificação de um organismo.

É neste sentido preciso que se sugere a pertinência dessa aproximação conceitual, por se entender que no discurso autobiográfico de Goethe seu olhar retrospectivo e reflexivo sobre o passado adquire uma característica potencialmente metamórfica. Argumenta-se, pois, que essa característica – que não deixa de ser comum às mais diversas narrativas autobiográficas –, além de ser um princípio que perpassa suas produções nos mais variados campos do saber adquire, neste escritor, a peculiaridade de se constituir enquanto elemento impulsionador e criador de vida, não prescindindo, assim, de abranger a energia ativa e a inquietação ilimitada que configuram, por sua vez, seu conceito de demoníaco.

Como se deseja demonstrar, a aproximação entre seus escritos científicos e sua narrativa autobiográfica se dá, pois, sob o viés da rememoração – da recordação –, que age sobre a experiência enquanto elemento fomentador: no caso das ciências naturais, permitindo ampliar, redirecionar e avivar determinados conceitos; no caso de sua história pessoal, levando-o à busca de um redimensionamento de sua própria existência, na ulterior atribuição de sentido a experiências pretéritas. Com isso, ressalta-se a afinidade interna entre esses dois âmbitos de sua produção, permitindo alinhar, por sua vez, concepções particulares de ciência e de história na conformação de sua própria perspectiva autobiográfica.

## 2 O conhecimento em Goethe: o sentido para a plasticidade

Lo ya formado pronto se verá de nuevo transformado, y si queremos alcanzar una intuición viviente de la naturaleza, tenemos que mantenernos flexibles y en movimiento, según el ejemplo mismo que ella nos da.

(J. W. von Goethe. *Introducción al objeto*, 1817)

A viagem italiana de Goethe, entre os anos de 1786 e 1788, foi fator elementar na transformação da percepção de mundo do escritor. A vivência em um país estrangeiro, o contato próximo com uma cultura que há muito o encantava e o desbravamento da natureza local, completamente diferente daquela de sua terra natal, fizeram com que a viagem, que a princípio duraria não mais que alguns meses, se estendesse por longos dois anos.

A primeira seção do presente capítulo tem como propósito discutir esse redirecionamento do olhar goethiano, ressaltando-se sua importância não apenas em relação à arte, mas também no concernente às ciências naturais. Além de corroborar e de aproximar este estudo de uma vertente interpretativa que assegura a existência de uma indissociabilidade, no escritor, entre as fronteiras da ciência e da arte, o destaque atribuído à experiência de Goethe com o ambiente natural intenta, sobretudo, localizar as origens de seu trabalho sobre a metamorfose das plantas.

Sendo assim, na segunda seção do capítulo, será empreendida uma análise de *A metamorfose das plantas* e de alguns textos posteriores a este ensaio de 1790. Visa-se, pois, a apreensão da acepção goethiana do conceito de metamorfose e de outros que lhe são correlatos, além de sua proposição de uma ciência morfológica. Junto a isso, a necessidade de se considerar uma dimensão temporal no estudo da natureza, a partir da aproximação entre sujeito e objeto, direcionará um feixe de luz sobre a própria plasticidade do conhecimento, em Goethe.

### 2.1.

#### **A viagem italiana de Goethe: o redimensionamento do olhar como precondição para a proposição de um projeto científico**

Às três horas da manhã escapuli de *Karlsbad*, pois do contrário não teriam me deixado partir. O grupo de pessoas que desejou comemorar de modo bastante amigável o 28 de agosto, meu aniversário, por certo adquiriu, assim, o direito de deter-me; eu não podia, porém, demorar-me mais ali. Munido apenas de um alforje e uma mochila de pele de texugo, lancei-me sozinho numa mala-posta e cheguei a *Zwota* às sete e meia, numa bela e tranquila manhã enevoadada. As nuvens mais altas feito riscos de lã, as mais baixas, pesadas. *Pareceram-me bons presságios. Após um verão tão ruim, tinha esperança de desfrutar de um belo outono.* Ao meio dia estava em *Eger*, sob um sol forte; ocorreu-me, então, que essa cidade se situa à mesma latitude de minha cidade natal e alegrei-me de poder mais uma vez almoçar sob um céu claro, abaixo do paralelo 50.<sup>10</sup> (grifo nosso)

O excerto acima, referente ao dia 03 de setembro de 1786, aclara a maneira um tanto quanto fugidia com que Goethe iniciou seu percurso, a caminho da Itália. A viagem, que teve seus preparativos tramados de maneira encoberta e que duraria os dois anos seguintes, significou um momento de profunda transição na vida do escritor. Embora, à própria época, o poeta já tivesse ciência da transformação interior a que a experiência do deslocamento o submetia, sua percepção parece ter se avivado quando, décadas mais tarde, já nos anos de 1816 e 1817, apropriou-se de cartas e diários, escritos ao longo da travessia, como material para a composição de *Viagem à Itália (Italienische Reise)*. A rememoração aliada ao lapidar de textos escritos em tempos longínquos – traço comum a percorrer os escritos autobiográficos goethianos – distinguiria também essa sua narrativa de viagem tanto pelo vigor da vivência imediata quanto pela reflexão sobre a mesma, proporcionada pelo lapso temporal que separou a apreensão da experiência no estrangeiro, à forma de uma escrita coetânea e resultante do calor do momento, da composição póstera e definitiva da obra em questão.

A dubiedade entre os sentimentos de contentamento e insatisfação, que pairava sobre sua atividade como escritor e sobre o trabalho burocrático que desempenhava junto à corte do grão-duque Karl August (1757-1828), em Weimar, contribuiu para que a espontaneidade das gentes e o colorido do mundo, ao sul, acenassem-lhe como possibilidade de anonimato e refúgio. Isso explica o fato de Goethe ter viajado para a Itália sob o codinome do pintor Johann Philipp Möller, estratégia que, acreditava, permitir-lhe-ia passar despercebido e experienciar o cotidiano das cidades italianas, animando o contato com seus habitantes, experiência inviável caso não estivesse ocultada a identidade do já famoso escritor

---

<sup>10</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. **Viagem à Itália (1786-1788)**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 11.

de *Os sofrimentos do jovem Werther*<sup>11</sup>. A passagem seguinte, transcrita de *Viagem à Itália* e referente ao dia 28 de setembro de 1786, é elucidativa a respeito desta sua ânsia por anonimato e solidão:

Desfruto agora da solidão pela qual tantas vezes suspirei ansioso, pois não há lugar onde nos sintamos mais sós do que na multidão em meio à qual avançamos inteiramente incógnitos. Em Veneza, conhece-me, talvez, uma única pessoa, e é decerto improvável que casualmente venhamos a nos encontrar.<sup>12</sup>

A viagem era vista, também, como ocasião propícia para a conclusão de algumas de suas obras. Goethe acreditava que seria então motivado pelo ambiente favorável ao pleno desenvolvimento artístico e em muito oposto àquele a que estava acostumado em sua “amorfa Alemanha”, com seu “céu sombrio”<sup>13</sup>. Rüdiger Safranski, em sua biografia do poeta alemão, sintetiza, da seguinte maneira, as razões que o teriam levado à Itália:

Os dois motivos principais de sua viagem foram: por um lado, despertar de novo em si o poeta e o artista, terminar algumas obras, a fim de ficar livre para algo novo; por outro, a nostalgia das terras italianas. A isso se unia a necessidade de distanciar-se provisoriamente dos assuntos oficiais e de Charlotte [von Stein]. Na primeira carta enviada da Itália lhe escreve: ‘Esta distância te dará mais que muitas vezes a minha presença.’<sup>14</sup>

Junto a esses motivos, pode-se acrescentar a intenção de tomar contato direto com o universo artístico italiano, oportunidade há muito desejada. No Livro

<sup>11</sup> Várias são as interpretações que tentam dar conta do sucesso imediato de *Die Leiden des jungen Werthers* entre o público letrado europeu. Para a compreensão do “fenômeno sociológico” que foi a recepção desse romance epistolar de Goethe, publicado em 1774, ver: MATOS, Luiz Fernando Batista Franklin de. O solilóquio de Werther. WERLE, Marco Aurélio; GALÉ, Pedro Fernandes (orgs.). **Arte e filosofia no Idealismo alemão**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2009. p. 141-159. Uma análise textual do romance goethiano, que permite situar seu escritor como importante nome do discurso filosófico da modernidade – mais em função de uma crítica aos padrões sociais vigentes do que pela representação literária dos mesmos – pode ser encontrada em: SILVA, Felipe Vale da. *Die Leiden des jungen Werthers* à luz da história do conceito de subjetividade. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 16, n. 21, p. 79-110, Jun., 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/64130/66816>. Acesso em: 09/07/2016.

<sup>12</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 1999. p. 76.

<sup>13</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. Fortuna del manuscrito. \_\_\_\_\_. **Teoría de la naturaleza**. Estudio preliminar, traducción y notas de Diego Sánchez Meca. Editorial Tecnos: Madrid, 2013. p. 75.

<sup>14</sup> Los dos motivos principales de su viaje eran: por una parte, despertar de nuevo en sí al poeta e al artista, terminar algunas obras, a fin de quedar libre para algo nuevo; por otra parte, la añoranza de las tierras italianas. A esto se añadía la necesidad de distanciarse provisionalmente de los asuntos oficiales y de Charlotte. En la primera carta desde Italia le escribe: “Esta distancia te dará más que muchas veces mi presencia.” SAFRANSKI, Rüdiger. **Goethe: la vida como obra de arte**. Traducción del alemán de Raul Gabás. Barcelona: Tusquest Editores, 2015. p. 299.

I de *Memórias: poesia e verdade*, Goethe deixa entrever como a ambiência cultural da Itália se fizera presença constante em sua infância, quer por meio do convívio entre os quadros que compunham a coleção particular de seu pai, adornando uma antecâmara de sua casa, em Frankfurt am Main, quer através da rememoração dos anos em que o próprio Johann Caspar havia peregrinado por território italiano, assunto recorrente nas conversas da família:

O que mais atraía meus olhares no interior da casa era uma série de vistas de Roma, com as quais meu pai havia decorado uma antecâmara, gravadas por alguns hábeis antecessores de Piranesi entendidos em arquitetura e perspectiva e de buril nítido e apreciável. Aqui via diariamente a Piazza del Popolo, o Coliseu, a praça de São Pedro, a basílica de São Pedro por dentro e por fora, o castelo de Santo Ângelo e algumas outras coisas. Essas imagens gravaram-se profundamente em mim e meu pai, de ordinário muito lacônico, teve alguma vez a amabilidade de fazer uma descrição de seus objetos.<sup>15</sup>

Além do propósito de ampliação e de aperfeiçoamento de seu horizonte cultural, por meio do contato *in loco* com as obras de arte, da necessidade de satisfação dessas curiosidades ruminadas desde a infância e daqueles motivos mais atuais, que advinham da exigência de um imediato afastamento de Weimar, a viagem iniciada pelo poeta se mostraria também de grande importância para o aprofundamento e desenvolvimento de suas pesquisas científicas. Dessa viagem a terras italianas resultariam bons frutos para suas investigações nos campos da meteorologia, da geologia, da mineralogia, da óptica e, sobretudo, da botânica.

É a essa confluência de fatores que se deseja dar relevo ao se iniciar o presente capítulo com uma breve referência à viagem italiana de Goethe, uma vez que a experiência no estrangeiro – o contato com o outro, com o desconhecido, o diferente – embasaria e favoreceria o surgimento de uma nova postura do escritor, redirecionando, ademais, tanto suas proposições referentes ao universo da arte quanto seus estudos desenvolvidos no âmbito das ciências naturais. Alguns de seus trabalhos científicos seriam, posteriormente, sobrepostos pelo próprio Goethe à sua produção poética, como se pode apreender desta conhecida passagem

<sup>15</sup> Lo que más atraía mi mirada en el interior de la casa era una serie de vistas de Roma con las que mi padre había decorado una antecámara, grabados por algunos hábiles antecesores de Piranesi entendidos en arquitectura y perspectiva y de buril nítido y apreciable. Aquí veía a diario la Piazza del Popolo, el Coliseo, la plaza de San Pedro, la basílica de San Pedro por dentro y por fuera, el castillo de Sant'Angelo y alguna cosa más. Estas formas se me quedaron profundamente grabadas y mi padre, en general muy lacónico, tuvo alguna vez la amabilidad de efectuar una descripción de sus objetos. GOETHE, Johann Wolfgang von. **Poesía y verdad**. Traducción, introducción y notas de Rosa Sala. Barcelona: Alba, 2010. p. 29.

transcrita por Johann Peter Eckermann (1792-1854) em seu livro, *Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida: 1823-1832 (Gespräche mit Goethe in den letzten Jahren seines Lebens)*, em que o renomado poeta faz menção à *Doutrina das cores (Die Farbenlehre)*, aquela que talvez seja a sua obra de maior envergadura no âmbito das ciências da natureza:

Não alimento nenhuma ilusão – costumava dizer – a respeito de tudo que realizei como poeta. Fui contemporâneo de excelentes poetas, antes de mim viveram outros ainda melhores, e depois de mim ainda os haverá. Mas que na difícil ciência da teoria das cores eu seja o único em meu século a conhecer a verdade, disso posso me gabar, e por isso tenho consciência de minha superioridade em relação a muita gente.<sup>16</sup>

Mirella Guidotti, ao chamar a atenção para o divisor de águas que foi a experiência italiana de Goethe, propôs-se a interpretá-la a partir da noção de um “renascimento”, que teria levado o poeta à elaboração de uma nova estética<sup>17</sup>. A análise da autora – dirigida, sobremaneira, pelo propósito de tentar associar o processo de formação individual do narrador, a sua *Bildung*, ao surgimento de um modo genuíno de contemplação da obra de arte – deixa margem à inferência de que o mesmo princípio atribuído à construção do olhar goethiano, no que diz respeito à observação direta, à contemplação imanente do objeto artístico, pode e deve ser compartilhado, por sua vez, com os fenômenos atinentes ao âmbito da natureza. A passagem seguinte, ao se apoiar nessa inferência, permite sua apreciação enquanto argumento a evidenciar um novo olhar goethiano também sobre os objetos naturais:

É alegre e instrutivo passear por entre uma vegetação que nos é estranha. Em meio às plantas habituais ou a objetos que conhecemos de longa data, não pensamos coisa alguma, *e de que vale a contemplação sem a reflexão?* Aqui, *diante dessa multiplicidade que me é nova, torna-se cada vez mais viva a ideia de que talvez seja possível remontar todos os tipos de plantas a uma única.* Somente assim seria possível determinar verdadeiramente os gêneros e as espécies, o que, no meu entender, até hoje se faz de maneira bastante arbitrária. Foi nesse ponto que emperrei em minha filosofia botânica, e ainda não vejo como desenredar-me. A questão me parece tão profunda quanto ampla.<sup>18</sup> (grifos nossos)

<sup>16</sup> ECKERMANN, Johann Peter. *Op. cit.*, 2016. p. 320.

<sup>17</sup> GUIDOTTI, Mirella. A construção do olhar: a *Viagem à Itália*, de Goethe. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 15, n.19, p.122-136, Jul., 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pg/v15n19/a07v15n19.pdf>. Acesso em: 20/08/2015.

<sup>18</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 1999. p. 71. A passagem destacada faz alusão à ideia goethiana da *Urpflanze*, a planta primordial, que o acompanhava durante sua viagem pela península itálica. Em função de ter perdido centralidade no âmbito dos estudos botânicos de

Transcrito de *Viagem à Itália* e subscrito sob a data de 27 de setembro de 1786, quando da passagem do escritor pela cidade de Pádua, o trecho acima mostra-se pertinente por explanar algumas questões como, por exemplo, a necessidade de se alinhar contemplação e reflexão e a busca por uma lei que permitisse aproximar a percepção da existência de uma multiplicidade de formas à ideia de unidade que, conseqüentemente, levaria à proposição goethiana de se apreender a constituição do organismo vivo em seu movimento, em sua transformação. Em contrapartida, isso exigiria uma constante mudança daquele que observa, um exercício de autoconhecimento por parte do pesquisador que se inscreveria em um registro científico apartado, por sua vez, da normatividade das ciências exatas. Essa questão mostrar-se-á mais evidente na próxima seção do capítulo, na esteira da discussão da estrutura narrativa e da apresentação do procedimento descritivo de que se apropria o escritor para o desenvolvimento de seu conceito de metamorfose, em análise de *A metamorfose das plantas* e de textos posteriores, nos quais Goethe retoma e amplia conceitos desenvolvidos em seu ensaio de 1790.

Neste primeiro momento, interessa ressaltar que a relevância facultada por Goethe ao contato direto com o objeto da arte, como ressaltado por Guidotti, sugere a importância concedida ao aparelho sensorial, mais precisamente à visão, como via para a construção do conhecimento, uma vez que operaria na transformação do próprio ato da percepção do observador. Monumentos arquitetônicos, esculturas, pinturas, paisagens naturais que antes eram conhecidos, somente, por um caminho enviesado, através de reproduções ou relatos compilados em livros de viagem, apresentam-se, agora, aos olhos do escritor-viajante, possibilitando a apreciação direta do próprio objeto, favorecendo a formação de um juízo particular e, conseqüentemente, a confrontação com o conhecimento até ali adquirido, o que pressupõe uma associação entre visão e pensamento, através da prática reflexiva.

Assim, uma primeira questão relacionada ao problema do conhecimento, em Goethe, apresenta-se: a interdependência entre sujeito e objeto, que corrobora

---

Goethe, não vindo a figurar em *A metamorfose das plantas* – uma vez substituída pela própria noção de metamorfose –, não haverá um maior desenvolvimento dessa ideia no presente trabalho. Para uma discussão sobre o assunto, ver: MOLDER, Maria Filomena. Introdução. GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 1993. p. 9-29; MOLDER, Maria Filomena. *Op. cit.*, 1995.

a centralidade, para a efetivação do conhecer, tanto do sujeito que contempla quanto do objeto que é apreendido – e, posteriormente, conhecido – a partir do ato inicial da contemplação. Essa reciprocidade é registrada de maneira precisa pelo próprio Goethe em *Justificação da empresa*<sup>19</sup>, um dos textos de cunho autobiográfico que permitem vislumbrar, ademais, o desdobramento de seu conceito de metamorfose:

Quando o homem, induzido a uma viva observação, começa a manter uma luta com a natureza, sente antes o impulso irrefreável de submeter os objetos a si próprio. No entanto, prontamente estes se lhe impõem com tal força, que sente o quão razoável seria reconhecer seu poder e respeitar sua ação. Apenas se convença deste influxo recíproco, terá em conta uma duplicidade infinita: por parte dos objetos, a multiplicidade do ser, do devir e das relações que se entrecruzam de um modo vivente; *por parte dele mesmo, a possibilidade de um aperfeiçoamento ilimitado, na medida em que seja capaz de adaptar, tanto sua sensibilidade quanto seu juízo, a formas sempre novas de recepção e de reação.*<sup>20</sup> (grifo nosso)

A passagem acima reforça a identificação, por Guidotti, de uma ruptura em relação à submissão do fenômeno artístico a julgamentos *a priori*, uma vez que o sujeito cognoscente não seria parte exclusiva e detentor unânime, ou epicentro, do processo de conhecimento. Pode-se afirmar, então, que o sentido da visão, de importância basilar na apreciação sensualista do fenômeno, associa-se de maneira indelével a uma determinada teoria goethiana do conhecimento, em que a teoria propriamente dita, decorrente de uma atividade pensante do sujeito

<sup>19</sup> Este texto se encontra na primeira parte da obra *Teoría de la naturaleza*, que reúne escritos científicos de Goethe, com estudo preliminar, tradução e notas de Diego Sánchez Meca. Originalmente, foi publicado pelo escritor, juntamente com outros textos que serão analisados no próximo capítulo, em *Naturwissenschaft überhaupt, besonders zur Morphologie. Erfahrung, Betrachtung, Folgerung, durch Lebensereignisse verbunden*, Stuttgart/Tübingen, 1817-1824, volume 1, caderno 1, publicação posteriormente conhecida como *Zur Morphologie*. Segundo Sánchez Meca, esses escritos podem ser encontrados, na edição de Weimar das obras completas de Goethe, nos volumes 6-8. Entretanto, em *Teoría de la naturaleza*, seguiu-se o critério do volume 17 de *Gedenkausgabe der Werke, Briefe und Gespräche Goethes*, e do volume 13 da *Hamburger Ausgabe*, acrescentando-se à organização original de Goethe os estudos “Vorarbeiten zu einer Physiologie der Pflanzen” (“Trabalhos prévios para uma fisiologia das plantas”), “Vorarbeiten zur Morphologie” (“Trabalhos preliminares sobre a morfologia”) e “Nacharbeiten und Sammlungen” (“Trabalhos posteriores e recopilações”), que serão, por sua vez, recuperados já na próxima seção deste capítulo. GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2013. p. 3-5.

<sup>20</sup> Cuando el hombre, inducido a una viva observación, comienza a mantener una lucha con la naturaleza, siente ante todo el impulso irrefrenable de someter a sí mismo los objetos. Sin embargo, muy pronto éstos se le imponen con tal fuerza que siente cuán razonable sea reconocer su poder y respetar su acción. Apenas se convença de este influjo recíproco, caerá en la cuenta de un doble infinito: por parte de los objetos, la multiplicidad del ser, del devenir y de las relaciones que se entrecruzan de un modo viviente; por parte de él mismo, la posibilidad de un perfeccionamiento ilimitado en la medida en que sea capaz de adaptar, tanto su sensibilidad como su juicio, a formas siempre nuevas de recepción y de reacción. *Ibidem*, p. 3.

cognoscente, emergiria em concomitância à prática da observação, distinguindo-se por uma atitude – também no concernente à esfera científica – que parte da contemplação imanente do particular não perdendo de vista, entretanto, a conformação de um todo, ou seja, a perspectiva de uma ideia de totalidade, problema que será retomado mais à frente.

Nesse mesmo sentido, atenta-se para o processo metamórfico que atua sobre o observador devido a seu contato direto com o objeto e à medida que há a contemplação inerente desse mesmo objeto. A passagem subsequente, referente à estada do poeta em Roma e registrada sob a data de 20 de dezembro de 1786, permite correlacionar o aprendizado em relação à arte – originário, reitera-se, da prática ininterrupta e exaustiva da contemplação aliada, ademais, ao processamento cognitivo daquilo que é apreendido pelo olhar – à transformação interior que desestabilizaria permanentemente o escritor, modificando-o profundamente. Neste caso singular, essa transformação se faz perceptível por meio da alusão à renovação de seu senso moral, entendida como algo extremamente positivo e subsumida ao registro de uma determinada concepção de alteridade, decorrente de suas novas experiências e do desbravamento de um mundo que lhe era novo e que apresentava, a cada instante, certo ar de ineditismo, algo de insólito, que se apartava daquilo que lhe parecia convencional:

O renascimento que me transforma de dentro para fora segue seu curso. Por certo, eu acreditava que fosse aprender de verdade aqui; mas não pensei que fosse ter de voltar à escola primária, que precisaria desaprender, ou verdadeiramente reaprender tanto. Disso já me encontro agora convencido, tendo-me entregado por completo a esse aprendizado, e quanto mais me vejo obrigado a negar a mim mesmo, tanto mais me alegro. Sou como um arquiteto que, desejando construir uma torre, deu-lhe uma fundação ruim; a tempo, apercebe-se disso e demole o quanto já erguera; busca, então, ampliar e aperfeiçoar seu projeto, dar-lhe alicerces mais seguros e compraz-se já, de antemão, da indubitável solidez da futura construção. *Conceda-me o céu que, quando do meu retorno, também as consequências morais resultantes desta minha vida num mundo mais amplo se façam sentir, pois, juntamente com a percepção para a arte, também o meu senso moral vem passando por grande renovação.*<sup>21</sup> (grifo nosso)

Essa autopercepção de uma transformação do “senso moral” mostra-se de fundamental importância para a discussão de uma perspectiva autobiográfica goethiana, uma vez que aproxima homem e natureza no concernente à necessidade de uma constante transformação, como explorado nos próximos

<sup>21</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 1999. p. 178.

capítulos. Por ora, importa salientar que a experiência italiana de Goethe teria sido, então, elemento propulsor de uma nova perspectivação e de um redirecionamento de seu olhar não somente enquanto artista, mas também como cientista. Se ao contato direto com o objeto da arte o olho se forma, bem como o sujeito que contempla tal objeto, o mesmo se daria em relação às manifestações do mundo natural. As páginas de *Viagem à Itália* possibilitam um vislumbre desse elemento comum a unir natureza e arte sob o vértice, primordial, do olhar. A 16 de fevereiro de 1787, ainda em Roma, escreveu Goethe:

O tempo está magnífico, os dias fazem-se mais longos a olhos vistos, os loureiros e os buxos florescem, e as amendoeiras também. Hoje pela manhã surpreendeu-me uma visão singular: vi de longe árvores altas, semelhantes a estacas, todas elas revestidas da mais bela cor violeta. Examinando-as mais de perto, constatei que se trata daquela árvore que, em nossas estufas, conhecemos pelo nome de “árvore de Judas”, denominada *Cercis siliquastrum* pelos botânicos. Suas flores de cor violeta, em forma de borboleta, nascem do próprio caule. As que vi ao longe, feito estacas, haviam sido podadas no último inverno, e de sua casca nascia aos milhares a flor colorida e bem desenhada. As margaridas surgem do chão feito formigas, mais raro é ver-se o açafraão e o adônis, tanto mais graciosos e belos por isso.

*Que alegrias e conhecimentos não me trará o Sul [Nápoles], provendo-me de novos resultados! Com as coisas da natureza dá-se o mesmo que ocorre com a arte: já se escreveu tanto a respeito e, no entanto, cada um que as contempla é capaz de combiná-las de uma forma nova.*<sup>22</sup> (grifo nosso)

Ao se refletir sobre o modo como o escritor interage com os produtos da natureza e da arte é possível entender que não havia, para Goethe, uma dissociação extremada entre essas duas esferas; mas, antes, uma correlação. Entre os estudiosos de suas obras, essa correlação tem sustentado a tese de uma recusa de sua parte à aceitação de uma compartimentação, especialização e fragmentação de saberes, haja vista seu entendimento de que arte e natureza e, ainda, a própria existência humana, seriam regidas pelas mesmas leis, por ele conceituadas de leis da polaridade (*Polarität*) e da intensificação (*Steigerung*)<sup>23</sup>. Izabela Kestler, por exemplo, ao se debruçar sobre seus estudos científicos, acentua justamente a relação entre ciência e arte ao acenar para o fato de que na harmonia entre homem e natureza e na reciprocidade entre matéria e espírito residiriam a possibilidade de

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 202.

<sup>23</sup> Ver, por exemplo: MOURA, Magali dos Santos. *Op. cit.*, 2006; MOLDER, Maria Filomena. *Op. cit.*, 1995.

avaliação e de interpretação da obra poética do escritor alemão<sup>24</sup>. Como um passo a ser dado nos intentos do presente trabalho, ressalta-se que esses mesmos princípios alicerçariam, também, a estruturação da perspectiva autobiográfica de Goethe, considerando-se, ainda, como elemento aglutinador, a própria ideia de sociedade em sua interdependência em relação à noção de indivíduo.

Os conceitos de polaridade e de intensificação, que se originaram nas pesquisas científicas do escritor e que perpassaram grande parte de seus estudos nesse campo do saber, serão aqui desenvolvidos a partir da análise de *A metamorfose das plantas* e de alguns textos posteriores, nos quais o autor recupera questões fundamentais já presentes em seu ensaio de 1790.

## 2.2.

### ***A metamorfose das plantas: os conceitos de polaridade (Polarität) e de intensificação (Steigerung)***

Quando consideramos um objeto em todas as suas partes, captando-o corretamente e sendo capazes de reproduzi-lo no espírito, podemos dizer que o contemplamos no sentido autêntico e superior; e, ainda, que ele nos pertence e que nós adquirimos certo domínio sobre ele. E assim o particular nos conduz sempre ao universal, e o universal ao particular. Ambos interagem em toda observação, em toda interpretação.

(J. W. von Goethe. *Polaridade*, 1805)

A economia textual de *A metamorfose das plantas*<sup>25</sup> – com sua escrita enxuta, tópica, direta – apresenta-se inversamente proporcional à grandeza de questões reavivadas e fomentadas pela obra. Já na “Introdução” desse ensaio, publicado pela primeira vez em 1790, Goethe explicita, de maneira precisa, seu propósito: o de apreender as leis da metamorfose por meio da observação da progressão do crescimento de determinado vegetal.

A apropriação da noção de progresso assume, de imediato, uma maior amplitude no âmbito geral do discurso goethiano por designar, além da acepção de um desenvolvimento gradual e constante, uma das metamorfoses especificadas pelo escritor: precisamente aquela sob a qual se assenta a estruturação narrativa de seu ensaio. Chama a atenção, com isso, para a possibilidade de a metamorfose das

<sup>24</sup> KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Op. cit.*, 2006.

<sup>25</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 1993.

plantas se apresentar de três maneiras distintas: além da metamorfose “regular”, ou “progressiva”, caracterizada pelo desenvolvimento contínuo da planta, desde as primeiras folhas da semente até ao fruto, existiria ainda a “regressiva”, ou “irregular”, em que parece existir como que um retrocesso, uma vez que ocorre a composição das flores, porém, destituídas de vigor para a formação dos frutos, e a “ocasional”, dependente de fenômenos exteriores, no mais das vezes, da existência de insetos polinizadores.<sup>26</sup>

Essa progressão do crescimento da planta se caracteriza enquanto um processo em que algumas de suas partes exteriores assumem a forma de partes contíguas, sucessivamente atuando a parte precedente de maneira ativa na produção da subsequente, que já se encontrava, na forma anterior, em potencial estado de devir, de vir a ser. Resulta daí o aparecimento das mais diversas partes a partir da modificação de um único órgão que, no transcorrer do processo, apenas se manifesta, a cada momento, de maneira alterada. A constatação da manutenção de uma mesma forma se daria, pois, em concomitância à observação da variedade e da diferença decorrentes dessas etapas de constituição da planta.

Sob o vértice do olhar goethiano, as leis da metamorfose das plantas dão-se, então, à observação, lenta e gradativa, de sua manifestação, permitindo a sustentação do pressuposto de afinidade entre suas partes, contínuas e distintas. Assim, na primeira seção do ensaio, ao dirigir a atenção para os cotilédones – a exteriorização primordial da planta, após o ruir do envoltório da semente –, torna-se possível distinguir aquele princípio sob o qual Goethe opera, orientador de toda a sua exposição: os cotilédones, preexistentes na semente, apesar de seu caráter informe, nada mais são do que folhas, embora não completamente constituídas.

Ainda no concernente à observação dos estágios foliares, anteriores ao instante de transição para a inflorescência, esse mesmo princípio norteador embasa a descrição dos sucessivos momentos de crescimento da planta. Neste sentido, volta-se o olhar para a continuada formação das folhas caulinares que, de nó em nó, afastam-se cada vez mais de seu estado de plúmulas – o mais simples, em que se mostram dobradas, entre os cotilédones, também encapsuladas pelo envoltório da semente – e alcançam seu pleno aperfeiçoamento, o mesmo estendendo-se aos pecíolos, em sua tendência de adotarem a forma das folhas.

---

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 35-6.

Em sua fase de preparação para a inflorescência, observam-se, nas folhas caulinares, movimentos de contração, da periferia para o centro, e de expansão em suas partes inferiores que, ligadas ao caule, transformar-se-ão em sépalas – cada uma das partes constituintes do cálice. Interessante a constatação goethiana acerca da necessidade como elemento estimulador desse processo, uma vez que associa a escassez de alimentação à aceleração da metamorfose, que se daria, então, de maneira irresistível. Como se pretende demonstrar no curso deste trabalho, este mesmo princípio da necessidade, que atua de modo significativo na acentuação do processo de metamorfose, é transposto do domínio da natureza vegetal para o do homem; pois, se no âmbito dos vegetais a ausência, a falta, a privação aguçam o crescimento da planta, na esfera humana, analogamente, intensificam a busca pela formação individual.<sup>27</sup>

Desse primeiro grande embate, ritmado, entre contração e expansão, que faz surgir as variadas partes da planta, ressalta-se a perpetuação de um mesmo órgão que, a cada instante, apenas se revela de modo díspar, como já atentado anteriormente. No parágrafo 38 de seu ensaio, Goethe reitera a modificável perduração desse órgão único – de “um futuro e contínuo aperfeiçoamento”<sup>28</sup> –, rumo ao alvo final do processo de metamorfose que é, adianta-se, a reprodução:

38. Desta maneira, forma a Natureza o cálice, ao *reunir* em torno de um ponto várias folhas e, por conseguinte, vários nós, que antes produzira *uns atrás dos outros* e a alguma distância *uns dos outros*, a maior parte das vezes num certo e determinado número e ordem. Se se tivesse impedido a inflorescência através de uma alimentação importuna e supérflua, então elas ter-se-iam separado uma das outras e apareceriam no seu primeiro aspecto. Com o cálice, a Natureza não forma, portanto, nenhum órgão novo, pelo contrário, apenas reúne e modifica aqueles conhecidos órgãos em transição e prepara-se desse modo para uma fase mais próxima do alvo.<sup>29</sup> (grifos do autor)

<sup>27</sup> Como um simples exemplo, vale lembrar a epígrafe da Primeira Parte de *Memórias: poesia e verdade*: “o homem que não é posto à prova não se instrui”. Segundo a edição espanhola, de que se lança mão – “Hombre no escarmentado no es educado” –, esse seria um verso do comediógrafo grego Menandro, anotado por Goethe, no dia 30 de abril de 1809, em seu diário. GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2010. p. 23. A importância de Menandro – que em seu estágio de pureza, nobreza, grandeza e alegria inatingíveis seria sobreposto apenas por Sófocles – é ressaltada por Goethe em conversa transcrita por Eckermann e registrada sob a data de 12 de maio de 1825. Também em registro de 28 de março de 1827, Goethe diz ser possível comparar “o grande grego” a somente um escritor moderno, Molière. Eckermann, Johann Peter. *Op. cit.*, 2016. p. 161; 576.

<sup>28</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 1993. p.42.

<sup>29</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. *loc. cit.*

À contração dos órgãos da planta, para a constituição do cálice, segue-se uma grande expansão, agora para a formação da corola. Ao se levar em conta a modificação observada nesta fase do crescimento da planta, parece que o conjunto das pétalas teria podido se configurar em um novo órgão completamente diferente, não fosse a sabida afinidade entre todas as suas partes, sempre identificada através do persistente ato do olhar. E essa afinidade se torna tão mais explícita na transição seguinte, da forma da pétala para a do estame, do que em qualquer outra até então acompanhada por Goethe. Como sugere o próprio escritor, é durante a fase da inflorescência que se deve ficar mais atento para a proximidade das etapas de uma sequência alternada, e cada vez mais dinâmica, entre os movimentos de contração e de expansão.

Toda a atenção requerida permite, por exemplo, entender a constituição dos nectários e a especificidade de sua formação difusa, tendente a se aproximar ora da forma das pétalas, ora da dos estames. Neste momento da descrição goethiana, seu ensaio possibilita entrever como o escritor se mostra devedor da ciência botânica de sua época – sobretudo à figura de Carl von Linné (1707-1778)<sup>30</sup> – e, ao mesmo tempo, como procura superar a sistematização disseminada pelas ciências naturais, sua tendência de separar e dividir. No caso da botânica, essa sistematização se caracterizava pelo desmembramento de cada parte da planta e por sua classificação em rubricas distintas, sem a consideração do vegetal como um todo e, com isso, sem que se associasse a multiplicidade das formas apresentadas a uma ideia de unidade. Os extratos subsequentes aclaram a deferência goethiana a Lineu e permitem divisar certa objeção a respeito da instrumentalização em que incorria a ciência botânica do Setecentos, ainda que, mais precisamente no parágrafo 59, Goethe pareça atenuar sua crítica:

52. A maior parte daqueles órgãos formados de maneiras diferentes, que Lineu designou com o nome de nectários, podem agrupar-se sob este conceito [*transições lentas das pétalas para estames*]; e também aqui temos oportunidade de admirar a grande perspicácia deste homem extraordinário, que, *sem se aperceber de um modo completamente claro da função destas partes*, se fiou num pressentimento e se atreveu a unificar com um nome órgãos de aparência tão diversa.<sup>31</sup> (grifos nossos)

<sup>30</sup> Daqui em diante, o naturalista sueco será referenciado apenas como Lineu, nome pelo qual é mais conhecido na literatura especializada, em língua portuguesa. A relação entre Goethe e os trabalhos de Lineu será retomada, posteriormente.

<sup>31</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 1993. p. 44.

59. Seria desnecessário acautelarmo-nos aqui seriamente contra a ideia de haver nestas observações uma intenção de confundir aquilo que, pelos esforços dos observadores e sistemáticos, está separado e organizado em rubricas; apenas desejaríamos, através destas observações, tornar mais explicável as formações irregulares das plantas.<sup>32</sup>

A afinidade percebida entre as partes exteriores da planta é encontrada, também, entre suas partes interiores. E essa identidade se dá, ainda, entre o estame e o pistilo, respectivamente, a parte masculina e feminina da planta, que produzidas a partir de vasos em espiral, contraídos, não constituem outros órgãos que não aqueles cujo desenvolvimento se vem seguindo:

73. Repetimos aqui aquelas observações acima mencionadas, a saber, que pistilo e estames estão no mesmo grau de crescimento; e explicitamos, por isso, uma vez mais, aquele princípio do expandir e contrair alternados. Desde a semente até ao mais perfeito desenvolvimento das folhas caulinares, observámos em primeiro lugar uma expansão; em seguida, vimos, através de uma contracção, surgir o cálice; as pétalas, através de uma expansão; as partes sexuais, através de uma contracção; e em breve nos aperceberemos da maior expansão no fruto e da maior contracção na semente. Nestes seis passos, conclui a Natureza irresistivelmente a eterna obra da reprodução bissexuada dos vegetais.<sup>33</sup>

Como se pode asseverar pela passagem acima transcrita, os frutos, próxima etapa dessa identidade desenvolvida em sucessão – ou dessa individualidade, que abarca a ideia de pluralidade –, estão submetidos a essas mesmas leis da metamorfose. E, devido ao trajeto até aqui percorrido, em nada soa estranha a afirmação do autor de que é possível reconhecer no fruto – apesar de sua particular função, de suas organização e formação diversa – a forma da folha, vestígio de sua afinidade com as partes que lhe foram precedentes.

Do fruto, a mais importante e última grande expansão que a planta empreende em seu crescimento, direciona-se o olhar para a semente, resultado, ao contrário, do mais extremo movimento de contracção. Também nesse caso, a folha encontra-se metamorfoseada, transfigurada naquela que talvez seja a sua forma mais modificada; porém, reitera-se, não destituída de uma total semelhança em relação às demais partes da planta. Assim, Goethe conclui, na seção XI de seu ensaio, a completa descrição, de ponta a ponta, do crescimento da planta anual – metamorfose progressiva –, a partir da observação do desenvolvimento das folhas,

---

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 45.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 48.

fixadas aos nós da planta, e das muitas formas delas derivadas, identificando, nesse processo, “a manifestação das forças pelas quais a planta transforma a pouco e pouco um e mesmo órgão”.<sup>34</sup>

A esta altura do ensaio goethiano, pelo que fora até aqui exposto, pensa-se já ter sido possível entrever a singularidade do modo como o escritor se apropria do conceito de metamorfose, não a partir de um modelo preestabelecido, mas concebendo-o à medida que faz uma descrição do crescimento da planta, explanando, conseqüentemente, as leis que orientam sua transformação. Também um passo importante parece ter sido dado na direção do entendimento de que as partes que compõem determinado vegetal, apesar de distintas entre si, nada mais são do que derivações que preservam a identidade de um único órgão, ou seja, variações da forma folha, em um contínuo processo de transformação, que se dá a partir de movimentos, alternados, de expansão e contração. São esses movimentos que fundamentam, por sua vez, a compreensão da estruturação semântica dos conceitos de polaridade – a complementaridade decorrente de um jogo de elementos de caráter polar – e de intensificação – a plenitude, que ruma para a perfeição – e, por conseguinte, a associação de ambos ao conceito mesmo de metamorfose.<sup>35</sup>

Em relação à sequência final de *A metamorfose das plantas*, importa chamar a atenção, sobretudo, para dois rápidos apontamentos de Goethe que, apesar de aparecerem a título de conclusão, mostram-se de grande relevância para a presente discussão, por permitirem margear a especificidade da busca goethiana pelo ato de conhecer, ou melhor, pela ampliação necessária de abordagens que fundamentam o próprio processo cognitivo.

Goethe recupera a “Teoria da antecipação de Lineu” – que é, aliás, o título da seção XVII de seu ensaio – por entender que sua exposição compartilha das mesmas premissas presentes nos trabalhos do famoso naturalista sueco, argumentando que Lineu teria observado

que uma árvore excessivamente alimentada num vaso largo produzia durante vários anos ramos após ramos e que essa mesma árvore encerrada num vaso estreito rapidamente se enchia de flores e de frutos. Viu que aquele desenvolvimento sucessivo era aqui produzido de uma só vez, de modo comprimido. Por consequência, chamou a esta acção da Natureza *prolepsis*, uma

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>35</sup> Mais à frente, essa correspondência conceitual será retomada, de maneira mais precisa.

*antecipação*, porque a planta, através dos seis passos que acima observámos, parece antecipar seis anos.<sup>36</sup>

Ao elaborar essa síntese das formulações de Lineu, Goethe declina, em *A metamorfose das plantas*, da confrontação exaustiva de suas teorias, atendo-se, essencialmente, àquilo que acredita ter impedido seu antecessor de dar um passo adiante: o fato de Lineu dedicar-se ao estudo das árvores, plantas compostas e de longa duração, em detrimento das plantas anuais – fonte para o embasamento da teoria da metamorfose de Goethe e que, contrariamente à exclusividade da teoria de Lineu, poderia ter seus princípios estendidos também àquelas mesmas plantas persistentes. Acreditando ser um determinismo da Natureza as plantas anuais crescerem durante seis anos, a metamorfose progressiva das plantas, referida pelo escritor alemão, seria explicada, por aquele autor, pelo princípio da antecipação, ao associar sua inflorescência e frutificação à redução desse período de tempo.

Junto a isso, existe uma relevante crítica em relação à própria superficialidade do ato da observação de Lineu, no concernente à efetividade atribuída, em demasia, às zonas concêntricas do corpo da planta, de onde derivariam flores e frutos. Segundo Goethe, essa explicação não se sustentaria após uma observação acurada, como aquela feita por ele próprio em sua descrição do processo de metamorfose, acima explicitado.

Entretanto, a constatação de que a nomeação dos eventos descritos esbarra, inevitavelmente, nos limites da linguagem em nomeá-los seja talvez o indício de maior valor heurístico da parte final do ensaio. Primeiramente, para a conclusão desta apresentação dos argumentos que tecem a estruturação narrativa de *A metamorfose das plantas*, deseja-se somente evidenciar a passagem que fundamenta essa assertiva.

Como se deixou avistar, as diferentes partes da planta, quer aquelas que compõem o estágio anterior ao momento da inflorescência, quer as que se distinguem pela estruturação de flores e frutos seriam deduções de uma mesma forma, a saber, a folha. E é precisamente o todo das especificidades dessas transições que foge à configuração linguística, explicitando, *à primeira vista*, a escassez da linguagem para a exposição da complexidade do fenômeno da metamorfose. As palavras de Goethe, por si só, ajudam a entender a dificuldade

---

<sup>36</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 1993. p. 55.

de se reduzir a transitoriedade dos eventos acima descritos à sua forma discursiva, a partir da apropriação do código usual que, por excelência, permitir-lhe-ia a construção e atribuição de sentido à pluralidade das manifestações que conformam o processo de metamorfose das plantas:

120. É obvio que nós precisaríamos de ter uma palavra geral pela qual designássemos um órgão metamorfoseado em formas tão diversas e com a qual pudéssemos comparar todas as manifestações de sua forma: presentemente, temos de nos contentar em exercitarmo-nos no confronto entre as manifestações de um ponto de vista progressivo e regressivo. Porque nós tanto podemos dizer que um estame é uma pétala contraída, como podemos dizer da pétala que ela é um estame em estado de expansão; que uma sépala é uma folha caulinar contraída que se aproxima de um certo grau de depuração, como podemos dizer de uma folha caulinar que é uma sépala expandida por influência de seivas mais brutas.

121. Do mesmo modo se pode dizer do caule que é uma inflorescência e frutificação em expansão, tal como acerca destas predissemos que eram um caule contraído.<sup>37</sup>

A descrição do processo de metamorfose e a sua correlação com outros conceitos desenvolvidos por Goethe – como o de polaridade (contração e expansão) e o de intensificação – podem ser melhor entendidas quando se volta o olhar para textos posteriores à publicação de seu ensaio basilar. Ao longo das próximas páginas, serão apropriados três textos de Goethe, no intuito de um desdobramento das questões que se vêm analisando. Embora as datas da primeira publicação desses textos não estejam devidamente especificadas na tradução espanhola a que se tem acesso – ao contrário dos escritos que compõem a segunda parte desta mesma edição –, sua redação consequente ao ensaio *A metamorfose das plantas* pode ser assegurada por duas constatações: a menção feita por Goethe a uma questão sobre a qual já se havia ocupado no ensaio de 1790 e o fato de o escritor ter lançado mão do termo “morfologia” – pela primeira vez e como definição de seu modo científico de proceder – somente em uma anotação de 25 de setembro de 1796, feita em seu *Diário*, tendo sido o termo posteriormente comunicado a Schiller, em carta de 19 de novembro daquele mesmo ano.<sup>38</sup>

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 58.

<sup>38</sup> Diego Sánchez Meca, em nota à tradução espanhola de “Vorarbeiten zu einer Physiologie der Pflanzen”, é quem atentou para essa primeira apropriação do termo “morfologia”. GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2013. p. 112.

Em “Trabalhos prévios para uma fisiologia das plantas”<sup>39</sup> (“Vorarbeiten zu einer Physiologie der Pflanzen”), o conceito de metamorfose é formulado com maior precisão, o que permite compreendê-lo como base para uma fisiologia das plantas e enquanto apreensão linguística de duas leis que orientam a sua formação: uma de natureza interna, que designa a constituição do vegetal; outra relacionada às circunstâncias externas, que condicionam sua modificação. Para Goethe, a ciência botânica consistiria em associar a sistematização que possibilita a classificação das partes da planta – favorecendo a especificação da afinidade ou do distanciamento entre os diversos gêneros – à busca pelas leis de sua formação. E, ainda que a abrangência completa desses dois âmbitos se mostrasse inviável enquanto projeto individual, seria “belo empenhar todas as forças e ampliar os horizontes deste campo científico pela via dupla da experiência e da reflexão”.<sup>40</sup>

A imprescindível aproximação entre “experiência” e “reflexão” se mostra como um dos fundamentos a sustentar a construção do conhecimento, em Goethe, decorrência da relação já mencionada, anteriormente, entre objeto e sujeito. Indo além da evidenciação de sua importância para a constituição do campo da ciência botânica, o escritor compreende essa aproximação como elementar para a particularização daquilo que seria próprio à sua concepção de uma ciência morfológica, que abarcaria uma teoria da forma, da formação e da transformação não somente das partes da planta – o que viria a favorecer seus estudos botânicos –, mas de todos os corpos orgânicos. A delimitação de um domínio para a morfologia é empreendida por Goethe a partir de sua contraposição às demais ciências da natureza. Importa aqui, justamente, a circunscrição da morfologia enquanto ciência específica, tendo como finalidade sua relação com o conceito de metamorfose e, conseqüentemente, com seus conceitos correlatos.

A percepção da necessidade de uma conceituação do “orgânico” é o primeiro passo a ser dado no sentido de um entendimento da argumentação goethiana. Especifica-se como propriedade de todo corpo orgânico a capacidade de produção, em si ou por si, de um semelhante. Essa característica, no conjunto da formação de um organismo, pode ser assimilada, segundo Goethe, tanto a partir da ideia de evolução quanto do conceito de epigênese. Àquela, estaria

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 107-118.

<sup>40</sup> (...) bello empenar todas las fuerzas y ampliar los horizontes de este campo científico en la doble vía de la experiencia y de la reflexión. *Ibidem*, p. 108.

associada a compreensão de que o semelhante, o novo, é sempre uma parte do ser primeiro, uma vez que lhe deve a sua origem; já o conceito de epigênese abarcaria a premissa de que o desenvolvimento de um novo ser só seria possível após uma perfeição previamente alcançada pelo antigo, o originário, em decorrência de sua interação com o meio.

A insondável delicadeza da vida não se reduz, entretanto, a esses modos díspares de representação. Tampouco se pode aproximar, percorrendo-se uma única via científica, da totalidade de sua manifestação. Para dar conta do fenômeno e comunicar o visto e o conhecido a outrem, Goethe assegura a necessidade de se considerar as mais variadas perspectivas de representação de um objeto natural. Sua morfologia, apesar de se configurar como doutrina própria, seria – juntamente com a história natural, a doutrina da natureza, a anatomia, a química, a zoonomia e a psicologia – mais uma das ciências auxiliares das quais lançaria mão o fisiologista em seu estudo do conjunto orgânico, uma vez que se apropriaria desses vários domínios analíticos para a reconstrução da harmonia da unidade de um ser vivente:

E, posto que a fisiologia é aquela operação do espírito pela qual, mediante intuição e raciocínio, tratamos de recompor um todo a partir do vivo e do morto, do conhecido e do desconhecido, do completo e do incompleto, um todo que seja ao mesmo tempo visível e invisível, cujo aspecto externo se nos apresenta somente como um todo, cujo interior se nos apresenta somente como uma parte, e cujas manifestações e efeitos tenham que continuar sendo sempre misteriosos para nós, vê-se facilmente porque a fisiologia ficou, por tanto tempo, tão atrasada e porque talvez fique assim eternamente; *pois o homem sente sempre seus próprios limites, mas raramente está disposto a reconhecê-lo.*<sup>41</sup> (grifo nosso)

A proposição goethiana de uma nova ciência que se detivesse no estudo da forma – mais precisamente, no processo de formação e de transformação de um organismo – não implicaria um conflito com as demais ciências auxiliares. Ao lançar mão de objetos também condizentes ao desdobramento de pesquisas em

---

<sup>41</sup> Y, puesto que la fisiología es aquella operación del espíritu por la que, mediante intuición y razonamiento, tratamos de recomponer un todo a partir de lo vivo y de lo muerto, de lo conocido y de lo desconocido, de lo completo y de lo incompleto, un todo que sea a la vez visible e invisible, cuyo aspecto externo se nos aparece sólo como un todo, cuyo interior se nos aparece sólo como una parte, y cuyas manifestaciones y efectos tengan que seguir siendo siempre misteriosos para nosotros, se ve fácilmente por qué la fisiología ha debido quedar, por tan largo tiempo, tan atrasada y por qué tal vez quede así eternamente; pues el hombre siente siempre sus propios límites, pero raramente está dispuesto a reconocerlo. *Ibidem*, p. 110.

outras esferas científicas, a máxima morfológica de “expor e não explicar”<sup>42</sup> faria com que sua particularização se desse mediante o intento da determinação de suas fronteiras, ou seja, de uma autodelimitação. Assim, ainda que eventualmente compartilhassem de uma mesma finalidade acerca da apropriação científica de um objeto natural, a morfologia asseguraria sua especificidade em relação às outras ciências do âmbito da natureza em função tanto do enfoque analítico quanto do desenvolvimento metodológico.

Como tal já é considerada de fato, mas deve se legitimar como ciência particular, em primeiro lugar, tomando como objeto o que as outras ciências tratam somente casualmente e de passagem, reunindo o quanto há de disperso nelas e estabelecendo um ponto de vista novo a partir do qual possam ser observadas de modo fácil e cômodo as coisas da natureza. Ela tem a grande vantagem de estar composta de elementos reconhecidos por todos, de não estar em conflito com nenhuma doutrina, de não ter necessidade de eliminar nada para se assegurar um posto, de se ocupar de fenômenos altamente significativos, e de que as operações do espírito por meio das quais ela agrupa os fenômenos sejam agradáveis à natureza humana, *de modo que até uma experiência fracassada em seu âmbito poderia proporcionar uma certa utilidade e satisfação*.<sup>43</sup> (grifo nosso)

Chama-se a atenção para o quão legítima seria uma experiência, ainda que fracassada, no âmbito da ciência morfológica. Como se verá, o mesmo princípio de uma não-negatividade se apresenta na acepção do conceito goethiano de metamorfose. Antes disso, porém, faz-se necessário voltar o olhar para o texto “Trabalhos preliminares sobre a morfologia”<sup>44</sup> (“Vorarbeiten zur Morphologie”), no qual Goethe reitera a importância da ampliação do vetor analítico e investiga o processo de crescimento das plantas, lançando nova luz sobre dois modos de exposição, já mencionados anteriormente: o evolucionista e o epigenesista. Tanto um como o outro se alicerçam no conceito de orgânico: tudo aquilo que pode ser assimilado pelos sentidos humanos ao externar a força da produção de um semelhante. Segundo Goethe, a manifestação repartida dessa força significaria a

<sup>42</sup> *Ibidem*, p.112.

<sup>43</sup> Como tal es considerada ya de hecho, pero debe legitimarse como ciencia particular, ante todo, tomando como objeto lo que las otras ciencias tratan sólo casualmente y de pasada, reuniendo cuanto en ellas está disperso y estableciendo un punto de vista nuevo desde el que se puedan observar de modo fácil y cómodo las cosas naturales. Ella tiene la gran ventaja de estar compuesta de elementos reconocidos por todos, de no estar en conflicto con ninguna doctrina, de no tener necesidad de eliminar nada para asegurarse un puesto, de ocuparse de fenómenos altamente significativos, y de que las operaciones del espíritu por las que ella agrupa los fenómenos sean agradables a la naturaleza humana, de modo que hasta una experiencia fallida en su ámbito podría proporcionar una cierta utilidad y satisfacción. *Ibidem*, p. 117.

<sup>44</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2013. p. 118-130.

ocorrência da participação de dois sexos, no processo de reprodução. Nas plantas, evidencia-se, pois, a atuação de ambas as forças: a unificada, indiferente à ação visível dos sexos, e a dividida, que resultaria na visibilidade dessa ação.

Entretanto, parece existir, na explanação goethiana, uma predileção pela ideia de evolução. Essa assertiva se fundamenta no fato de que na exposição evolucionista a reprodução – que nada mais é do que o processo de crescimento da planta – se daria a partir de uma prenúnciação. Ao contrário da experiência apreendida pelo conceito de epigênese – em que a forma anterior não prenunciaria a seguinte, donde a ideia de uma reprodução mais livre –, a observação do desenvolvimento das partes da planta, tendo em mente a hipótese evolucionista, pressuporia, em toda a forma, a subsequente.

É a partir dessa hipótese que se torna mais propriamente perceptível, em Goethe, a associação daquela força, que atua no processo gradual de transformação das partes da planta, aos conceitos de expansão e de contração. No entanto, o escritor adverte que só inapropriadamente esses conceitos deveriam ser assim referenciados:

Melhor seria atribuir um X ou um Y, segundo o modo algébrico, uma vez que as palavras “expansão” e “contração” não expressam essa ação em toda sua amplitude. Esta força contrai e dilata, forma e transforma, vincula, separa, colore, descolore, difunde, prolonga, amolece, endurece, comunica, subtrai, e *só quando observamos em conjunto essas diversas atividades podemos conhecer de modo mais claro o que tenho tentado explicar e expor com todas estas palavras*. Ela faz tudo isso assim, paulatinamente, tão delicada quanto imperceptivelmente, de modo que, finalmente, transformou ante nossos olhos um corpo em outro sem que nos houvéssemos dado conta.<sup>45</sup> (grifo nosso)

O observador é quem precisa captar essa força por meio de sua capacidade cognitiva, o que permitirá, por sua vez, a formulação dos elos constituintes de toda formação orgânica. Segundo Goethe, aquilo que é facilmente perceptível no particular deve ser estendido para uma perspectiva geral. Sendo assim, propõe três leis que orientariam a formação das plantas e que decorrem, justamente, dessa

---

<sup>45</sup> Mejor sería asignarle una X o una Y, según el modo algebraico, puesto que las palabras “expansión” e “contracción” no expresan esta acción en toda su amplitud. Esta fuerza contrae y dilata, forma y transforma, vincula, separa, colorea, descolore, difunde, prolonga, reblandece, endurece, comunica, sustrae, y sólo cuando viéramos en conjunto estas diversas actividades podríamos conocer del modo más claro lo que he intentado explicar y exponer con todas estas palabras. Ella hace todo esto así, paulatinamente, tan delicada como imperceptiblemente, de modo que, finalmente, ha transformado ante nuestros ojos un cuerpo en otro sin que nos hayamos dado cuenta. *Ibidem*, p. 122.

força imanente a todo ser vivo. A primeira lei especifica que cada nó de uma planta tem a força necessária para seu desenvolvimento, seu prolongamento e para a produção de outro nó. Essa evidência corrobora o argumento de que cada parte da planta é, ao mesmo tempo, uma forma própria que se manifesta aos sentidos humanos e, ainda, uma forma em seu estado de devir, de vir a ser.

A segunda diz que o desenvolvimento sucessivo de tais nós, consequentes e anunciados pelo antecessor, não pode ser concebido sem que haja um processo gradual de transformação e de modificação, que por sua vez diz respeito aos sucessivos movimentos de contração e de expansão, em seus mais variados níveis de manifestação:

Nas plantas isso se mostra da maneira mais bela e, às vezes, mais estranha. Haja vista que uma planta não é uma unidade, mas uma criatura composta de muitas unidades, constatamos que estas diferentes unidades, enquanto se sucedem umas às outras, modificam sua forma e sua determinação pelo fato de que algumas de suas partes se modificam previamente. No entanto, como mencionado mais acima, não é somente a força de expansão e de contração que provoca isto, mas aquela força X.<sup>46</sup>

Já a terceira lei assegura a limitação e a delimitação da natureza da planta, uma vez que a força orientadora de sua paulatina transformação, quando percorridas as diversas fases de seu crescimento, faz com que ocorra a confluência de suas partes em uma certa forma e em um certo número, para que seja possível a formação, por exemplo, do cálice. Retomando o que já fora discutido em *A metamorfose das plantas*, Goethe acentua a relevância do encadeamento das etapas de crescimento do vegetal, atentando para uma ideia de aperfeiçoamento que – desde os cotilédones, inferiores e/ou superiores, até à constituição do fruto – compreende a intensificação da conformação da planta à medida que se aproxima do vértice de seu crescimento. A sutileza desse desenvolvimento, recuperado e descrito em “Trabalhos preliminares sobre a morfologia”, parece reafirmar a importância de uma ciência que se detivesse, justamente, nas entrelinhas desse processo.

---

<sup>46</sup> En las plantas esto se muestra de la manera más bella y, a la vez, más extraña. Puesto que una planta no es una unidad, sino que es una criatura compuesta de muchas unidades, constatamos que estas diferentes unidades, en cuanto se suceden las unas a las otras, modifican su forma y su determinación por el hecho de que algunas de sus partes se modifican previamente. Pero, como queda dicho más arriba, no es la sola fuerza de expansión y de contracción la que provoca esto, sino aquella fuerza X. *Ibidem*, p. 123.

Dentre os três textos goethianos que se propôs examinar na parte final desta seção do estudo, “Trabalhos posteriores e recopilações”<sup>47</sup> (“Nacharbeiten und Sammlungen”) foi o que veio a público mais tardiamente. Corroboram essa afirmação não somente o título do texto, como também as referências a outros autores, que surgem ao longo da narrativa, e a própria construção discursiva de Goethe: suas alusões a uma época na qual teria se ocupado mais estritamente do tema da metamorfose. Aliando exposição científica e escrita autobiográfica – adiantando, em certa medida, a discussão do próximo capítulo –, a apropriação desse texto importa não apenas por permitir apreender detalhes dos estudos botânicos de Goethe, mas, ainda, por direcionar novo feixe de luz sobre seu conceito de metamorfose.

A impossibilidade de levar a cabo uma teoria da metamorfose, de apresentá-la de maneira conclusiva, é exposta por Goethe a partir de um duplo ponto de vista. Por um lado, o escritor não vê essa insuficiência teórica como consequência de uma falha epistemológica; parece entendê-la, antes, como uma necessidade imposta pelo objeto com o qual se trabalha. Assim, suas pesquisas posteriores à publicação do ensaio sobre a metamorfose das plantas contribuiriam para a ampliação do material anteriormente editado, uma vez que a elasticidade inerente ao ato pensante andaria em paralelo à apreensão da flexibilidade das formas observadas:

A teoria da metamorfose não pode ser redigida, em absoluto, como uma obra autônoma e conclusiva; *pode ser exposta só como imagem de referência, como unidade de medida a que devem se ater e segundo a qual devem se medir os seres orgânicos*. Pois, para mim, a coisa mais natural e direta para o aprofundamento no conhecimento do reino vegetal era tratar de construir uma ideia das diferentes particularidades e de seu nascimento. Mas, uma vez que tinha a intenção de seguir colocando por escrito o trabalho que havia iniciado, e de expor de uma maneira geral tudo o que vinha anotando como esboços particulares, *recolhi exemplos de formações, transformações e malformações, os quais a natureza oferece tão generosamente*. Das coisas que me pareciam instrutivas mandei fazer desenhos em cores e gravuras, e preparei assim a continuação de meu primeiro trabalho, enquanto crescia assiduamente minhas observações, sobre os fenômenos surpreendentes, aos diversos parágrafos de minha obra.<sup>48</sup> (grifos nossos)

<sup>47</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2013. p. 131-138.

<sup>48</sup> La teoría de la metamorfosis no puede ser redactada, en absoluto, como una obra autónoma y conclusiva; puede ser expuesta sólo como imagen de referencia, como unidad de medida a la que deben atenerse y según la cual deben medirse los seres orgánicos. Pues, para mí, la cosa más natural y directa para profundizar en el conocimiento del reino vegetal era tratar de hacerme una idea de las diferentes particularidades y de su nacimiento. Pero, puesto que tenía la intención de

Por outro lado, levando-se em conta uma perspectiva mais pessoal, o desenvolvimento mais acurado de sua teoria da metamorfose esbarrava nas atribuições da vida cotidiana. E, ainda que não tenha deixado de “acompanhar o jogo caprichoso da natureza”, o escritor permaneceu em uma silenciosa reflexão, valendo-se de trabalhos que vinham sendo publicados em muitos países, inclusive na própria Alemanha, onde os estudos de Alexander von Humboldt (1769-1859) começavam a ganhar notoriedade. Segundo Goethe, houve de sua parte até uma ponderação acerca da possibilidade de dar continuidade ao ensaio sobre a metamorfose, mas, devido à passagem dos anos, as placas de cobre com desenhos de plantas que o auxiliariam em sua exposição haviam em parte se deteriorado, não encontrando o escritor ânimo em refazê-las. Além disso, acreditava que seu modo de pensar já tinha conquistado a sensibilidade de jovens cientistas, que conseguiriam maiores consequências em tal empreendimento:

Com uma vida tão agitada, levado de um lado para o outro por ocupações diversas, distrações e paixões, contentei-me em elaborar o que havia adquirido e fazer proveito disso por mim mesmo. Com prazer segui o jogo caprichoso da natureza sem me expressar sobre isso depois. Os grandes esforços de Humboldt, as detalhadas obras publicadas em todas as nações, deram suficiente matéria à minha calada reflexão. *Ao final, minha reflexão quis configurar-se de novo mediante a atividade*; entretanto, quando pensei aproximar meus sonhos da realidade, as placas de cobre se perderam e não encontrei nem o ânimo nem a coragem para refazê-las de novo. Mas este modo de ver as coisas havia conquistado sensibilidades juvenis, que o desenvolveram de modo mais vivo e mais cheio de consequências do que eu havia pensado, e assim encontrava válida qualquer desculpa que viesse em socorro de minha indolência.<sup>49</sup> (grifo nosso)

---

seguir poniendo por escrito el trabajo que había iniciado, y exponer de una manera general todo lo que había ido anotando como esbozos particulares, recogí ejemplos de formaciones, transformaciones y malformaciones, de los que la naturaleza ofrece tan generosamente. De las cosas que me parecían instructivas mandé hacer diseños en color y grabados, y preparé así la continuación de mi primer trabajo, mientras que asiduamente añadía mis observaciones sobre los fenómenos sorprendentes a los diversos parágrafos de mi obra. *Ibidem*, p. 131.

<sup>49</sup> Con una vida tan agitada, llevado de aquí para allá por ocupaciones diversas, distracciones y pasiones, me contenté con elaborar lo que había adquirido y sacar provecho de ello por mí mismo. Con placer seguía el juego caprichoso de la naturaleza sin expresarme sobre ello después. Los grandes esfuerzos de Humboldt, las detalladas obras publicadas en todas las naciones, dieron suficiente materia a mi callada reflexión. Al final, mi reflexión quiso configurarse de nuevo mediante la actividad; pero, cuando pensé acercar mis sueños a la realidad, las placas de cobre se perdieron y no encontré ni el ánimo ni el coraje para rehacerlas de nuevo. Pero este modo de ver las cosas había ganado a sensibilidades jóvenes, que lo habían desarrollado de modo más vivo y más lleno de consecuencias de lo que yo había pensado, y así encontraba válida cualquier excusa que viniese en ayuda de mi indolencia. *Ibidem*, p. 132-133.

Chama-se a atenção para o fato de que a compreensão goethiana do desenvolvimento da planta atua, também, na autopercepção de sua limitação enquanto ser humano, dotado de um processo vital e de uma força que continua atuante e que se refina, com o passar do tempo. Sendo assim, a esperança de que da semente de sua ideia pudesse “nascer facilmente a árvore de uma botânica que cobrisse com sua sombra o mundo inteiro”<sup>50</sup> lhe dava ensejo, reitera-se, para se apoiar na crença de que um desdobramento de seu trabalho fosse passível de ser levado adiante por alguém que se acercasse dos avanços da ciência e que se dedicasse com empenho ao curso dessa investigação:

Não ter realizado esta obra não me entristece absolutamente neste momento, porque desde aqueles tempos a ciência se elevou muito, e é evidente que os meios de desenvolvê-la de um modo cada vez mais rico estão nas mãos de homens capazes. Desenhistas, pintores, gravadores são tão cultos e instruídos que deveriam ser apreciados também como botânicos. *Pois quem quer imitar e recriar deve compreender a coisa e penetrá-la profundamente, já que, de outro modo, só levará a seu quadro uma aparência, não um produto da natureza.* Estes homens são necessários quando o pincel, o buril, o cinzel devem dar conta de delicadas transições através das quais uma forma se transforma em outra; são eles quem devem, de modo eminente, discernir com olhos espirituais o órgão esperado naquele que o prepara e ao qual seguirá, e reconhecer a regra no desvio.<sup>51</sup> (grifo nosso)

Como contribuição à ampliação da ideia de metamorfose, a manutenção de uma acepção conceitual que abarcasse tanto a norma quanto aquilo que parece fugir à regra significaria a permanência no caminho aberto por Goethe. Nesse sentido, a ciência morfológica, em seu propósito de se tornar uma doutrina da forma, da formação e da transformação estaria em confluência com os conceitos de polaridade e de intensificação, que interagem na conformação da teoria da metamorfose, ela mesma, por essência, inconclusiva:

<sup>50</sup> *Ibidem*, p. 134.

<sup>51</sup> No haber logrado realizar esta obra no me entristece en absoluto en este momento, porque desde aquellos tiempos la ciencia se ha elevado mucho, y es evidente que los medios para desarrollarla de un modo cada vez más rico y preciso están en manos de hombres capaces. Diseñadores, pintores, grabadores, son tan cultos e instruídos que deberían ser apreciados también como botánicos. Pues quien quiere imitar y recrear debe comprender la cosa y penetrarla profundamente, ya que, de otro modo, sólo llevará a su cuadro una apariencia, no un producto de la naturaleza. Estos hombres son necesarios cuando el pincel, el punzón, el cincel deben dar cuenta de delicadas transiciones a través de las cuales una forma se transforma en otra; son ellos quienes deben, de modo eminente, discernir con ojos espirituales el órgano esperado en aquél que lo prepara y al que seguirá, y reconocer la regla en lo que es desviado. GOETHE, Johann Wolfgang von. *loc. cit.*

A natureza forma normalmente quando impõe uma regra às inumeráveis particularidades, as determina e as condiciona; os fenômenos são, no entanto, anormais quando as particularidades tomam a iniciativa e se mostram de um modo arbitrário e aparentemente casual. *Mas, haja vista que ambos, o normal e o anormal, são parentes próximos, tanto o regulado como o sem regra estão animados por um único e mesmo espírito, e há por isso uma oscilação entre o normal e o anormal, porque a formação alterna com a transformação e o anormal parece se fazer, então, normal e o normal, anormal.*<sup>52</sup> (grifo nosso)

A compreensão do conceito de metamorfose implicaria, assim, a necessidade de apreendê-lo não somente como pressuposto de uma transitividade de formas – no sentido, corrente, de uma transformação, pura e simplesmente –, mas, sobretudo, enquanto possibilidade de se conceber a unidade do fenômeno por meio da assimilação da multiplicidade de suas manifestações. Jonas Bach Junior chama a atenção para essa questão, ao reconhecer no conceito de metamorfose um dos alicerces para a identificação, em Goethe, de uma fenomenologia da natureza<sup>53</sup>. Ao lançar luz sobre o problema fenomenológico, suas formulações contribuem para o aprofundamento da discussão do procedimento goethiano de construção do conhecimento.

A premissa da interdependência entre sujeito e objeto, que assegura, por um lado, a possibilidade da livre manifestação do fenômeno, exige do sujeito cognoscente, em contrapartida, atenção redobrada à multiplicidade da manifestação fenomênica. Isso proporcionaria uma distensão do plano cognitivo, uma vez que haveria um aprimoramento da observação – uma depuração analítica a ser desenvolvida pelo sujeito, condizente com a ampliação de perspectiva do olhar, do ato de contemplar –, resultando em uma maior complexidade da própria percepção do objeto.

Apoiando-se nessa potencialização perceptiva, o entendimento pleno do conceito de metamorfose adviria, pois, da valoração de uma tríade de princípios atinentes à abordagem epistemológica do objeto em observação, que se traduziria nas seguintes polaridades: ausência e presença, todo e partes, unidade e

<sup>52</sup> La naturaleza forma normalmente cuando impone una regla a las innumerables particularidades, las determina y las condiciona; los fenómenos son, en cambio, anormales cuando las particularidades toman la iniciativa y se muestran de un modo arbitrario y aparentemente casual. Pero, puesto que ambos, lo normal y lo anormal, son parientes cercanos, tanto lo regulado como lo sin regla están animados por un único y mismo espíritu, y hay por ello una oscilación entre lo normal y lo anormal, porque la formación alterna con la transformación y lo anormal parece hacerse así normal y lo normal anormal. *Ibidem*, p. 136.

<sup>53</sup> JUNIOR, Jonas Bach. O conceito de metamorfose e a fenomenologia da natureza de Goethe. **Griot – Revista de Filosofia**, Amargosa (BA), v. 10, n. 2, p. 173-188, Dez., 2014. Disponível em: <http://www2.ufrb.edu.br/griot/images/vol10-n2/11.pdf>. Acesso em: 15/04/2016.

multiplicidade. Segundo Bach Junior, a fenomenologia goethiana caracteriza-se, precisamente, pelo relevo dado à consideração da variedade de lados, aspectos e perfis – correspondente à tríplice polaridade, acima mencionada e também apropriada do trabalho deste autor – com que o mundo vegetal é explorado, fomentando, por sua vez, a expansão da capacidade cognitiva:

O objeto percebido apresenta, na percepção inicial, um lado presente e diversos lados ausentes, ou potencialmente visíveis. O que está sendo visto tem uma dependência relacionada à interação entre a posição do observador e a posição do observado. Além disso, o objeto pode ser percebido através de diferentes modos de apresentação, o que revela seus aspectos. *Em terceiro lugar, os mesmos aspectos do objeto podem ser percebidos em momentos diferentes, ou seja, apresentar diferentes perfis.*<sup>54</sup> (grifo nosso)

Ponto elementar a distanciar Goethe do procedimento investigativo da botânica de sua época, a importância atribuída à dimensão temporal em sua observação do desenvolvimento vegetal demandaria uma reformulação da ideia de forma, como será exemplificado no momento em que se chamar a atenção para a apropriação do termo *Bildung* em detrimento de *Gestalt*, no próximo capítulo. Adianta-se, pois, que se para os botânicos alinhados ao procedimento metódico de Lineu a compartimentação do objeto em análise significava a apreensão espacial da forma, enrijecendo-a e tornando-a estática, a contemplação da dinamicidade do processo de crescimento da planta seria, para Goethe, o caminho possível para o conhecimento do organismo vivo, justamente pelo fato de o escritor alemão levar em conta a constância das reconfigurações, dos rearranjos e das transformações de uma única e mesma forma.

O acompanhamento do ciclo anual constitutivo da planta conduziria à instituição, pelo sujeito, de uma ideia de unidade a partir do estabelecimento de elos entre as diferentes manifestações observáveis do fenômeno natural constituindo-se, ainda, em indicativo da relação entre os procedimentos científico e artístico de Goethe, sustentáculo de sua fenomenologia da natureza. Como também atentado por Bach Junior,

Neste ponto, a fenomenologia alia a pesquisa ao ato criador oriundo da arte, pois a percepção temporal não é algo dado pelo objeto onde o sujeito, passivamente, recebe. Tampouco é uma especulação reflexiva que poderia derivar por

---

<sup>54</sup> *Ibidem*, p.175.

idiosincrasias individuais. *Ciência está conectada à arte num sentido lato na fenomenologia da natureza*. A potencialidade explorada na arte, o *recurso da autenticidade* no campo criativo, do que necessariamente precisa ser criado pelo ser humano, empresta possibilidades para uma ciência avante do seu tempo. Por isso, a fenomenologia da natureza não é um mero empirismo, onde a pesquisa limita-se ao primeiro plano das aparências.<sup>55</sup> (grifos nossos)

A reconfiguração da linguagem – enquanto elemento intensificador do fenômeno artístico, na proporção em que se distancia da trivialidade da apropriação linguística usual – estaria, então, no fundamento de um procedimento epistemológico em que a elaboração conceitual ou, mesmo, uma reformulação semântica de palavras já pertencentes ao vocabulário comum funcionariam como ponto de contato entre a percepção das etapas de desenvolvimento da planta, apreendidas temporalmente, e a totalidade da manifestação fenomênica, concebida pelo sujeito cognoscente. Decorreria daí a possibilidade de constituição de um “juízo fenomenológico”, caracterizado pela ampliação da capacidade linguística e singularizando-se enquanto alicerce epistêmico e filosófico a unir observação sensorial e intencionalidade do sujeito, uma vez que caberia ao observador, reitera-se, a conjugação das distintas manifestações do objeto natural contemplado.<sup>56</sup>

Depreende-se, pois, que o conceito de metamorfose goethiano seria um vetor a evidenciar a necessidade de uma constante reorganização intersubjetiva do sujeito cognoscente – em função do ato perceptivo de uma oscilação, polar e dinâmica, de manifestações fenomênicas constitutivas das partes e do todo de uma planta, em seus movimentos de expansão e contração –, de maneira a possibilitar a apreensão da forma em seu processo de transformação, levando-se em conta seu caráter transitório. Junto a isso, haveria a elaboração de uma significação por meio da descrição pormenorizada do processo de metamorfose, ou seja, a atribuição de um sentido construído sob a égide de uma assimilação temporal, e não unicamente a partir de uma perspectiva espacial, fato que, no campo da botânica, resultara tradicionalmente em simples catalogação e classificação das partes físicas que compõem um vegetal específico.

---

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 177.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p.178-182.

### 3 Sob a perspectiva do tempo: o olhar retrospectivo de Goethe

Após a delimitação do conceito goethiano de metamorfose, objetiva-se, no presente capítulo, a recuperação da apresentação histórica feita pelo autor de seus estudos botânicos. A partir da análise de alguns textos publicados entre os anos de 1817 e 1824, em que há o desdobramento de questões científicas por meio de narrativas de cunho autobiográfico, será possível observar os motivos que teriam levado Goethe a esse campo do saber. Assim, após o exame da história da escrita de *A metamorfose das plantas*, direciona-se o olhar para a história da recepção da obra, tanto pelo público letrado quanto pela sociedade científica da época.

A intenção aqui não será outra senão argumentar que o anseio pelo acesso ao passado, por parte de Goethe, tinha como objetivo principal revisitar, historicizar, explicar, corroborar e aperfeiçoar, sob diversas perspectivas, aqueles conceitos que lhe eram essenciais para a apreensão da transformação dos organismos vivos. Esse olhar reflexivo sobre o passado não era, pois, destituído de uma intencionalidade clara: reavivar seus estudos e seus conceitos desenvolvidos no âmbito das ciências da natureza. Como direcionamento de leitura e sugestão de um elo com o capítulo seguinte, afirma-se que esse mesmo pressuposto teria embasado a escrita de sua autobiografia.

#### 3.1. A rememoração de *A metamorfose das plantas*: a história da escrita da obra

O interesse de Goethe pelas ciências da natureza, cultivado desde a juventude, ganhou novo fôlego após sua mudança para Weimar, em 1775. Não que seu traslado ao grão-ducado tenha sido motivado, num primeiro momento, pela projeção de um ambiente favorável à sua produção intelectual, fosse ela científica ou literária. Importava-lhe, sobretudo, o aperfeiçoamento de um indispensável âmbito da existência, o prático, que acreditava ser possível por meio de um contato direto com a realidade, ou seja, através de uma experiência

concreta de mundo. Decorreria desse propósito o entendimento da vida enquanto elemento imprescindível para o ato de criação poética.<sup>57</sup>

Weimar, à época com aproximadamente oitenta mil habitantes, passava por uma séria crise econômica, muito em função da onerosa manutenção dos privilégios de uma corte então saturada. O jovem duque Karl August – incumbido de tomar parte em questões de governo, uma vez que a duquesa Anna Amália (1739-1807) aos poucos transferia as atribuições do cargo a seu herdeiro – antevira em Goethe um hábil conselheiro e um administrador engenhoso, quando esteve na presença do escritor em ocasião de visita à sua terra natal, no ano de 1774. Ao duque também parecia sugestivo o contato pessoal com um já famoso personagem do mundo das letras, uma vez que lhe encantou o vínculo, por algum tempo promissor, entre seu tio-avô Frederico II, da Prússia (1712-1786) e Voltaire (1694-1778). Para Goethe, um recém-doutor em Direito pela Universidade de Estrasburgo, Weimar representava, em contrapartida, a possibilidade de alcançar um posto junto à burocracia estatal.

A presença de um literato de origem burguesa na corte ducal trouxe uma série de constrangimentos àquela sociedade estamental. Alvo de ácidas críticas por parte de alguns cortesãos, aos poucos Goethe se mostraria imprescindível tanto à administração pública quanto à vida intelectual de Weimar<sup>58</sup>. O poeta e tradutor Christoph Martin Wieland (1733-1813), que vivia no grão-ducado e que fizera, inicialmente, objeções à relação estabelecida entre Goethe e Karl August, construiu uma imagem do futuro Conselheiro Secreto de Weimar<sup>59</sup>, no poema “A

<sup>57</sup> Alguns autores acentuam a aproximação entre a vida e a obra do escritor. Para além de Rüdiger Safranski, apropriado ao longo da presente discussão, alguns outros autores contribuíram no processo de construção da argumentação, ainda que não citados diretamente. DILTHEY, Wilhelm. “Goethe y la fantasía poética”.\_\_\_\_\_. **Vida y poesia**. Versión de Wenceslao Roces. Prólogo e notas de Eugenio Imaz. Pánaco: Fondo de Cultura Económica, 1945. p. 137-212; BENJAMIN, Walter. **Ensaio reunidos**: escritos sobre Goethe. Trad. Mônica Krausz Bornebusch, Irene Aron e Sidney Camargo. Supervisão e notas, Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2009; MANN, Thomas. “Goethe como representante da era burguesa”.\_\_\_\_\_. **O escritor e sua missão**: Goethe, Dostoiévski, Ibsen e outros. Trad. Kristina Michahelles. Apresentação, revisão técnica e notas, Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p 69-112.

<sup>58</sup> Rüdiger Safranski reconstitui, com uma precisão de detalhes e a partir da apresentação de vasta documentação textual, o ambiente sociopolítico de Weimar à época da chegada de Goethe, conseguindo, além disso, particularizar o lugar movediço ocupado pelo poeta em seus primeiros anos no seio de uma sociedade altamente hierarquizada. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, 2015, sobretudo os capítulos 12-16.

<sup>59</sup> Goethe foi nomeado Conselheiro Secreto em 11 de junho de 1776, após nove meses em Weimar, com uma remuneração de 1200 táleres.

Psyche”, a partir do entrelaçamento entre admiração e ironia, que parecia ser uma união de sentimentos comum àqueles que se aproximavam do poeta:

Era um belo feiticeiro, com um par de olhos negros.  
 Eram olhos prodigiosos, de olhares de deuses cheios.  
 Tinham igual poder de matar e de admirar;  
 augusto e sublime apareceu entre nós,  
 como soberano de espíritos com poder real;  
 ninguém ousou perguntar pelo nome do colosso.  
 É ele, soubemos à primeira vista,  
 percebemo-nos com todos os nossos sentidos;  
 no fluir sanguíneo de nossos tecidos;  
 assim nunca chegou a se ver representada  
 uma figura de homem ante aos divinos [...].  
 Com muito poder a natureza abarca,  
 em cada ser penetra com intensa profundidade,  
 e em todos os seres vive com suma intimidade.  
 E por isso é para mim um encantador [...].  
 O que não sabe fazer com nossas almas?  
 Quem transforma assim a satisfação em dor?  
 Quem como ele com angústia e tormento satisfaz,  
 e em doces tons derrete nosso coração?  
 Quem das profundezas íntimas da alma  
 pode extrair da vida com semelhante ardor  
 sentimentos que sem ele para nossa própria visão  
 ocultos na escuridão para sempre dormiriam?<sup>60</sup>

Passando à margem dessas intrigas sociais e políticas, nas quais esteve envolvido em seus primeiros anos de residência no grão-ducado, em “História de meus estudos botânicos”<sup>61</sup> (“*Geschichte meines botanischen Studiums*”) Goethe permite compreender em que medida as condições inicialmente encontradas em Weimar contribuiriam para fomentar, também, sua produção atinente à botânica. Haja vista seu entendimento de que as circunstâncias teriam se apresentado quase

<sup>60</sup> Eran un bello hechicero, con un par de ojos negros./Eran ojos prodigiosos, de miradas de dioses llenos./Tenían igual poder de matar y de admirar;/augusto y sublime apareció entre nosotros,/como soberano de espíritus con poder real;/nadie osó preguntar por el nombre del coloso./Es él, supimos a la primera de las miradas;/lo percibimos con todos nuestros sentidos,/en el fluir sanguíneo de nuestros tejidos;/así nunca llegó a verse representada/una figura de hombre ante los divinos [...]./Con mucho poder la naturaleza abarca,/en cada ser penetra con honda profundidad,/y en todos los seres vive con suma intimidad./Y por eso es para mí un encantador [...]./¿Qué no sabe hacer de nuestras almas?/¿Quién trueca así el agrado en dolor?/¿Quién como él con angustia y tormento agrada,/y en dulces tonos derrite nuestro corazón?/¿Quién de las profundidades íntimas del alma/puede sacar a la vida con semejante ardor/sentimientos que sin él para nuestra propia vista/ocultos en la oscuridad por siempre dormirían? WIELAND, Christoph Martin. *apud* SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, p. 200.

<sup>61</sup> Como atentado na nota 19, este texto foi publicado no primeiro caderno de *Zur Morphologie*. Ressalta-se que, juntamente com “Destino do Manuscrito” (“Schicksal der Handschrift”) e “Destino do texto impresso” (“Schicksal der Druckschrift”), serviram como introdução à segunda edição de *A metamorfose das plantas (Die Metamorphose der Pflanzen)*, publicada no mesmo caderno. GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2013. p. 18-26.

como um impositivo a impulsionar suas pesquisas, a leitura da narrativa “histórica” de seus estudos sobre o assunto autoriza situar sua iniciação mais profícua nessa ciência no limiar de dois caminhos, o prático e o teórico, que, como sabido, mostram-se indissociáveis na obra do escritor.

As atribuições administrativas relativas a seu posto exigiam atenção redobrada a uma série de atividades de potencial interesse econômico. Logo no início de “História de meus estudos botânicos”, Goethe recorda o princípio de uma retomada da produção agrícola nas cercanias da cidade de Weimar. Ainda que o cultivo de plantas forrageiras sofresse com as limitações impostas pelo pastoreio, o escritor associa essa recuperação à vontade e às aspirações “frescas, íntegras e cheias de esperança”<sup>62</sup> de proprietários de terras, administradores e arrendatários, dentre os quais se encontravam homens que uniam especialidade – uma referência ao saber prático, característico do “experto” – e uma capacidade reflexiva. Vê-se, pois, mais um exemplo da deferência atribuída por Goethe à confluência entre experiência e reflexão.

O cenário intelectual de Weimar foi um facilitador no que se refere a seus estudos empíricos. Além do apoio estatal – o príncipe Karl August, entusiasta das ciências, doou terras de seu jardim particular para a criação de um instituto de botânica –, as relações imediatas com pesquisadores como Wilhelm Heinrich Buchholz (1734-1798), proprietário da única farmácia de Weimar e que desenvolvia, àquele tempo, pesquisas com plantas medicinais, foram fundamentais para as formulações goethianas referentes às especificidades desse campo científico e, concomitantemente, para o andamento das pesquisas do escritor.

O fato de residir em Weimar possibilitou, ainda, que Goethe se inteirasse dos estudos que há algum tempo já haviam sido desenvolvidos por professores da Academia de Jena – como os de Hieronymus Prätorius (1595-1651), Paul Marquard Schlegel (1605-1653) e Werner Rolfinck (1599-1673) – beneficiados, sobretudo, pela fundação de laboratórios de química e pela criação, por eles próprios, de institutos botânicos. Além disso, sua permanência no grão-ducado favoreceu o estreitamento de laços com a tradicional família Dietrich, da cidade de Ziegenhain, que se tornou conhecida pelos estudos das plantas.

---

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 19.

A referência à amizade com o jovem Friedrich Gottlieb Dietrich (1765-1850), que futuramente presidiria o jardim grão-ducal de Eisenach, é elucidativa a esse respeito. Goethe menciona que, em viagem conjunta ao balneário termal de Karlsbad, o amigo ia lhe mostrando, distinguindo-as, as mais variadas plantas que encontravam pelo caminho<sup>63</sup>. Seguindo os passos do avô, que se dizia conhecido de Lineu, e do pai, cujas *Lektionen* sobre o manejo de plantas em flor se tornaram famosas entre docentes e estudiosos do assunto, Friedrich Dietrich desvelava para Goethe, com seu vasto conhecimento botânico, um mundo que até então permanecia desconhecido ao escritor:

No caminho, ele recolhia com entusiasmo e instinto investigador todas as ervas, flores e arbustos que logo, no coche ou no lugar mesmo, ensinava-me e nomeava, de tal maneira que assim se revelava para mim uma nova vida neste formoso mundo. *Impunha-se, então, com força à percepção imediata como toda planta busca seu ambiente e como exige um lugar em que possa manifestar-se com liberdade e plenitude.*<sup>64</sup> (grifo nosso)

À observação cuidadosa de Goethe não importava, apenas, a apreensão das características constitutivas de determinado vegetal. Interessava-lhe, igualmente, a consideração do ambiente em que a planta se desenvolvia. Buscava chamar a atenção, com isso, para a correspondência entre a propriedade da forma, sua interioridade, e a disposição do meio à sua volta, condição para que a planta pudesse se manifestar em sua total potencialidade. Não deixa de ser interessante atentar para o fato de que essa mesma questão orientaria o escritor durante sua viagem pela Itália. É o que Goethe assegura na obra composta a partir dos diários e rascunhos escritos ao longo de seu percurso por terras italianas, aludida aqui, em momento anterior. Em registro de uma terça-feira, 17 de abril de 1787, referente à sua passagem pela cidade de Palermo, é possível vislumbrar como o anseio pela

<sup>63</sup> O autor não especifica, em “História de meus estudos botânicos”, a data precisa de tal viagem; porém, considerando-se que a busca por tratamento em fontes termais se tornou, após sua mudança para Weimar, algo quase rotineiro, o que conseqüentemente o levou a conhecer a fundo a topografia de Karlsbad e de outros balneários, é possível inferir de sua surpresa em relação à exposição do amigo que a viagem possivelmente aconteceu em fase inicial de sua residência no grão-ducado.

<sup>64</sup> En el camino, él recogía con afán e instinto investigador todas las hierbas, flores y arbustos que luego, en el coche o en el lugar mismo, me enseñaba y nombraba, de tal modo que así se me mostraba una nueva vida en este hermoso mundo. Aquí se imponía con fuerza a la percepción inmediata cómo toda planta busca su ambiente, y cómo exige un sitio en el que poder manifestarse con libertad y plenitud. GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2013. p. 23.

observação da relação da planta com o seu meio se sobrepunha à própria exigência do fazer poético:

Verdadeiro infortúnio é ser perseguido e tentado por tantos espíritos! Hoje cedo, rumei para o jardim público com o firme e calmo propósito de dar seguimento a meus sonhos poéticos, mas, antes mesmo que pudesse me dar conta, apanhou-me um outro fantasma que já andava à minha espreita nos últimos dias. As muitas plantas que eu, em geral, só estava acostumado a ver em cubas e vasos, por trás de vidraças a maior parte do ano, encontram-se aqui felizes e viçosas ao ar livre e, *cumprindo seu destino em sua plenitude, fazem-se mais compreensíveis a nós*. À visão de tantas formas novas e renovadas, voltou-me à mente a velha fantasia de poder, talvez, descobrir aqui, em meio a toda essa variedade, *a planta primordial. Afinal, tem de haver uma tal planta! Do contrário, como poderia eu reconhecer que esta ou aquela forma constitui uma planta, se não obedecessem todas elas a um mesmo modelo?*<sup>65</sup>(grifos nossos)

A percepção da correlação entre a propriedade da forma e o meio no qual a planta se desenvolve permite entrever, mais uma vez, a deferência atribuída à observação direta da natureza como caminho seguro para se voltar, de maneira mais aprofundada, à análise da mesma. Possibilita, concomitantemente, lançar nova luz sobre o conhecimento teórico adquirido acerca de um objeto natural, ao deslocar o enfoque analítico do estudo da planta enquanto objeto isolado para a valoração e consideração de sua indissociabilidade em relação a seu entorno:

Altura, profundidade, luz, sombra, aridez, umidade, tudo o que pode significar as condições externas exigem-nos os gêneros e as espécies para brotar com toda a sua força e número; *barganham assim com a natureza para se deixar levar, por último, a uma variedade maior, embora sem abdicar completamente do direito originário a forma adquirida*. Estas coisas me impressionavam neste mundo de liberdade, e nova claridade parecia irradiar-se sobre jardins e livros.<sup>66</sup> (grifo nosso)

Outro jovem de grande relevo para o início de seus estudos botânicos foi August Johann Georg Batsch (1761-1802). A proficuidade de sua relação com Goethe se mostraria muito mais duradoura do que o escritor, inicialmente, poderia imaginar. Tendo completado seus estudos em Jena, para onde retornaria como professor de botânica – após um período a serviço dos condes de Reuss, ocasião

<sup>65</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 1999. p. 314.

<sup>66</sup> Altura, profundidad, luz, sombra, sequedad, humedad, todo lo que pueden significar las condiciones externas lo exigen los géneros y las especies para brotar con toda su fuerza y número; regatean así con la naturaleza para dejarse llevar, por último, a una variedad mayor, aunque sin abdicar completamente del derecho originario a la forma adquirida. Estas cosas me impresionaban de este mundo de libertad, y nueva claridad parecía irradiarse sobre jardines y libros. GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2013. p. 23-24.

em que organizou e foi o responsável pela coleção de objetos naturais desses nobres –, seria para Batsch que Goethe exporia, em primeira mão, sua teoria da metamorfose.

Além de ressaltar a influência desses dois jovens para o início de seus estudos sobre as plantas, o escritor chama a atenção, ainda em “História de meus estudos botânicos”, para o fato de que o encargo de organizar a biblioteca do naturalista, filólogo e filósofo Christian Wilhelm Büttner (1716-1801) – que transferiu sua biblioteca de Gotha para Jena, onde iria lecionar – foi mais um incentivo a seu propósito de entender o processo a partir do qual ocorrem o crescimento e a transformação dos vegetais. Büttner, afirma Goethe, dizia ter rivalizado silenciosamente com Lineu, seu contemporâneo, e que por não ter admitido nunca a sistematização botânica do naturalista sueco, esforçou-se em estabelecer uma classificação das plantas por famílias, partindo daquelas mais simples e quase invisíveis até às mais complexas e grandiosas, caminho que interessava, à época, ao próprio Goethe.

Acentua-se, pois, que ao convívio com a sociedade intelectual de Weimar, bem como com a de cidades vizinhas, somar-se-ia a busca, já em curso, pelo domínio da tradição escrita sobre o assunto. Por esse caminho, torna-se possível distinguir, ademais, a importância cada vez maior do estudo aprofundado dos trabalhos de Lineu para a elaboração das formulações científicas de Goethe. Como assegurado pelo escritor, a *Filosofia botânica* de Lineu era seu “estudo diário”, por meio do qual “avançava cada vez mais no conhecimento e na visão geral da natureza”, tratando de se “embeber o mais possível da tradição escrita.”<sup>67</sup>

Cientista de imenso prestígio no século XVIII, Lineu se alçou ao posto de grande naturalista ao conseguir instituir, para a classificação dos seres vivos, uma nomenclatura binária fundamentada na divisão em gênero e espécie. Entretanto, apesar de reconhecer a inquestionável relevância dos trabalhos do sueco para a ampliação do conhecimento do mundo vegetal, Goethe assegura que seu adentrar nos estudos botânicos fora impulsionado, em maior medida, não tanto pela concordância, mas pela divergência em relação às proposições de Lineu:

---

<sup>67</sup> La *Filosofía botánica* de Linneo era mi estudio diario, y así avanzaba cada vez más en el conocimiento y la visión general de la naturaleza tratando de empaparme lo más posible de la tradición escrita. *Ibidem*, p. 21.

Até onde tenha eu conseguido chegar por esta via, e como um ensinamento tão inusitado atuou sobre mim, é algo que se poderá, talvez, mostrar com claridade ao longo destas comunicações. Por ora, reconheço que, depois de Shakespeare e de Spinoza, a maior influência sobre mim provém de Lineu em virtude, antes de tudo, da posição polêmica a que este me empurrava. Na realidade, enquanto tratava de assimilar suas agudas e geniais distinções, suas leis exatas e acertadas – embora com frequência arbitrárias –, a discrepância se colocava em marcha em meu interior: o que ele tratava de manter separado à força, devia eu, *pelas exigências mais profundas do meu ser*, esforçar-me em reunir.<sup>68</sup> (grifo nosso)

Em “Procedência do ensaio sobre a metamorfose das plantas”, Goethe especifica de modo mais claro essa divergência<sup>69</sup>. Apesar de ressaltar a dimensão positiva da metodologia de Lineu, a maior dificuldade em sua apropriação dizia respeito, justamente, a seu traço profundamente instrumental. Tendo em vista a profusão de subdivisões que apareciam na esteira dos trabalhos do naturalista, como seria possível indicar, com segurança, os gêneros, subordinando-lhes, em seguida, as espécies? E como explicar, abarcando-as sistematicamente, as variedades e, principalmente, as irregularidades de muitas dessas formações?

Como construção de uma resposta a esses problemas, é interessante ressaltar o paralelo apresentado por Goethe entre natureza e sociedade. Aproximando as formulações de Lineu às de legisladores, Goethe argumenta que essa comunhão se dava pelo fato de colocarem lado a lado o dessemelhante, ainda que isso significasse desconsiderar características individuais, uma vez que estavam muito mais preocupados em submergir as diferenças, naturais e sociais, a princípios e a regras gerais:

Pensei reconhecer, pois, que Lineu e seus seguidores haviam se comportado à maneira de legisladores que, preocupando-se menos com o que é e mais com o que deveria ser, não haviam levado em conta nem a natureza nem a necessidade dos cidadãos, esforçando-se mais em resolver o difícil problema de como tantos seres indisciplinados e propensos ao desmedido podem, de alguma maneira, viver juntos.<sup>70</sup>

<sup>68</sup> Hasta dónde haya logrado llegar por esta vía, y cómo una enseñanza tan inusitada haya actuado sobre mí, es algo que puede, tal vez, mostrarse con claridad a lo largo de estas comunicaciones. Por ahora, reconozco que, después de Shakespeare y de Spinoza, la mayor influencia sobre mí procede de Linneo, pero más que nada en virtud de la posición polémica a la que éste me empujaba. En realidad, mientras trataba de asimilar sus agudas y geniales distinciones, sus leyes exactas y atinadas – aunque con frecuencia arbitrarias –, la discrepancia se ponía en marcha en mi interior: lo que él trataba de mantener separado a la fuerza, debía yo, por las exigencias más profundas de mi ser, esforzarme en reunir. GOETHE, Johann Wolfgang von. *loc. cit.*

<sup>69</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2013. p. 27-30.

<sup>70</sup> Creí reconocer, pues, que Linneo y sus seguidores se habían comportado a la manera de legisladores que, preocupándose menos de lo que es que de lo que debería ser, no habían tenido en cuenta ni la naturaleza ni las necesidades de los ciudadanos, esforzándose más bien en resolver el

Em oposição à enrijecida metodologia de Lineu, Goethe sugere a necessidade de considerar o movimento vivo e livremente atuante da natureza. Para isso, seria imprescindível a busca por um novo procedimento que tornasse viável o acesso ao dinamismo presente em tudo aquilo que tem vida, e que não se mostrasse, em contrapartida, incondizente com a própria efemeridade do existir individual. O escritor procurava, em suma, uma via investigativa que não se apresentasse estranha às restrições físicas e à delimitação temporal que agem sobre aqueles que se predispõem à atividade de pesquisa, mas que fosse – e aqui faz uma referência a si próprio – semelhante ao restante de seu “processo vital”:

Uma meditação mais serena e modesta me sugeria então que é necessária uma vida inteira para abarcar e organizar, em uma única visão, o dinamismo vital infinitamente livre de um só reino da natureza, mesmo contando com um talento inato que se predispusesse a isso. No entanto, senti que todavia podia haver para mim um outro caminho, *análogo ao resto de meu processo vital*. Os fenômenos do crescimento e a transformação das criaturas orgânicas me impressionaram poderosamente; *imaginação e natureza* pareciam aqui disputar com quem soubesse proceder com mais audácia e mais conseqüentemente.<sup>71</sup> (grifos nossos)

Em “Introdução ao objeto”<sup>72</sup> é possível acompanhar o desenvolvimento dessa questão, que se constitui em elemento orientador dos estudos botânicos de Goethe, apresentando-se, ademais, como pressuposto fundamental de sua ideia de metamorfose. Assim, a consideração da dinâmica vivente da natureza seria o caminho para que as variáveis presentes na formação vegetal não se submetessem a classificações engessadas, mas, ao contrário, fossem entendidas como decorrência de um processo natural de transformação permanente da forma. Junto a isso, a relação estabelecida entre as partes e o todo de determinado objeto orgânico assume, na conformação do ser, uma importante correlação de interdependência e de indissociabilidade, uma vez que a noção de subordinação das partes seria o indício da constituição de uma “criatura mais perfeita”:

---

difícil problema de cómo tantos seres indisciplinados y propensos a lo desmedido pueden, de alguna manera, vivir juntos. *Ibidem*, p. 27-28.

<sup>71</sup> Una meditación más serena y modesta me sugería entonces que es necesaria una vida entera para abarcar y organizar, en una sola visión, el dinamismo vital infinitamente libre de un sólo reino de la naturaleza, aun contando con un talento innato que predisponga a ello. Pero a la vez sentí que todavía podía haber para mí otro camino, análogo al resto de mi proceso vital. Los fenómenos del crecimiento y la transformación de las criaturas orgánicas me habían impresionado poderosamente; imaginación y naturaleza parecían aquí emular a quien supiese proceder con más audacia y más conseqüentemente. *Ibidem*, p. 28.

<sup>72</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2013. p. 5-12.

“*Todo ser vivo não é um ser individual, mas sim uma pluralidade*”. E até quando se apresenta como indivíduo, segue sendo uma reunião de seres vivos e autônomos, que são iguais segundo a ideia ou segundo o lugar, mas que, na aparência, podem chegar a ser tanto iguais ou análogos como desiguais ou diferentes. Estes seres estão, em parte, originariamente já unidos e, em parte, são reunidos; logo se separam, e de novo voltam a buscar-se, gerando assim uma produção infinita em todas as direções e em todas as modalidades.<sup>73</sup> (grifo nosso)

Goethe não desconsidera, nos estudos dos seres vivos, o porvir da forma que se lhe desvela, imediatamente, aos sentidos. Desse modo, a decomposição das partes de determinado objeto, na intenção de se estabelecer pormenorizadamente sua classificação, não se apresenta ao escritor como meio mais viável de acesso ao conhecimento, uma vez que pressupõe a forma em seu caráter estático e fixo, o que significaria abrir mão da apreensão dos mecanismos atinentes ao processo de transformação, sobretudo no concernente ao estudo dos seres orgânicos – embora tivesse ciência da importância dessa compartimentação do objeto para o desenvolvimento da Química e da Anatomia, por exemplo.

Esse anseio por conhecer as formações viventes a partir da manifestação mesma da vida, reitera-se, por meio da contemplação do processo de formação e de transformação, permitiria aos cientistas intuírem das manifestações exteriores a própria interioridade dos objetos, levando-os, assim, à conformação de uma ideia de totalidade. Segundo Goethe, essa aspiração científica estaria intimamente ligada a um impulso artístico e imitativo, fundamentando, ademais, sua doutrina da morfologia. Interessa, aqui, ressaltar, que é precisamente a partir do estabelecimento dos princípios morfológicos que Goethe atenta para a necessidade de apropriação do termo *Bildung*, em detrimento de *Gestalt*, no referente à ideia de forma:

O idioma alemão tem a palavra *Gestalt* (forma) para designar a complexidade existente de um ser real. Mas neste termo, a linguagem abstrai, do que é móvel, um todo análogo e o fixa em seu caráter como algo estabelecido e acabado. No entanto, se consideramos todas as formas, em particular as orgânicas, não encontramos em nenhuma parte formas subsistentes, ou seja, formas que não se movem porque já alcançaram sua perfeição, mas sim a flutuação de todas em um

---

<sup>73</sup> “*Todo ser viviente no es un ser individual, sino una pluralidad*”. Y aun cuando se nos muestre como individuo, sigue siendo una reunión de seres vivientes y autónomos, que son iguales según la idea o según el lugar, pero que, en la apariencia, pueden llegar a ser, tanto iguales o análogos, como desiguales o diferentes. Estos seres están, en parte, originariamente ya unidos, y, en parte, se reúnen ellos; luego se separan, y de nuevo vuelven a buscarse, generando así una producción infinita en todas las direcciones y en todas las modalidades. *Ibidem*, p. 7-8.

contínuo devir. Por isso nosso idioma utiliza a palavra *Bildung* (formação) para designar tanto o que já se produziu quanto o que está em vias de se produzir.

Sendo assim, uma vez que queremos introduzir uma *Morfologia*, não devemos falar de formas, e se usamos esta palavra será pensando só em uma ideia, em uma noção ou em algo que se fixa na experiência só durante um momento.

O que está formado se verá de novo, prontamente, transformado, e se queremos alcançar uma intuição viva da natureza, temos que nos manter flexíveis e em movimento, segundo o exemplo mesmo que ela nos dá.<sup>74</sup>

Esse ideal de aperfeiçoamento, que abarca a acepção do conceito de *Bildung*, seria um elo a interligar tudo aquilo provido de vida – no caso das plantas, contempla-se até mesmo a semente, uma unidade que engloba individualidades, embora não se apresente, ainda, como vida em ato, mas como vida em potencial. Sendo assim, em sua consideração de todo o mundo orgânico – tomando-se, inicialmente, plantas e animais em seus estados mais simples e incompletos, em que sua imobilidade resultaria facilmente apreensível pelos sentidos humanos –, esse ideal se manifestaria a partir de duas especificidades distintas: por um lado, o exemplo da planta, que em seu processo de desenvolvimento se transforma em “árvore rígida e de longa vida”; por outro, o do animal, que se “enobrece na mais elevada mobilidade e liberdade humanas”.<sup>75</sup>

A presença de vida mostra-se, por sua vez, vinculada à existência de um princípio polar. Tendo em vista a análise precedente de *A metamorfose das plantas*, importa salientar que mesmo o desenvolvimento dos seres pertencentes a este reino, o *Plantae*, dá-se devido ao jogo entre luz e obscuridade, que nas plantas se apresenta a partir da divisão entre as partes inferiores, pertencentes à terra, à umidade, e as superiores, que se remetem ao ar, à claridade. Essa constatação levaria, segundo Goethe, a outro importante princípio fundamental do

<sup>74</sup> El idioma alemán tiene la palabra *Gestalt* (forma) para designar la complejidad existente de un ser real. Pero en este término, el lenguaje abstrae, de lo que es móvil, un todo análogo y lo fija en su carácter como algo establecido y acabado. Sin embargo, si consideramos todas las formas, en particular las orgánicas, no encontramos en ninguna parte formas subsistentes, o sea, formas que no se muevan porque hayan alcanzado ya su perfección, sino que todas fluctúan en un continuo devenir. Por eso nuestro idioma utiliza la palabra *Bildung* (formación) para designar, tanto lo que ya se ha producido, como lo que está en vías de producirse.

Así pues, puesto que queremos introducir una *Morfología*, no debemos hablar de formas, y si usamos esta palabra será pensando sólo en una idea, en una noción o en algo que se fija en la experiencia sólo durante un momento.

Lo ya formado pronto se verá de nuevo transformado, y si queremos alcanzar una intucción viviente de la naturaleza, tenemos que mantenernos flexibles y en movimiento, según el ejemplo mismo que ella nos da. *Ibidem*, p. 7.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 11.

organismo: a necessidade de a energia da vida apresentar-se à exterioridade protegida por um envoltório, condição de possibilidade para sua plena realização. No entanto, paralela à manifestação da vida, à sua exteriorização, caminhará, também, a certeza de seu fim. A vida se associa, inevitavelmente, à sua expiração:

Nenhuma vida pode prosperar sobre a superfície e exteriorizar por si mesma a sua força produtiva; a energia da vida necessita de um envoltório que a proteja contra os rigores dos elementos externos, quer seja a água, o ar ou a luz, defendendo sua delicada existência de modo que esta possa chegar a cumprir o que especificamente corresponde à sua interioridade. Este envoltório pode aparecer como casca, como pele ou como concha, mas tudo o que há de tomar vida, tudo o que há de atuar de maneira vivente, deve estar protegido. *E tudo o que está voltado para o exterior, pouco a pouco, precocemente, orienta-se para a decomposição e para a morte. As cascas das árvores, as membranas dos insetos, os pelos e as plumas dos animais, inclusive a pele do homem, são envoltórios que permanentemente se perdem, são eliminados e abandonados à não-vida. Mas por detrás deles sempre se formam novos envoltórios, e abaixo destes a vida, mais superficial ou mais profunda, vai tecendo sua trama criadora.*<sup>76</sup> (grifo nosso)

Como se verá no próximo capítulo, a percepção do irrevogável limiar entre vida e morte é um elemento característico da perspectiva autobiográfica goethiana. Embora não se possa negar que essa seja uma premissa comum àqueles discursos que podem ser identificados enquanto narrativas autobiográficas, defende-se que Goethe potencializa a dimensão metamórfica da rememoração, atendo-se à palavra e à narrativa de sua história pessoal como um recurso para a extensão do existir. A esse respeito, atenta-se para a conjunção dos termos “poesia” e “verdade” – presentes no título de sua autobiografia –, que se associam no sentido de proporcionar uma atualização dessa dinâmica da vida. Seu registro autobiográfico funcionaria, pois, como a vida que continua “tecendo sua trama criadora” após o findar do próprio ser vivente, não se distanciando, assim, da aceitação de seu próprio conceito de metamorfose.

---

<sup>76</sup>Ninguna vida puede prosperar sobre la superficie y exteriorizar por sí misma su fuerza productiva; la energía de la vida necesita de un envoltorio que la proteja contra los rigores de los elementos externos, ya sea el agua, el aire o la luz, defendiendo su delicada existencia de modo que ésta pueda llegar a cumplir lo que específicamente corresponde a su interioridad. Este envoltorio puede aparecer como corteza, como piel o como concha, pero todo lo que ha de tomar vida, todo lo que ha de actuar de manera viviente, debe estar a cubierto. Y todo lo que está vuelto al exterior, poco a poco, precozmente, va hacia la descomposición y hacia la muerte. Las cortezas de los árboles, las membranas de los insectos, los pelos y las plumas de los animales, incluso la piel del hombre, son envoltorios que permanentemente se pierden, son eliminados y abandonados a la no-vida. Pero detrás de ellos siempre se forman nuevos envoltorios, y bajo éstos la vida, más superficial o más profunda, va tejiendo su trama creadora. *Ibidem*, p.11-12.

Por ora, voltando-se à rememoração de suas proposições referentes à forma dos seres vivos, em especial à das plantas, é preciso ressaltar que as formulações de Goethe enfrentaram resistência já em seu tempo. Isso ocorreu muito em função das interpretações a que foram submetidas e que oscilavam, no mais das vezes, entre a incompreensão e sua avaliação a partir de um ponto de vista unilateral.

### 3.2.

#### **A rememoração de *A metamorfose das plantas*: a história da recepção da obra**

Diego Sánchez Meca, em uma rápida discussão sobre as controvérsias que caracterizaram, ao longo dos anos, a recepção dos escritos científicos de Goethe, apresenta a hipótese de que um “paradoxal acordo” figuraria na base dos argumentos tanto de seus detratores quanto de seus admiradores: a dessemelhança em relação aos métodos adotados pelos cientistas que lhe foram contemporâneos. Segundo o autor, enquanto seus críticos viam-na como decorrência de especulações vagas e dos caprichos de um poeta que ousara se aventurar em um campo que não era o seu, os entusiastas de seus trabalhos interpretavam essa dessemelhança como uma assombrosa descoberta, uma vez que a ciência de Goethe alcançaria, com isso, um nível teórico superior, ao elevar a compreensão dos fenômenos observáveis à sua essência ideal.<sup>77</sup>

Em “Destino do manuscrito”<sup>78</sup> (“*Schicksal der Handschrift*”) já é possível entrever as dificuldades que acompanhariam a recepção de *A metamorfose das plantas*, a partir da rememoração feita por Goethe do ambiente que encontrara em Weimar, em 1788, após o retorno de sua viagem de dois anos pela Itália. O escritor explicita seu desconforto com o regresso ao grão-ducado, o sentimento de estranheza em relação ao ambiente à sua volta, que em tudo se contrapunha aos cenários artístico, natural e social que tão grandemente o encantara. O não compartilhamento, por parte de seus amigos, da existência naquele mundo de formas e cores variadas, bem como a apatia que não lhes teria permitido compreender a ampliação da percepção sensorial que a experiência da viagem o

<sup>77</sup> MECA, Diego Sánchez. Estudio Preliminar. GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2013. p. XI-XXXIV.

<sup>78</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2013. p. 75-80.

proporcionara, dificultava ainda mais a conformação e a readaptação de seu sentido externo à ambiência do solo germânico, dificuldade intensificada pelo discernimento acerca da insuficiência da linguagem em explanar determinadas vivências. Porém, como ressaltado por Goethe, seu espírito permanecia ileso, assegurando a manutenção da transformação perceptiva decorrente de sua estada no estrangeiro:

Da Itália, o reino da forma, encontrei-me regressado novamente à informe Alemanha, trocando um céu sereno por um sombrio; os amigos, em vez de consolar-me e levar-me de novo para eles, empurravam-me ao desespero. Minha fascinação pelos objetos mais distantes e menos conhecidos, minha dor e meus lamentos pelo que havia perdido pareciam incomodá-los; encontrava de menos a simpatia e ninguém entendia a minha linguagem. Não conseguia me adaptar a este penoso estado, a privação era demasiado grande para que o sentido externo se conformasse. Mas o espírito se despertou, por fim, tratando de se manter ileso.<sup>79</sup>

Para além dessas queixas iniciais, “Destino do manuscrito” interessa, mais precisamente, por corroborar o argumento do quanto a viagem italiana de Goethe redimensionou seu olhar sobre a arte, a natureza e, também, a sociedade humana, objetos de suas pesquisas e reflexões. Os ensaios “Imitação simples da natureza, maneira, estilo” (“*Einfache Nachahmung der Natur, Manier, Stil*”) e aquele voltado à explicação do processo de metamorfose das plantas, assim como *O Carnaval romano* (“*Das Römische Carneval*”), são frutos desse período. Juntamente com suas cartas, os registros em diários, os esboços de desenhos, rascunhos e anotações diversas – onde procurava “sistematizar a recordação”, “ordenar a experiência” e “fixar o instante”<sup>80</sup> – esses textos evidenciam a preocupação do escritor por apreender e versar em palavras o que identifica como os “três grandes reinos”. Ainda que reitere a insuficiência da linguagem para a assimilação da experiência, isso não parece ter sido um impeditivo para os propósitos de Goethe, uma vez que somente por meio do desvelo para com a escrita que a possibilidade de construção, por exemplo, de uma indissociabilidade

<sup>79</sup> De Italia, el reino de la forma, me encontré devuelto de nuevo a la informe Alemania, cambiando un cielo sereno por uno sombrío; los amigos, en vez de consolarme y llevarme de nuevo hacia ellos, me empujaban a la desesperación. Mi fascinación por los objetos más lejanos y menos conocidos, mi dolor y mis lamentos por lo que había perdido parecían molestarles; echaba de menos la simpatía, y nadie entendía mi lenguaje. No conseguía adaptarme a este penoso estado, la privación era demasiado grande para que el sentido externo se conformase. Pero el espíritu se despertó, por fin, tratando de mantenerse indemne. *Ibidem*, p.75.

<sup>80</sup> *Ibidem*, p. 76.

entre arte, natureza e sociedade se faria passível de ser estruturada, sistematizada e apresentada:

Ao longo de dois anos transcorridos, *havia observado, coletado e refletido* sem interrupção, tratando de *aperfeiçoar* minha capacidade. Até certo ponto, havia aprendido como a privilegiada nação grega procedeu a fim de desenvolver, no âmbito próprio da *polis*, a arte mais elevada, assim podendo eu alcançar pouco a pouco uma visão do conjunto e procurar um gozo artístico puro e livre de preconceitos. Por outro lado, cria também ter aprendido da natureza como, seguindo uma lei, agia para produzir configurações viventes, modelos para toda a arte. A terceira ordem de coisas de que me ocupava eram os costumes dos povos. *Queria aprender como do encontro de necessidade e livre arbítrio, de impulso e querer, de movimento e resistência nasce uma terceira coisa que não é nem arte nem natureza, senão ambas ao mesmo tempo, algo necessário e fortuito, intencional e cego: quero dizer, a sociedade humana.*<sup>81</sup> (grifos nossos)

A *metamorfose das plantas* foi o primeiro desses trabalhos a ser concluído. Segundo o próprio Goethe, seu mote consiste em explicar – como o título do ensaio deixa entrever, em síntese, e como já foi explorado, aqui, em momento anterior – o processo pelo qual seria possível reconduzir a multiplicidade dos fenômenos particulares do “esplêndido jardim do mundo”<sup>82</sup> a um princípio geral simples, o da *metamorfose*.

No entanto, “Destino do manuscrito” torna-se ainda mais significativo se considerado a partir de seu viés autobiográfico. A leitura do texto favorece a compreensão da existência de um anseio, em Goethe, por expandir seus trabalhos para além do âmbito propriamente poético, projetando para si uma carreira de escritor no campo científico, embora estivesse ciente de que seus estudos iniciais, à semelhança do que ocorrera quando de sua incursão primeira pela poesia, pudessem permanecer apenas circunscritos ao seu próprio interesse e entendimento. Seu olhar retrospectivo evidencia, pois, o ostracismo que insistiria em pairar sobre seus textos científicos, em grande medida decorrente do

<sup>81</sup> A lo largo de los dos años transcurridos, había observado, recogido y reflexionado sin interrupción, tratando de perfeccionar mi capacidad. Hasta cierto grado, había aprendido cómo la privilegiada nación griega procedió a fin de desarrollar, en el ámbito propio de la *polis* el arte más elevado, así que podía yo esperar alcanzar poco a poco una visión de conjunto y procurarme un goce artístico puro y libre de prejuicios. Por otra parte, creía haber aprendido también de la naturaleza cómo, siguiendo una ley, pone manos a la obra para producir configuraciones vivientes, modelos de todo arte. Lo tercero que me ocupaba eran las costumbres de los pueblos. Quería aprender de ellas cómo del encuentro de necesidad y libre albedrío, de impulso y querer, de movimiento y resistencia nace una tercera cosa que no es ni arte ni naturaleza, sino ambas al mismo tiempo, algo necesario y fortuito, intencional y ciego: quero decir, la sociedad humana. *Ibidem*, p. 75-6.

<sup>82</sup> *Ibidem*, p. 76.

cerceamento imposto pelo mundo letrado de então, que ignorava os trabalhos de escritores que se aventuravam por áreas que não eram, originariamente, as suas.

*Há uma antiga verdade literária segundo a qual gostamos daquilo que escrevemos, pois, do contrário, não escreveríamos.* Bastante satisfeito com meu novo caderno, agradava-me a ideia de abrir para mim uma afortunada carreira de escritor também no campo científico, embora aqui devesse acontecer o mesmo que já experimentei com meus primeiros trabalhos poéticos, a saber, *que desde o princípio me veria remetido a mim mesmo*; só que aqui, os primeiros obstáculos sinalizavam já fatalmente os posteriores, de modo que até hoje vivo em um mundo do qual posso me comunicar com muito poucos.<sup>83</sup> (grifos nossos)

Em “Destino do manuscrito”, o posicionamento de Goethe a respeito dessa apatia em relação à recepção de *A metamorfose das plantas* se apresenta de maneira clara e representa algo além de uma simples insatisfação. Menos do que associar, num primeiro momento, o não acolhimento entusiasmado de seu ensaio a divergências epistemológicas, Goethe procurou acentuar justamente a pretensão do público em esperar que cada escritor permanecesse em sua especialidade, fato que ampliaria a possibilidade de aperfeiçoamento e de êxito. Não obstante, considerou, também, a possibilidade de que a recusa de seu editor, Georg Joachim Göschen (1752-1828), em publicar o ensaio pudesse ter resultado de informações recolhidas junto a especialistas, na intenção de se asseverar a respeito do que esperar de salto tão ousado de um escritor, em campo supostamente tão diverso.

Seja como for, importa salientar que ao rememorar a publicação por Karl Wilhelm Ettinger (1738/41-1804), de Gotha, de seu ensaio sobre a metamorfose das plantas Goethe desvela ao leitor traços de um impulso fáustico. Seu enérgico talento de tudo querer ser, alicerçado no estado humano de um permanente agir – como se verá, entendimento próximo de seu conceito de demoníaco – assemelhar-se-ia à continuada modificação e à ininterrupta diversificação das partes da planta, característica própria de qualquer organismo e base de sua ciência morfológica:

Entretanto, o homem de espírito inquieto se sente existir não para o público, mas para si próprio. Não pode se desgastar e se consumir em uma uniformidade

<sup>83</sup> Hay una antigua verdad literaria según la cual lo que escribimos nos gusta, pues, de lo contrario, no lo habríamos escrito. Bastante satisfecho con mi nuevo cuaderno, me halagaba la idea de abrirme una afortunada carrera de escritor también en el campo científico, aunque aquí debía sucederme lo que ya experimenté con mis primeros trabajos poéticos, a saber, que desde el principio me veía remitido a mí mismo; sólo que aquí, los primeros obstáculos señalaban ya fatalmente los posteriores, de modo que hasta el día de hoy vivo en un mundo desde el que puedo comunicarme con muy pocos. *Ibidem*, p.76-77.

qualquer, senão buscar alívio em outras partes. Todo talento enérgico é um talento universal, que se expande por todas as partes e exerce sua atividade satisfatoriamente em uma coisa ou em outra. (...) *Já nos foi repetido à exaustão a eterna verdade de que a vida humana está composta de seriedade e jogo, juntos, e que somente se chega a merecer o nome de mais sábio e mais feliz, aquele que sabe se mover em equilíbrio entre ambas as coisas; pois, ainda que não intencionalmente, cada um deseja o oposto de si mesmo para ter o todo.*<sup>84</sup> (grifo nosso)

Já em “Destino do texto impresso”<sup>85</sup>, o vetor do olhar goethiano se afunila, atendo-se à recepção de *A metamorfose das plantas* pela sociedade científica da época. Ainda como manuscrito, seu ensaio foi apreciado por uma associação de cientistas, organizada em uma “nobre cidade alemã”, cujos membros desenvolviam, conjuntamente, trabalhos teóricos e práticos. Segundo Goethe, seu texto foi analisado de maneira inapropriada e avaliado como uma “estranha novidade”, não sendo reconhecido enquanto estudo pertencente ao campo das ciências da natureza. Essa informação lhe fora reportada por seu amigo, Johann Heinrich Wilhelm Tischbein (1751-1829), artista que, como assegura o escritor, havia se apropriado de sua exposição das leis naturais, conseguindo em suas produções artísticas uma combinação entre o natural e o impossível e obtendo, ademais, algo “agradavelmente verossímil”<sup>86</sup>.

Esse não acolhimento satisfatório pelos artífices do mundo das ciências é enfatizado, por Goethe, como decorrência do distanciamento entre ciência e poesia, disseminado no seio daquela sociedade. Crítico contundente desse apartamento, o escritor recupera a história do desenvolvimento científico ressaltando sua comunhão inicial com a poesia, asseverando que uma nova reunião entre esses dois mundos poderia resultar em algo extremamente positivo, tanto para o fazer poético quanto para o científico:

De outras partes me vinha a mesma canção; ninguém queria admitir que ciência e poesia fossem compatíveis. Esqueciam-se de que a ciência se desenvolveu a

<sup>84</sup> Pero el hombre de espíritu inquieto se siente existir, no para el público, sino para él mismo. No puede agotarse y consumirse en una uniformidad cualquiera, sino que busca desahogo en otras partes. Todo talento enérgico es un talento universal, que tiende su mirada por todas partes y ejerce su actividad a placer en esto o en aquello. (...) Desde hace muchos años se nos repite hasta la saciedad la eterna verdad de que la vida humana está compuesta de seriedad y juego juntos, y que sólo llega a merecer el nombre de el más sabio y el más feliz aquel que sabe moverse en equilibrio entre ambas cosas; pues, aun sin proponérselo, cada uno desea lo opuesto de sí mismo para tener el todo. *Ibidem*, p. 78-9.

<sup>85</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2013. p. 80-91.

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 83.

partir da poesia e nem consideravam que, com a mudança dos tempos, ambas podiam se encontrar outra vez sobre um plano superior para benefício mútuo.<sup>87</sup>

Relegado à indiferença; lido como um esquema abstrato e recebido como trabalho desprovido de qualquer conteúdo científico; alvo de comentários jocosos e fonte para paródias de todo o tipo, o ensaio sobre a metamorfose das plantas não teria melhor acolhida junto à sociedade científica estrangeira. A novidade de suas formulações – inclusive se considerada no concernente ao viés da disposição cuidadosa de elementos linguísticos – causava bastante estranhamento ao público leitor. Seu autor associava a rejeição do ensaio à recente popularidade alcançada pelo livro de Charles Bonnet (1720-1793), *Contemplação da natureza* (*Contemplation de la nature*), publicado em 1764 e que havia sido traduzido com grande êxito para o alemão, colocando em circulação uma linguagem de fácil acesso, uma vez que se tratava mais de um livro de divulgação que de um tratado propriamente científico.

Em sua rememoração da recepção de *A metamorfose das plantas*, em “Destino do texto impresso”, Goethe menciona apenas duas críticas que lhe pareceram favoráveis: a primeira, advinda de Karl Theodor Maria, Freiherr von Dalberg (1744-1817), personagem relevante no cenário político da Alemanha de então e entusiasta das ciências da natureza, a quem o escritor se dizia devedor por suas contribuições ao longo da pesquisa e pela lealdade quando da publicação do trabalho; a segunda, uma resenha publicada em quatro de fevereiro de 1791, no *Göttinger Anzeigen von gelehrten Schriften*, sobre a qual Goethe se mostrou em parte insatisfeito, pois, apesar de se ter atentado para a claridade de sua exposição, as considerações em nada contribuían para o desenvolvimento de suas questões; ao contrário, pareciam dissuadi-lo.

O desejo de levar adiante seu estudo sobre as plantas, no entanto, fizera-o obstinado. Reunia materiais, construía herbários, conservava espécimes no álcool, fazia desenhos, tudo com o objetivo de confirmar a aplicabilidade de seu ensaio, sobretudo no referente ao propósito de dar visibilidade ao fenômeno que cuidadosamente descrevera, o da metamorfose. Tampouco os agitados anos que se seguiram – em companhia do príncipe Karl August, junto ao exército prussiano,

---

<sup>87</sup> De otras partes me venía la misma canción; nadie quería admitir que ciencia e poesía fuesen compatibles. Se olvidaba que la ciencia se había desarrollado a partir de la poesía, ni se consideraba que, con el cambio de los tiempos, ambas podían encontrarse otra vez sobre un plano superior para beneficio mutuo. *Ibidem*, p.82.

rumo ao assédio à Mogúncia (*Mainz*) – apartaram-no de suas pesquisas: a campanha militar se apresentou como oportunidade para a observação dos fenômenos naturais a céu aberto, quando findados aqueles momentos em que, próximo, o perigo os “reavivava” e “exaltava”.<sup>88</sup>

A impossibilidade de acesso à literatura especializada era atenuada pela conversa com amigos que se mostravam interessados no assunto, oportunidade em que Goethe lhes solicitava informações sobre leituras que pudessem vir a auxiliá-lo no desenvolvimento de suas questões:

Privado de toda possibilidade de examinar livros, aproveitava meu opúsculo em momentos apropriados para me aproximar de amigos cultos que estavam interessados no tema, rogando-lhes que, por amor a mim, prestassem atenção, em seu amplo âmbito de leituras, a tudo o que sobre esta matéria houvesse sido escrito e transmitido. *De fato, eu estava convencido, desde muito tempo, de que não há nada novo sob o sol, e de que entre as coisas transmitidas se pode encontrar muito bem indicado já o que nós mesmos percebemos, pensamos ou inclusive produzimos. Somos originais apenas porque não sabemos nada.*<sup>89</sup>(grifo nosso)

Foi durante esse período que Goethe tomou ciência dos trabalhos desenvolvidos por Caspar Friedrich Wolff (1733-1794), cuja temática se aproximava demasiadamente do problema central de suas pesquisas. Nascido em Berlim, Wolff estudou em Halle e se fez doutor em 1759, com a tese *Theoria generationes*, passando a ministrar o curso de Fisiologia, juntamente com outras disciplinas, em Breslau. Novamente em Berlim, e com o objetivo de disseminar seu “conceito de geração”,<sup>90</sup> publicou, em 1764, *in-oitavo* e em alemão, uma obra em duas partes: a primeira, “histórica e polêmica”; a segunda, “dogmática e didática”. Posteriormente, tornou-se acadêmico em São Petersburgo onde, segundo Goethe, permaneceu fiel a seus estudos e convicções, até à sua morte, em 1794<sup>91</sup>.

<sup>88</sup> *Ibidem*, p. 90.

<sup>89</sup> Privado de toda posibilidad de repasar libros, aprovechaba mi opúsculo en ocasiones para atraerme a amigos cultos que estaban interesados en el tema, rogándoles que, por amor a mí, prestaran atención, en su amplio ámbito de lecturas, a todo lo que sobre esta materia hubiese sido escrito y transmitido. De hecho, yo estaba convencido, desde hacía tiempo, de que no hay nada nuevo bajo el sol, y de que entre las cosas transmitidas se puede encontrar muy bien indicado ya lo que nosotros mismos percibimos, pensamos o incluso producimos. Somos originales tan sólo porque no sabemos nada. *Ibidem*, p. 90-91.

<sup>90</sup> Mais à frente, o conceito de Wolff poderá ser apreendido por meio de especificação do próprio autor.

<sup>91</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2013. p. 91-94.

Em três pequenos textos, Goethe recupera a obra de Wolff, objetivando sua exposição e análise<sup>92</sup>. Com isso, permite entrever, também, o desdobramento de três questões que, por sua vez, auxiliam no entendimento de suas próprias formulações científicas e que tentam desconstruir possíveis mal-entendidos referentes à originalidade de seus estudos.

Primeiramente, observa-se a necessidade de assegurar a relevância científica de Wolff e a deferência a ele reputada, fora da Alemanha. A esse respeito, convergem a reconstituição goethiana do perfil biográfico do cientista, ao chamar a atenção para seu esmero em relação à ciência, e a transcrição de trecho do que parece ser um necrológio de Wolff, onde seus amigos da Academia exaltam tanto o personagem público quanto o homem em sua esfera privada. Essa estratégia discursiva de Goethe adquire uma dupla finalidade e leva a uma segunda questão: ao relevar a estima atribuída a Wolff, na Rússia, o escritor repercute uma crítica ao estatuto das ciências da natureza na Alemanha ao mesmo tempo em que o conflito epistemológico – que teria induzido a ida de Wolff para São Petersburgo – explicaria a recepção tardia de sua obra em solo germânico ratificando, conseqüentemente, a afirmativa do desconhecimento de seus trabalhos, por parte de Goethe, quando da pesquisa e publicação de *A metamorfose das plantas*:

Assim que uma nação estrangeira honrou e estimou publicamente, *já faz vinte anos*, um excelente compatriota nosso *que uma escola dominante, com a qual ele não podia estar de acordo*, empurrou prontamente para fora de sua pátria; e eu me alegro de poder reconhecer que, *há mais de vinte e cinco anos*, aprendi com ele e através dele. *Até que ponto era pouco conhecido na Alemanha por este tempo dá testemunho nosso benemérito e honesto Meckel*, em ocasião da tradução do ensaio “Sobre a formação do canal intestinal das galinhas” (Halle, 1812).<sup>93</sup> (grifos nossos)

O trecho transcrito de “Descobrimiento de um precursor excelente”, um dos três textos a que se fez alusão anteriormente, possibilita a inferência de dois

<sup>92</sup> Juntamente ao “Descubrimiento de un precursor excelente” (referenciado na nota anterior), faz-se alusão aos textos “Caspar Friedrich Wolff sobre la formación de las plantas” e “Algunas observaciones”. GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2013. p. 94-100.

<sup>93</sup> Así que una nación extranjera ha honrado y estimado públicamente, hace ya veinte años, a un excelente compatriota nuestro al que una escuela dominante, con la que él no podía estar de acuerdo, empujó muy pronto fuera de su patria; y yo me alegro de poder reconocer que, desde hace más de veinticinco años, he aprendido de él y por él. De hasta qué punto era poco conocido en Alemania por este tiempo da testimonio nuestro benemérito y honesto Meckel, con ocasión de la traducción del ensayo *Sobre la formación del canal intestinal de las gallinas* (Halle, 1812). GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2013. p. 93.

dados importantes. Levando-se em conta que o início da citação se refere à reprodução, por Goethe, da passagem de um elogio fúnebre a Wolff e, ainda, que o mesmo teria sido escrito em 1794, ano da morte do autor, é possível considerar que o texto de Goethe foi escrito em 1814, haja vista os “vinte anos” de distância em relação à época em que “uma nação estrangeira honrou e estimou publicamente” “um excelente compatriota”. Assim, tomando-se 1814 como ano de redação do texto em análise, e sendo correto o reconhecimento de Goethe de que “há mais de vinte e cinco anos” aprendera com e através de Wolff, depreende-se que seu contato com a produção deste autor ocorrera em 1789, ou seja, um ano antes da primeira edição de *A metamorfose das plantas*.

Conquanto não se possa afirmar esse conhecimento prévio, mesmo porque Goethe assegurou que só teria sabido de Wolff ao expor seu “opúsculo” recém-publicado a amigos – o que não deixa de ser plausível, tendo em vista a margem de flexibilidade em relação às datas especuladas – o certo é que o escritor, em sua rememoração dos problemas que giravam em torno de seu conceito de metamorfose, viu-se na necessidade de especificar o enfoque dado por Caspar Friedrich Wolff à transformação das plantas e de tecer algumas observações sobre os pontos em que suas formulações se aproximavam e, mais decididamente, divergiam. É essa uma terceira questão, a que se propõe um desenvolvimento mais detalhado.

Segundo Goethe, Wolff identifica a semelhança existente entre as diversas partes de um vegetal, o que tornaria facilmente perceptível o reconhecimento de sua essência e de sua formação. Neste sentido, compartilhariam também o entendimento de que todas as partes da planta – cálice; pétala; pericárpio, o envoltório das sementes e dos frutos; a própria semente; o caule; a raiz – não são mais do que folhas modificadas, conclusão a que se chegara, seguramente, após acurada observação. Segundo Wolff, em trecho selecionado por Goethe:

Em uma palavra, em toda planta cujas partes se diferenciam à primeira vista uma das outras de modo extraordinário, não se vê outra coisa, quando se a examina cuidadosamente, que folhas e caules, pois a raiz pertence a este último. Estas são suas partes mais próximas, imediatas e compostas; as mais distantes e simples, das quais estas se formaram, são os vasos e as vesículas<sup>94</sup>.

---

<sup>94</sup> Em nota à edição espanhola, aqui consultada, o tradutor assegura que “vesícula”, no texto de Wolff, se equivaleria ao que atualmente se denomina “célula”.

Portanto, se todas as partes da planta, à exceção do caule, podem ser reconduzidas à forma da folha, e não são outra coisa elas mesmas que modificações suas, infere-se facilmente que a teoria da geração das plantas não é muito difícil de desenvolver; e ao mesmo tempo fica indicada a via a recorrer caso se queira apresentar esta teoria.<sup>95</sup>

O ambiente no qual a planta se desenvolve, segundo Goethe, também é considerado por Wolff como elemento a ser relevado para a compreensão das modificações a que estão sujeitas as partes superiores de determinado vegetal, onde as folhas simples se apresentam constituídas de modo particular – como cálice, pétalas, frutos etc. Wolff, tal como lido por Goethe, asseguraria que todas as modificações por ele observadas, por meio de uma série de experiências, fundamentam-se na diminuição da força do vegetal à medida que se expande no tempo, ou seja, o propósito de todas as trocas que perfazem a transformação da folha consistiria em uma formação menos completa das folhas mesmas. Depreende-se, pois, um processo gradual de diminuição da força do vegetal que, por fim, expiraria completamente. Juntamente à assertiva de que a história da formação das plantas não se estenderia ao mundo animal, o entendimento desta “diminuição” seria o ponto principal da crítica goethiana a Wolff, uma vez que no sistema botânico de Goethe essa constatação poderia ser interpretada como se existisse, apenas, um movimento de “contração” no âmbito do desenvolvimento da planta.

Goethe desdobra essa crítica, em “Algumas observações”<sup>96</sup>, chamando a atenção, inicialmente, para o modo apropriado pelo qual Wolff sinaliza a identidade entre as variadas partes da planta, apesar da compreensão, também acertada, de sua mutabilidade. No entanto, o fato de somente admitir como válido aquilo que pode ser “visto pelos olhos” e assegurado por demais indivíduos – através da reprodução de experimentos, a partir da utilização de instrumentos científicos como, por exemplo, o microscópio – é reprovado por Goethe, uma vez

---

<sup>95</sup> “En una palabra, en toda planta cuyas partes se diferencian a primera vista unas de otras de modo extraordinario, no se ve otra cosa, cuando se la examina con detenimiento, que hojas y tallo, pues la raíz pertenece a este último. Estas son sus partes más próximas, inmediatas y compuestas; las más lejanas y simples, de las que éstas se han formado, son los vasos y las vesículas.

“Por tanto, si todas las partes de la planta, a excepción del tallo, pueden ser reconducidas a la forma de la hoja, y no son otra cosa ellas mismas que modificaciones suyas, se infiere fácilmente que la teoría de la generación de las plantas no es muy difícil de desarrollar; y al mismo tiempo queda indicada la vía a recorrer si se quiere presentar esta teoría”. GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2013. p. 96.

<sup>96</sup> Cf. nota 92.

que leva a abrir mão de um outro âmbito da experiência humana, que não se reduz à materialidade apreendida pelos sentidos:

Por muito perfeito que fosse também este método, com o qual pôde fazer tantas coisas, aquele homem excelente não pensou, em contrapartida, que podia *haber uma diferença entre ver e ver, que os olhos do espírito e os olhos do corpo devem atuar em uma constante e vivente conexão, porque de outro modo se corre o risco de olhar e, no entanto, não captar o que se vê.*

Na transformação das plantas viu o mesmo órgão que sempre se contraía, que se reduzia; mas não viu essa contração alterna-se com uma expansão. Viu que havia uma diminuição de volume, e não observou que, ao mesmo tempo, o órgão se afina; por isso atribuiu, de modo contraditório, a uma atrofia *esta marcha para a perfeição.*<sup>97</sup> (grifos nossos)

Para Goethe, essa restrição perceptiva e analítica de Wolff o teria impedido de dar um passo em direção à metamorfose, inclusive no concernente ao âmbito animal. Mesmo assim, endossa seu modo de proceder e seu espírito de observação, tomando-os como adequados, muito em função de o autor enfatizar a necessidade de se observar com toda exatidão o desenvolvimento orgânico e de considerar, ademais, a história da formação da planta como algo que deve preceder a descrição de suas partes singulares. Isso faria com que Wolff se encontrasse sempre no caminho correto, apesar da constante contradição consigo mesmo.

A força dessa contradição é reiterada por Goethe por meio da argumentação de que a correspondência entre os órgãos de um animal e, conseqüentemente, a proximidade entre diferentes animais, tornar-se-ia legítima para Wolff no momento em que suas partes orgânicas fossem, a partir de uma experiência científica, confrontadas:

Pois, se por um lado nega a analogia da forma nas diferentes partes orgânicas do animal, considerado em suas formas internas, de outro admite de bom tom sua validade; vê-se direcionado para a negação da analogia porque confronta entre si alguns órgãos determinados que não têm relação recíproca alguma (por exemplo,

<sup>97</sup> Por muy perfecto que fuese también este método, con el que ha podido hacer tantas cosas, aquel hombre excelente no pensó, en cambio, que podía haber una diferencia entre ver e ver, que los ojos del espíritu y los ojos del cuerpo deben actuar en una constante y viviente conexión, porque de otro modo se corre el peligro de mirar y, sin embargo, no captar lo que se ve.

En la transformación de las plantas vio el mismo órgano que siempre se contraía, que se reducía; pero no vio esta contracción alternarse con una expansión. Vio que había una disminución de volumen, y no observó que, al mismo tiempo, el órgano se afina; por eso atribuyó, de modo contradictorio, a una atrofia esta marcha hacia la perfección. GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2013. p. 98-99.

o canal intestinal e o fígado, o coração e o cérebro), embora tenha que admitir a validade da analogia quando põe um sistema frente ao outro, de tal modo que a analogia se lhe apresente ante aos olhos de um modo imediato, podendo-se elevar, assim, até ao audaz pensamento de que poderia muito bem haver uma conexão entre muitos animais.<sup>98</sup>

A singularidade do conceito goethiano de metamorfose – que abarca as noções de individualidade a partir da pluralidade, de aperfeiçoamento, de uma não-negatividade decorrente do embate entre polaridades – mostra-se importante para a análise da última parte de sua autobiografia, *Memórias: poesia e verdade*, procedimento que pode ser estendido ao todo de sua narrativa autobiográfica. Uma vez que a rememoração, em si uma metamorfose, intenta a construção de uma unidade individual a partir de um olhar retrospectivo, pelo qual a totalidade do sujeito alcançasse a primazia no processo de formação, a possibilidade de conexão entre os olhos do corpo e os olhos do espírito legitimaria também o próprio sujeito a verter para escrita sua história individual, seu processo de formação.

---

<sup>98</sup> Pues, si por un lado niega la analogía de la forma en las diferentes partes orgánicas del animal considerado en sus formas internas, por otro admite de buen grado su validez; se ve impulsado a la negación de la analogía porque confronta entre sí algunos órganos determinados que no tienen relación recíproca alguna (por ejemplo el canal intestinal y el hígado, el corazón y el cerebro), mientras ha de admitir la validez de la analogía cuando pone un sistema frente a otro de tal modo que la analogía se le presenta ante los ojos de un modo inmediato, pudiéndose elevar así hasta el audaz pensamiento de que podría haber muy bien una conexión entre muchos animales. *Ibidem*, p. 99.

## 4

**Memórias: poesia e verdade: a escrita enquanto extensão da vida**

Em anotação referente a uma terça-feira, 10 de agosto de 1824, ao retornar de sua viagem de oito dias pelo Reno, Johann Peter Eckermann descreve seu reencontro com Goethe e menciona o fato de a conversa entre os dois amigos ter girado em torno da narrativa autobiográfica goethiana:

Há alguns dias, ele me mostrou os inícios de uma continuação de *Verdade e poesia*, um caderno de folhas *in quarto* mais fino que um dedo. Algumas passagens já estão concluídas; a maior parte, porém, ainda consiste apenas de esboços. Já está decidida, contudo, uma divisão em cinco livros, e as folhas contendo um esquema geral estão organizadas de tal forma que, com algum estudo, é possível ter-se uma ideia geral do todo.<sup>99</sup>

A continuação em questão se refere à Quarta Parte de *Memórias: poesia e verdade*. Eckermann, que estava incumbido da leitura do manuscrito, ficara tão entusiasmado com as páginas que já haviam sido escritas por Goethe e, ainda, com o plano geral de composição dessa última seção de sua autobiografia, que se viu na obrigação de insistir veementemente com o escritor sobre a necessidade de sua finalização:

A parte já concluída me parece tão excelente, e o conteúdo já esquematizado de tão grande importância, que eu lamento vivamente ver paralisada uma *obra que promete tanto ensinamento e tanto prazer*, e vou insistir com Goethe de todas as formas para que logo lhe dê continuidade e a conclua. (grifo nosso)

E continua Eckermann:

*O plano tem muito de um romance*. Uma relação amorosa terna, galante, apaixonada, alegre ao começar, idílica em seu desenrolar, trágica no fim, em virtude de uma tácita renúncia mútua, se entretece ao longo de quatro livros e os une em um todo coerente. A magia do caráter de Lili [Anna Elisabeth Schönemann (1758-1817)], descrito em detalhes, é capaz de prender qualquer leitor, assim como prendeu de tal forma o amante em seus laços que ele só conseguiu se salvar por meio de uma nova fuga.<sup>100</sup> (grifo nosso)

Esse primeiro registro mais significativo feito por Eckermann sobre a etapa final da composição de *Memórias: poesia e verdade*, extraído de suas

<sup>99</sup> ECKERMANN, Johann Peter. *Op. cit.*, 2016. p. 125.

<sup>100</sup> ECKERMANN, Johann Peter. *loc. cit.*

*Conversações com Goethe*, revela seu anseio por ver acessível ao público letrado europeu uma obra que confluísse a possibilidade de um aprendizado e o prazer que decorreria do contato com o que há de “literário” nessa produção goethiana. Como atentado por Eckermann, haveria nesta Quarta Parte muito do plano de um romance, resultado tanto de sua estruturação discursiva quanto da época da vida do escritor ali descrita, que seria de natureza profundamente romântica: uma referência às desventuras amorosas de Goethe com Lili Schönemann.

Embora não deixe de acentuar esse aspecto romântico – que se apresenta recorrente, como um tópico comum a costurar a narrativa dos livros que estruturam a obra –, Eckermann atribui especial relevância à parte final de *Memórias: poesia e verdade* devido ao fato de Goethe ter empreendido, sobretudo, uma descrição do período que precedeu seu traslado para Weimar. A importância concedida a essa época específica parece se assentar na possibilidade de construção de uma imagem do jovem Goethe que lançasse luz, por sua vez, àquela do grande escritor, cujo reconhecimento fazia com que intelectuais de toda Europa realizassem uma espécie de peregrinação ao grão-ducado:

A época de vida ali descrita é também de natureza intensamente romântica, ou adquire esse caráter por desenvolver-se em torno da personagem principal. Mas o que lhe confere especial significado e importância é o fato de, por anteceder de imediato a época de Weimar, ser decisiva para toda a vida de Goethe. Portanto, se algum período de sua vida tem interesse e nos faz desejar uma descrição detalhada, decerto é este.<sup>101</sup>

No capítulo anterior, buscou-se compreender em que medida a rememoração goethiana de seus estudos botânicos atuou no sentido de reanimar uma série de conceitos que tinham sido, ao longo dos anos, de importância fundamental para sua apreensão da transformação dos organismos vivos, ao se centrar na observação do crescimento das plantas. Apoiando-se nesse aspecto produtivo da memória, que dinamiza o próprio processo de rememoração, e seguindo pelo caminho acenado por Eckermann, que atribuiu relevância à Quarta Parte de *Memórias: poesia e verdade*, propõe-se voltar o olhar para a última seção da autobiografia goethiana.

Como já assegurado na introdução ao presente estudo, essa delimitação adquire maior relevância em função de a descrição desse período – reavivada pela

<sup>101</sup> ECKERMANN, Johann Peter. *loc. cit.*

memória – possibilitar, no âmbito da escrita, a atribuição de sentido a um momento de crise e ruptura no referente à existência particular do escritor, funcionando como um elo que confere determinada unidade à sua vida. Acrescesse a isso, o fato de os cinco livros que compõem essa última parte terem sido escritos ao longo de dezessete anos, que compreendem os últimos da vida de Goethe, o que favorece uma espécie de síntese acerca da possibilidade de versar a vida em escrita. É na intenção de proporcionar um maior aprofundamento desta questão que reside a discussão sobre o estatuto do gênero autobiográfico. Visa-se, a partir daí, ao mesmo tempo assegurar e especificar o caráter da narrativa de Goethe, convergindo para isso o debate acerca da conjunção entre os termos “poesia” e “verdade”, presentes no título da obra.

Por fim, pretende-se examinar o conceito de demoníaco (*das Dämonische*) a partir do texto de Goethe. Intenta-se, com isso, propor uma aproximação em relação à noção goethiana de metamorfose. Uma vez que o olhar retrospectivo de Goethe não deixa de apreender uma transformação contínua em seu processo de formação, não validando apenas experiências que lhe foram positivas, mas também aquelas que, a seu tempo, tiveram um caráter supostamente negativo, permeadas de incertezas, é possível entrever no elemento demoníaco a sua não disparidade no referente a uma ulterior inserção na esfera do sentido. Tendo-se em vista, ainda, o fato de seu olhar retrospectivo compartilhar dessa dimensão metamórfica, que se constitui enquanto elemento impulsionador e criador de vida e que favorece uma permanente realocação de sentido, assegura-se que compreenderia também a energia ativa e a inquietação ilimitada, quase sempre desmedida, que sobrepujam aqueles submetidos a experiências de aparência demoníaca.

#### 4.1.

##### **A escrita autobiográfica: uma busca individual pelo sentido do “eu”**

Dentro do *corpus* da vasta produção literária e científica de Goethe, *Memórias: poesia e verdade* se inscreve como produto singular ao entremear características próprias do gênero autobiográfico com a conhecida intensidade poética que consagrou o escritor alemão. Ao longo de suas “quatro partes”, compostas por cinco livros cada uma, Goethe direciona seu olhar para os

longínquos anos de sua infância e juventude, construindo uma narrativa em que apresenta ao leitor as experiências pessoais de um filho da burguesia de Frankfurt am Main – cidade imperial setecentista – em paralelo à formação inicial daquele que viria a ser um dos maiores nomes do cenário intelectual do século XIX.

Embora Goethe consiga atribuir uma unidade ao todo da obra, é válido reiterar que após a publicação sequenciada das três primeiras partes de sua autobiografia – nos anos de 1811, 1812 e 1814 – houve um intervalo de tempo até à conclusão de sua parte final, em 1831, um ano antes de sua morte. Esse último tomo seria publicado, postumamente, apenas em 1833. Como empresa inaugural de um escritor já quase sexagenário – Goethe teve a ideia de escrever sua autobiografia em seu aniversário de cinquenta e nove anos, em 28 de agosto de 1809 –, a relevância desse projeto memorialístico excederia por si só o já grandioso anseio por uma lembrança do passado que, submetida ao crivo de seu autor, adquirisse seus contornos estilísticos no ato, definitivo, da escrita.

Na “Introdução” à Primeira Parte de *Memórias: poesia e verdade*, o escritor assegura que seu mote inicial teria decorrido da intenção de satisfazer o desejo de um amigo – possivelmente, um recurso retórico do qual Goethe teria lançado mão –, que ao se deparar com uma edição dos “doze volumes de suas obras poéticas” lhe escrevera pedindo a composição de uma nova obra. Instigava-o, com isso, a visitar seus antigos trabalhos e a desvelar sua experiência literária:

Sendo assim, primeiramente lhe pediremos que sua obra poética, organizada nesta nova edição segundo certas relações internas, seja-nos apresentada em uma sequência cronológica e que nos confie, com certa inter-relação, tanto os estados vitais e anímicos que suscitaram sua temática como também os modelos que o influenciaram, bem como os princípios teóricos que o teriam orientado. Embora dedique esses esforços a um círculo reduzido, talvez daí resulte algo que possa vir a ser proveitoso e útil para um mundo mais vasto.<sup>102</sup>

Os preparativos para dar partida a tal empreendimento, entretanto, logo exigiriam novos esforços, para além do modesto plano inicialmente traçado pelo

---

<sup>102</sup> “Así pues, lo primero que le rogamos es que su obra poética, ordenada en esta nueva edición según ciertas relaciones internas, nos sea mostrada en una secuencia cronológica y que nos confie con cierta interrelación tanto los estados vitales y anímicos que han suscitado su temática como también los modelos que han influido en usted, en no menor medida que los principios teóricos que ha seguido. Aunque dedique estos esfuerzos a un círculo reducido, tal vez de ellos surja algo que también pueda serle grato y útil a otro mayor.” GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2010. p. 19-20.

escritor. Isso porque Goethe pretendia reexaminar suas obras a partir da confluência de três perspectivas: os arroubos interiores, o que há de subjetivo e de solitário no fazer literário; as manifestações exteriores, a parte conferida à tradição e aos círculos letrados de sociabilidade; e, por fim, a própria questão do procedimento, ou seja, as etapas vencidas, no ato da escrita, tanto no referente à teoria quanto no que diz respeito à prática. Por conseguinte, uma das características constitutivas de *Memórias: poesia e verdade* é o modo como Goethe, em seu exercício de rememoração, procurou reavaliar a importância de personalidades políticas, de amigos e familiares e do ambiente artístico-cultural da cidade de Frankfurt am Main – e de outras importantes cidades às margens do Meno e do Reno que, de alguma forma, foram cenários de sua infância e juventude – para a conformação de sua produção literária e para a sua própria formação intelectual.

Assim, pelo simples fato de estruturar a narrativa de sua vida pessoal em estreita relação com as transformações sociopolíticas do mundo à sua volta, e por almejar distinguir e elucidar a relevância dessa correspondência como elemento imprescindível para a instituição de sua prática enquanto escritor, Goethe já deixaria entrever sua concepção de biografia, não abrindo mão de reiterar, todavia, que

esta parece ser a tarefa principal da biografia: representar o homem nas circunstâncias de sua época, descrevendo até que ponto lhe teriam sido contrárias ou favoráveis, que visão de mundo resultariam delas e – *se artista, poeta ou escritor – de que maneira as refletiria.*<sup>103</sup> (grifo nosso)

E completa, na sequência, afirmando a importância de que se tenha um olhar crítico sobre si mesmo e sobre o seu tempo, no sentido de observar o quão (im)possível teria sido o permanecer-se idêntico em circunstâncias distintas, em relação ao século, que nos “molda e determina”:

Foi por este caminho, de tais considerações e propósitos, de tais recordações e reflexões, que se formou o quadro aqui apresentado, e é considerando-o do ponto de vista de sua origem que melhor se poderá desfrutá-lo, aproveitando-o e julgando-o com maior justiça. Quanto ao que ainda resta ser dito, especialmente

<sup>103</sup> ... éste me parece el cometido principal de la biografía: representar al hombre en las circunstancias de su época y mostrar en qué medida se resiste a ellas, en qué medida le favorecen, cómo a partir de ellas se ha formado una visión del mundo y de los hombres y cómo, si se trata de un artista, poeta o escritor, ha proyectado esta visión al exterior. *Ibidem*, p. 21.

em relação a seu tratamento *meio poético, meio histórico*, haverá mais de uma ocasião para voltar ao assunto ao longo da narração.<sup>104</sup> (grifo nosso)

Embora não haja um aprofundamento imediato por parte do escritor – pelo contrário, parece existir algo quase como o anseio por se abster da questão referente ao “tratamento meio poético, meio histórico” de seu discurso, preferindo sua diluição ao longo da narrativa –, na passagem antecedente Goethe deixa entrever ao menos dois problemas dos quais não se pode esquivar quando o assunto diz respeito à escrita e à recepção de um discurso autobiográfico. Em primeiro lugar, a consideração do cenário sócio-histórico da época à qual o texto se refere – sem esquecer, todavia, sua distinção em relação ao momento de fixação da escrita – e, em seguida, o caráter propriamente fluido, flexível, desse tipo de narrativa. Por isso, a importância de não se perder de vista a historicidade do gênero autobiográfico: sua emergência ao longo do século XVIII enquanto forma discursiva específica, no que concerne ao tratamento atribuído a um sujeito determinado.

Nesse sentido, considera-se a confluência de duas questões: por um lado, a exigência de se atentar para as diferentes concepções históricas de individualidade e de modos de subjetivação para a instituição da autobiografia enquanto gênero, singularizando-a, justamente, no interior de formas discursivas que têm a individualidade como referência; por outro, a pertinência de se relevar a posição ocupada pelo discurso autobiográfico em relação ao historiográfico e ao ficcional, ou seja, no tocante aos parâmetros da verdade factual e da verossimilhança. Destinar atenção a essas questões, ao mesmo tempo em que permite localizar a relevância de *Memórias: poesia e verdade* no âmbito maior de um gênero que se constituía, viabiliza a problematização da especificidade do próprio projeto autobiográfico de Goethe, sobretudo no que diz respeito ao exame da efetividade do acesso a uma determinada esfera do conhecimento, que seria passível por meio de uma narrativa autobiográfica.

Philippe Lejeune margeia as questões acima apresentadas ao desdobrar sua definição de autobiografia, que se resumiria a uma “narrativa retrospectiva em

<sup>104</sup> Por este camino, de tales consideraciones y propósitos, de tales recuerdos y reflexiones, ha brotado la presente relación, y a partir de este punto de vista con respecto a su formación podrá ser mejor disfrutada y aprovechada y juzgada con mayor justicia. En cuanto a lo que aún quedara por decir, especialmente en relación a su tratamiento medio poético, medio histórico, habrá más de una ocasión para volver a ello a lo largo del relato. GOETHE, Johann Wolfgang von. *loc. cit.*

prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”<sup>105</sup>. Sua concepção de uma escrita autobiográfica se sustenta na pressuposição de uma “relação de identidade” que existiria entre o autor, o narrador e o personagem e, ainda, na existência de um “pacto autobiográfico”: a afirmação textual dessa identidade, que reduziria a margem de hesitação do leitor no que diz respeito à identificação de sua natureza discursiva.

Entretanto, é no momento em que ilumina o processo de elaboração de sua noção de autobiografia que Lejeune a delimita espaço-temporalmente, afirmando ser um anacronismo estendê-la a escritos anteriores ao último terço do século XVIII e a textos advindos de um cenário outro, que não o europeu. Suas formulações se tornam, todavia, mais pertinentes, quando do desenvolvimento da discussão acerca da aproximação e/ou distanciamento da autobiografia em relação aos discursos ficcional e historiográfico.

O cerne da distinção estabelecida por Lejeune entre ficção e autobiografia subjaz à “relação de identidade” entre autor, narrador e personagem intensificada, ademais, pela referência indubitável ao nome próprio do autor, haja vista aquilo que define o discurso autobiográfico para quem o lê ser, antes de tudo, esse “contrato de identidade que é selado pelo nome próprio”<sup>106</sup>. Porque no discurso ficcional inexistente essa unidade identitária, um romance, por exemplo, ainda que contivesse traços autobiográficos, jamais poderia ser lido, em sua totalidade, como uma autobiografia, interditado que estaria pela noção mesma de “pacto autobiográfico”.

Por sua vez, o ponto de contato entre a autobiografia e o discurso historiográfico se mostra passível de ser inferido por meio da distinção entre autobiografia e biografia. Ainda segundo Lejeune, essas formas discursivas têm em comum o fato de serem “textos referenciais”, ou seja, de estarem submetidas ao critério da relação de semelhança estabelecida a partir do enunciado. Nesse sentido, subordinando os discursos biográfico e autobiográfico ao critério da semelhança – à adequação a um “real” existente para além do texto, a um “modelo”, que se torna, por conseguinte, o ponto de referência para o julgamento

---

<sup>105</sup> LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. \_\_\_\_\_. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 16.

<sup>106</sup> *Ibidem*, p. 39.

do leitor – é possível observar que tal imperativo adquire menor significância no caso da autobiografia, uma vez que o que importa não é tanto o assemelhar-se a uma imagem do real, mas, neste caso, a autenticidade da enunciação, que assegurada pelo “pacto autobiográfico” persiste, apesar dos esquecimentos, dos erros, dos enganos eventualmente perpetrados pelo narrador. Em suma, para o autor, na autobiografia é

indispensável que o pacto referencial [coextensivo ao pacto autobiográfico] seja *firmado* e que ele seja *cumprido*: mas não é necessário que o resultado seja da ordem da estrita semelhança. O pacto referencial pode ser, segundo os critérios do leitor, mal cumprido, sem que o valor referencial do texto desapareça (ao contrário), o que não é o caso nas narrativas históricas ou jornalísticas.<sup>107</sup> (grifos do autor)

Verena Alberti também se aproxima daquelas questões, ao enfrentar o problema do lugar assumido pelo sujeito em uma narrativa autobiográfica<sup>108</sup>. Em seu trabalho, a autora se guia por três preocupações principais, que ajudam a iluminar, aqui, a discussão de questões referentes à narrativa goethiana: “a relação do escritor com aquilo que foi no passado, a reconstituição da experiência vivida numa construção ‘para leitura’ e as diferentes posições atualizadas pelo sujeito no ato de escrever”<sup>109</sup>. Interessa-lhe, em suma, a problematização dos “deslizamentos” entre a identidade do escritor e a de sua criação artística, que no caso dos escritos autobiográficos ganham uma dimensão ainda mais complexa.

Primeiramente, Alberti toma, como pano de fundo, o debate acerca da inviabilidade de instituição do “literário” no período anterior ao século XVIII, associando o aparecimento do romance à emergência da individualidade: do homem fadado à solidão de um mundo destituído de referenciais. Isso se daria em paralelo à emancipação da literatura, já não mais constrangida à censura estatal; à configuração do termo “escritor”, correspondente à ideia de originalidade; e à aceção da própria noção de romance, distinta do entendimento benjaminiano de “narração”, i.e., da prática informativa, atualizada no “ouvinte”, que resguarda a tradição e independe do livro e do hábito solitário da leitura.

<sup>107</sup> *Ibidem*, p. 44.

<sup>108</sup> ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 4, n.7, p. 66-81, 1991. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2313/1452>. Acesso em: 04/07/2015.

<sup>109</sup> *Ibidem*, p. 66.

Após assegurar o caráter desviante da literatura na modernidade, identificando seu lugar como aquele pertencente ao indivíduo solitário, singular e único, que de modo dicotômico se apresenta acima da sociedade, porque particular em suas diferenças, Alberti analisa a ideia de literatura enquanto “valor”. Sob a lógica de que o indivíduo moderno representaria o espaço da “totalidade”, da constituição de sentido em um mundo regido pela percepção de uma fragmentação e de um nivelamento, em todas as suas esferas, a autora apresenta sua contribuição no sentido de também pensar a literatura como o lugar característico de tal totalização. Assim, ao construir uma cena em que diversifica a conformação do indivíduo – que na modernidade subjaz à categoria daquilo que se institui, simultaneamente, enquanto semelhante (“fato”) e específico (“valor”) –, Alberti traz à luz a questão da ambiguidade que alicerça a sociedade moderna, perspectiva a partir da qual propõe sua investigação do sujeito na narrativa autobiográfica.

A correspondência entre o gênero autobiográfico e o sujeito moderno, ressaltada recorrentemente pela autora, mostra-se importante na medida em que reitera o discurso autobiográfico como o espaço privilegiado de desvelamento do indivíduo. Não menos relevante é o paradoxo identificado no fato de a autobiografia reanimar a modalidade discursiva que tendia ao arcaico: a “narração”. Partindo dos trabalhos de Walter Benjamin, Alberti redireciona sua análise ao assinalar que esse tipo de discurso, perpetuador da tradição, centrar-se-ia, agora, no indivíduo, em sua especificidade e unidade.

Atendo-se à “construção autobiográfica”, Alberti estabelece suas particularidades, ressaltando a necessária correspondência entre autor, narrador e personagem, que num primeiro momento corroboraria a unidade do “eu” do escritor, indispensável ao “pacto autobiográfico”, firmado com o leitor. Entretanto, ao se valer daquela discussão empreendida por Philippe Lejeune, a autora vai além e problematiza a relação entre essas três figuras, no âmbito discursivo. À identificação menos conflituosa entre autor e narrador contrapor-se-ia aquela entre autor e personagem, uma vez que não existiria uma identidade transparente entre aquele que escreve e aquele sobre o qual se escreve – embora se constituam enquanto vozes inseparáveis –, existindo, apenas, uma “relação de semelhança”. E é propriamente no domínio da semelhança entre autor e personagem – e não no da “identidade”, como anteriormente sustentado – que se

torna possível conceber a autobiografia como apartada da noção de uma “construção imaginária” e, simultaneamente, como não correspondente à ideia de um “reflexo do real”, permitindo, assim, certa mobilidade do sujeito também na narrativa autobiográfica, ainda que em margens mais estreitas do que aquelas que circunscrevem o discurso ficcional.

Alberti chama a atenção – apoiando-se, ainda, nos trabalhos de Lejeune – para o fato de que essa semelhança se apresenta em dois níveis: o primeiro, da necessidade de “exatidão”, atuando de maneira negativa – “não esquecer, não deformar etc.” – e relativa, uma vez que faz alusão à imagem do passado, concebida introspectivamente; o segundo, da “exigência de significação”, operando positivamente, ao revelar-se enquanto condição de possibilidade da estruturação discursiva. Sendo assim, a busca por uma “significação” – ao mesmo tempo que legitima as omissões, a seleção de eventos a serem referidos, o descompasso narrativo, como afirmado em momento anterior – só se tornaria possível durante a prática da escrita, instante em que o escritor concebe, na “fixação do eu”, uma síntese de sua vida para si próprio, dotando-a de significado, ainda, para um eventual futuro leitor.

Ressalta-se, por fim, os limites de representação do “eu”: os procedimentos discursivos dos quais o autor lança mão no intuito de (re)criar a totalidade de uma vida. Ao caminhar no limiar entre a impossibilidade dessa totalização e a necessidade de atribuir sentido a uma experiência vivida, a relação anteriormente estabelecida entre autor e narrador, alicerce da narrativa autobiográfica, se fragmenta, sendo possível dissociá-los e definir também o narrador como uma criação, que só ganha forma no suporte textual, o livro, e na prática solitária da leitura.

O trabalho de Alberti ganha em relevância devido ao destaque concedido à emergência do sujeito moderno, o que lhe permite traçar seu paralelo tanto em relação ao surgimento do romance – e, concomitantemente, à emancipação da literatura – quanto à afirmação do eu no discurso autobiográfico. A necessidade de se conceber a individualidade moderna enquanto categoria histórica mostra-se, deste modo, de importância fundamental para a especificação daquelas formas discursivas. Mas não só por isso: ao ressaltar a dimensão fissurada do indivíduo moderno, a busca pela atribuição de sentido à experiência individual é

problematizada, sendo pertinente observar nesse fato, também, a sutileza da aproximação estabelecida entre as diferentes formas discursivas da modernidade.

Sua maior contribuição, porém, para o presente estudo, consiste em destacar a prática da escrita autobiográfica. É a partir desse ângulo que se verifica as suas especificidades em relação àqueles discursos, a ela avizinados. Assim, ao mesmo tempo em que ocupa um espaço onde compartilha de elementos inscritos tanto no registro do ficcional quanto no do historiográfico, a autobiografia não se deixaria seduzir por nenhum desses discursos. O anseio moderno por se conferir significação a uma experiência de vida, para si e para o leitor, não se afasta da própria essência do ato da criação, o que tampouco se confunde com a também moderna ideia de ficção.

Essa singela atribuição de importância à figura do leitor, no que se refere à recepção de um escrito autobiográfico, ganha maior peso e profundidade em estudo de Luiz Costa Lima, bem como os conceitos de individualidade e de literatura. Em *Sociedade e discurso ficcional*<sup>110</sup>, por exemplo, o autor dedica um capítulo à busca pela definição do estatuto do gênero autobiográfico, a partir, justamente, do exame mais acurado desses conceitos. A importância imediata de seu estudo para as formulações que se vêm desenvolvendo reside no fato de explicitar a relação entre esse gênero e as diversas concepções históricas de individualidade e de modos de subjetivação – dentre estes, a própria literatura – permitindo, ademais, aclarar a compreensão moderna de autobiografia através de seu distanciamento de noções mais abrangentes, como as de “autobiografia” antiga, medieval e, até mesmo, renascentista. Isso permitirá situar a narrativa autobiográfica de Goethe, especificando-a sobretudo no que diz respeito ao tratamento e importância atribuídos ao parâmetro de uma verdade factual – extra-textual –, o que justifica deter-se de maneira mais cuidadosa no exame da contribuição de Costa Lima.

Primeiramente, faz-se necessário atentar para o momento inicial da argumentação do autor. Segundo Costa Lima, os estudos dedicados à questão autobiográfica, porque tradicionalmente concebidos sob uma noção atemporal de individualidade, tornaram tão alargada a incidência do gênero que não dificilmente resultaram na aproximação de textos pertencentes a épocas distintas

---

<sup>110</sup> LIMA, Luiz Costa. Júbilos e misérias do pequeno eu. \_\_\_\_\_. **Trilogia do Controle**. Sociedade e discurso ficcional. Rio de Janeiro: TopBooks, 2007. p. 455-520.

da história ocidental. Destaca-se, em decorrência desse primeiro problema sublinhado, a reiteração da necessidade de uma delimitação histórica do que se entende por individualidade, tendo em vista a definição da própria autobiografia enquanto gênero. Junto a isso, o autor assegura que tampouco sua identificação unicamente como um gênero literário teria representado um passo promissor em direção ao estabelecimento de seu estatuto, uma vez que também o conceito de literatura tem sido comumente mascarado por uma pretensa ideia de atemporalidade. Sendo assim, o afastamento de noções usuais e naturalizadas de indivíduo e de literatura apresentar-se-ia enquanto requisito elementar para a determinação do que de fato pode ser entendido como um discurso autobiográfico.

Ressalta-se a pertinência do redimensionamento da questão do indivíduo, uma vez que a sua compreensão enquanto valor – abarcando um sentido oposto àquele de uma categoria cultural, donde variável historicamente – significaria continuar a estender a noção de autobiografia a textos da Antiguidade, por exemplo. Em oposição a essa extensão do termo, a defesa da inexistência de algo semelhante, na Antiguidade greco-romana, àquilo que se entende por autobiografia nos tempos modernos se justificaria pela coexistência de dois princípios fundamentais, que estariam na base da configuração social daquelas sociedades: por um lado, a evidência de que a experiência pessoal, por si só, não tinha legitimidade para ser traduzida em escrita, haja vista ao homem ser atribuída uma dimensão pública, estando sua vida privada totalmente condicionada à sua existência política<sup>111</sup>; por outro, devido à ausência de uma delimitação precisa entre a narração de fatos reais e a de fatos inventados, ainda que figurassem sob a noção de verossimilhança.

Assim, no que diz respeito à pertinência de se considerar a apropriação do termo autobiografia para a qualificação de textos pertencentes ao mundo antigo,

---

<sup>111</sup> Ao contrário de Costa Lima, em “A escrita de si”, Michel de Foucault chama a atenção para a importância da escrita como uma prática de domínio de si e dos outros, na cultura greco-romana. No entanto, ao centrar-se na análise de correspondências e de *hupomnêmata* – espécie de caderneta de anotações, que com o tempo adquiriu a função de “livro de vida”, “guia de conduta”, constituindo-se enquanto “memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas”, sendo, assim, oferecido “como tesouro acumulado para releitura e meditação posteriores” –, Foucault permite inferir que esses suportes de “escrita de si” não correspondem à noção moderna de introspecção, uma vez que eram redigidos sob a perspectiva de uma adequação ao olhar do outro, a uma regra de conduta, embora os identifique, também, enquanto uma prática de subjetivação do discurso. FOUCAULT, Michel. A escrita de si. \_\_\_\_\_. **Ética, sexualidade, política**. Org. Manoel Barros da Mota. Trad. Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 144-162.

mesmo que singularizados por uma suposta centralidade da enunciação do eu, defende-se, com o autor, que uma vez que

a autobiografia supõe o reconhecimento do valor do eu individual, só uma concepção anacrônica deste pôde levar à postulação do gênero autobiográfico em um tempo que o ignorava. Como, ademais, a concepção de indivíduo é um dos componentes básicos da concepção corriqueira de literatura, a conclusão anterior repercute sobre essa: enquanto discurso ficcional, a literatura tampouco existe na Antiguidade, desde logo porque não há então fronteiras absolutas entre formas ficcionais e formas de apresentação do eu.<sup>112</sup>

Segundo Costa Lima, chega-se à mesma conclusão caso se transfira a pergunta – sobre a possibilidade de existência do gênero autobiográfico – da época antiga para o contexto da Idade Média. E isso porque a experiência pessoal do homem do medievo estava orientada, sobretudo, pela experiência espiritual. Em um ambiente socialmente hierarquizado e fortemente marcado pelo poder da Igreja Católica, a escassez da dimensão psicológica do sujeito favoreceu a objetivação do eu – diferente de uma personalização, que inviabilizaria o compartilhamento do enunciado entre distintos enunciadoreis –, ao mesmo tempo em que se desvanecia a descrição do mundo externo em detrimento de uma busca pelo sentido do eu dirigida pelo propósito cristão da revelação:

Pois, conquanto as orientações para a vida no medievo fossem muito mais reduzidas que as que se ofereciam para o homem da Antiguidade, em ambos os casos, há uma direção básica que obstrui a construção autobiográfica. O caminho autobiográfico se torna impossível onde um modelo ou modelos de vida de tal maneira se afirmem que a opção individual consista apenas na escolha de um deles. Em si mesma, a idiosincrasia individual desaparece para que se integre em um modelo de conduta geral e, por conseguinte, impessoal.<sup>113</sup>

A autobiografia só teria, pois, sua condição de existência assegurada a partir do Renascimento. A maior afirmação do indivíduo frente ao esfacelamento do modo de vida comunal, característico da Idade Média, em paralelo a uma maior complexidade das relações de trabalho e de poder ampliou o leque de experiências individuais, que já não mais se enquadravam em modelos previamente estabelecidos. Entretanto, embora endosse essa correspondência entre a emergência da individualidade e o surgimento de uma literatura da interioridade,

<sup>112</sup> COSTA LIMA, Luiz. *Op. cit.*, p. 465.

<sup>113</sup> *Ibidem*, p. 466.

no período renascentista, bem como o aparecimento de sutis distinções entre “o emprego da simulação e/ou sinceridade, de que as peças shakespearianas nos dariam tantos exemplos”<sup>114</sup>, Costa Lima reconhece a necessidade da superação de interpretações que identifiquem o Renascimento como um momento de ruptura profunda em relação aos séculos precedentes. Nesse sentido, ao empreender uma análise mais detalhada de “autobiografias” exemplares da Idade Média e do Renascimento, o autor problematiza a emergência do eu individual na fluidez das fronteiras que separam esses dois mundos.

A ausência de exame introspectivo e a conformação a modelos predeterminados seriam características, de modo geral, das “autobiografias” pertencentes à época anterior ao século XVIII. A partir do século XIV, no entanto, evidencia-se a progressiva superação de uma vida totalmente submissa a modelos de orientação religiosa, sendo a secularização do conhecimento um dos elementos constitutivos do surgimento da introspecção, ou, pelo menos, de sua codificação escrita. Porém, bem antes de sua plena disseminação, seria preciso atentar para o fato de que, na cultura renascentista, segundo a leitura de Costa Lima, ainda estariam em jogo tanto um determinismo imposto pelo cosmo – a força prescritiva dos astros, em substituição ao poder da divindade cristã – quanto aquele advindo do ambiente sociopolítico intensamente hierarquizado. Neste sentido, seria mais pertinente

dizer que, entre a dominância da concepção religiosa da Idade Média e a plenitude da secularização da vida, se interpõe a ciência mágica do Renascimento, tão bem representada pelo papel concedido à astrologia. À medida que os astros deixam de ser tomados como determinantes absolutos e passam a ser vistos como passíveis de efeitos diversificados, uma nova concepção de homem, com o papel do livre-arbítrio, se torna mais iminente. Essa iminência, ao precipitar-se, constitui a concepção moderna de indivíduo.<sup>115</sup>

A interdependência assinalada por Costa Lima entre o surgimento da introspecção e a ideia moderna de indivíduo – ainda que pareça uma correspondência pressuposta, que dispensaria, assim, sua atenção mais detida – adquire posição de extrema relevância no âmbito maior da argumentação, uma vez que circunscreve, justamente, a sua concepção de autobiografia. E, em relação à pertinência da associação desse termo a textos pertencentes à época do

---

<sup>114</sup> *Ibidem*, p. 467.

<sup>115</sup> *Ibidem*, p. 488.

Renascimento, a maior liberdade do homem renascentista permite considerá-la, mas não sem ressalvas:

Podemos então falar em autobiografia no Renascimento? Ao contrário do que dissemos de épocas anteriores, devemos afirmá-lo. E isso porque a secularização do conhecimento tornava possível ao homem ser individual na escolha de sua forma de conduta. Contudo, de tal maneira esse homem permanece heterodirigido, de tal maneira o monismo teórico e metodológico impedia que se admitisse o livre-arbítrio, de tal maneira é ele dependente da vontade dos poderosos, que não há espaço para o auto-exame radical. Em poucas palavras, o indivíduo renascentista ainda não pertence à espécie do indivíduo moderno.<sup>116</sup>

Qual seria, então, a representação de indivíduo que embasaria o estatuto da escrita autobiográfica, perseguido por Costa Lima? Seu exame das *Confessions*, de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), parece lançar uma primeira luz sobre essa interrogação. A certeza de que na pena do genebrino se encontra o indivíduo moderno, em sua plenitude, esbarra no mal-estar gerado pela apropriação consensual de suas memórias como o modelo por excelência do moderno desvelamento do eu. O princípio da sinceridade – axioma sob o qual se sustenta as memórias de Rousseau e que rege seu anseio por se apresentar completamente destituído de máscaras, para o amplo julgamento do leitor – adquiriria, assim, uma dupla perspectiva: ao mesmo tempo em que permitiu identificar a concepção moderna de indivíduo, de um eu que se individualiza a partir do embate com um mundo apartado de seus referenciais, abriu caminho para uma tradição acadêmica que elegeu o texto autobiográfico como o mais incontestado “documento de uma vida”, haja vista a suposta autoridade de seu narrador.

A sofisticação da trama analítica construída por Costa Lima se intensifica – e aqui reside o interesse maior pela apropriação de seu trabalho – à medida que o autor começa a desconstruir, tendo por base as memórias de Rousseau, a ideia corrente de que a autobiografia ou se institui enquanto puro documento histórico, pautado pelo caráter sincero do narrador, ou, rejeitando-se esse ponto de vista, como um discurso estritamente literário. Às duas variáveis que lhe permitiram identificar o momento histórico de surgimento do gênero – o indivíduo, como se viu, que precisou se autonomizar para que suas experiências de vida se constituíssem em matéria desse tipo de discurso, e a independência da autobiografia em relação ao discurso ficcional – junta-se uma terceira: a

---

<sup>116</sup> *Ibidem*, p. 489.

consideração da expectativa e da experiência do leitor, supostamente imprescindível para o estabelecimento do estatuto do gênero.

Atenha-se às formulações conclusivas do autor. A primeira delas é a de que a clareza da distinção entre os discursos autobiográfico e ficcional, expresso por diversos ficcionistas, não impermeabiliza a fronteira entre os dois gêneros, sendo possível apreender dimensões do ficcional na construção do real, e vice-versa – o que, tampouco, significa entender essas formas discursivas como estritamente semelhantes, como já discutido, aqui, em momento anterior. A segunda, parte da reiteração de que o discurso autobiográfico só teve sua condição de existência legitimada quando o eu adquiriu centralidade discursiva, não estando mais subjugado a modelos de ordem política ou religiosa. O autor se apoia nessa autonomização do indivíduo para aprofundar, também, as distinções entre a posição discursiva do eu autobiográfico e aquela do historiador, situando, então, a autobiografia no limiar entre história e ficção, afirmando só ser possível a definição de cada uma dessas formas discursivas a partir de aproximações e distanciamentos presididos pela apropriação do eu e pela concepção de “verdade”.

O memorialista se põe entre os dois. Em relação ao historiador, não pode dizer senão que apresenta um testemunho de boa fé; i.e., que é assim que sente haver sido em certa situação ou haver presenciado certo acontecimento. *As memórias apresentam uma versão personalizada da história.* Em relação ao ficcionista, não pode declarar senão que seus direitos são outros; mais limitados por um lado, pois que não pode “inventar” o que não se tenha passado; mais personalizados por outro, porque trata do que viveu na carne. *Entre a ficção e a autobiografia, o eu se impõe como barra separadora. Entre a história e a autobiografia, a barra separadora são suas pretensões diversas à “verdade”.*<sup>117</sup> (grifo nosso)

A delimitação do conceito moderno de autobiografia – a partir da construção de um diálogo entre autores que proporcionaram, ainda, sua definição em paralelo a noções como a de individualidade e a de literatura – teve por intuito permitir o aprofundamento da análise da relação entre o discurso autobiográfico e diferentes concepções históricas de individualidade e de modos de subjetivação, diferenciando-o de definições mais abrangentes de autobiografia e especificando-o, além disso, no concernente a outras formas discursivas. Circunscrita a seu entendimento moderno, mostra-se possível a identificação da autobiografia enquanto narrativa auto-constitutiva de um indivíduo delimitado espaço-

---

<sup>117</sup> *Ibidem*, p. 506-7.

temporalmente que, devido à flexibilidade de sua posição discursiva, tenderia a aproximar-se ora do discurso histórico, ora do ficcional, sem se reduzir, no entanto, a nenhum dos dois.

Essa maleabilidade da autobiografia é de fundamental importância para o presente trabalho. Ao se ter em mente o fato de que esse gênero discursivo proporciona o acesso a um tipo de conhecimento que é um constructo pessoal, uma maneira de o indivíduo atribuir sentido à sua existência individual, volta-se o olhar para a narrativa autobiográfica de Goethe no sentido de examinar como suas concepções de verdade, de metamorfose e de demoníaco atuam para esse propósito.

#### 4.2.

#### **A escrita autobiográfica goethiana: a vida em sua intensificação**

No prefácio à edição brasileira de *Memórias: poesia e verdade*, M. J. Evangelista apresenta algumas particularidades da obra, sugerindo caminhos pertinentes à sua problematização ao ir além do objetivo imediato de distingui-la no âmbito das autobiografias de nomes consagrados da literatura<sup>118</sup>. O título do livro, “poesia e verdade”, é o primeiro problema para o qual chama a atenção. Para o autor, subjaz aos dois termos certa ambiguidade que perpassaria todo o conteúdo dessa produção goethiana: primeiramente, evidenciada no concernente à anteposição de “poesia” (*Dichtung*) à “verdade” (*Wahrheit*), na contramão do que comumente se esperaria de uma narrativa autobiográfica, e, ademais, pelo fato de o poeta ter se valido de suas páginas para o aprofundamento de discussões estéticas, culturais, sociais e políticas.

A respeito da precedência de “poesia” à “verdade”, não se perde de vista, no entanto, duas outras constatações importantes. Em primeiro lugar, o fato de que a primazia do termo “poesia” resultara, em grande medida, também da necessidade de uma harmonização fônica, rítmica; nesse sentido, seria uma solução encontrada por Goethe à sonoridade do alemão. Essa estratégia discursiva se justificaria porque no título inicialmente conferido à obra – *Verdade e poesia* (*Wahrheit und Dichtung*) – haveria uma espécie de dissonância, devido à

<sup>118</sup> EVANGELISTA, J. M. Johann Wolfgang von Goethe. *Memórias: poesia e verdade*. Na falta de um prefácio... GOETHE, Johann Wolfgang von. **Memórias: poesia e verdade**. Primeiro volume. Trad. Leonel Vallandro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília/HUCITEC, 1986. p. 7.

semelhança e à proximidade entre a letra final da conjunção alemã “und” e a primeira de “Dichtung”, servindo a inversão dos termos ao intento de propiciar maior limpidez à pronúncia conjunta desses dois substantivos. Junto a isso, atenta-se também para a ideia de que tal antecipação estaria de acordo com a noção consolidada de que na narrativa autobiográfica a seleção de fatos da vida seria elementar para o propósito de uma narrativa que não se intencionasse fastidiosa, ainda que isso significasse atribuir a esse tipo de discurso características próprias de outros gêneros textuais.

A compreensão da existência de uma seleção do que seria narrado – que no caso de Goethe teria se dado ante “um autêntico rigor de fazer poético”<sup>119</sup> – é, por sua vez, relevada no prefácio da edição brasileira a partir de um duplo ponto de vista: ao mesmo tempo em que exemplificaria uma característica comum ao gênero autobiográfico – a autocensura da vida durante a prática posterior da escrita – distinguiria a singularidade da obra do escritor, sua rememoração do passado a partir de um profundo “veio poético”. O ponto chave da questão talvez seja a delimitação do entendimento goethiano de “lembrança” como algo mais do que a evocação de simples eventos passados, ou seja, como aquilo que abarcaria uma noção de completude porque estritamente relacionado à substância interior da vida.

Como assegurado no curso deste trabalho, a rememoração, no discurso autobiográfico de Goethe, adquire uma característica potencialmente metamórfica apresentando-se, ademais, como elemento impulsionador e criador de vida e se atendo, pois, a seu próprio conceito de metamorfose. Um trecho selecionado por Evangelista permite antecipar, justamente, essa discussão, possibilitando entrever que, para Goethe,

tudo o que nos acontece de grande, de belo, de marcante, não deve ser rememorado da exterioridade, mas ao contrário, que se una, desde o início, à trama de nossa interioridade, se faça único, produza, viva e crie em nós um novo eu melhor, *continuando a nos formar*.<sup>120</sup> (grifo nosso)

Ainda no concernente à proposta interpretativa daquele autor, importa ressaltar, por fim, que a relação entre lembrar e sentir – passível de ser inferida

<sup>119</sup> *Ibidem*, p. 8.

<sup>120</sup> GOETHE *apud* EVANGELISTA. *Ibidem*, p. 9.

por meio de sua lógica argumentativa da atribuição de maior relevância à interioridade, em detrimento de uma rememoração que se desse por uma via exclusivamente exterior ao indivíduo – vem ao encontro da identificação da dimensão poética da autobiografia de Goethe. Consequentemente, isso permite problematizar a coerência presente no fato de se associar seu caráter poético ao próprio conceito de verdade – que, no entanto, precisa ser apreciado e mensurado a partir de um sentido outro, ou ampliado.

Em sua introdução à edição espanhola mais recente da autobiografia goethiana, Rosa Sala atenta para a tomada de consciência do autor acerca da necessidade de explicar-se a si mesmo, haja vista o entendimento de um abismo que se apresentara entre os anos de sua juventude e aqueles de sua velhice, tanto no concernente às transformações sociopolíticas quanto no que diz respeito à sua existência individual<sup>121</sup>. Entretanto, o que se mostra relevante para a discussão que se vem construindo é a maneira por meio da qual a autora problematiza a polêmica acerca do título da obra, a partir da analogia goethiana entre o desenvolvimento do indivíduo e a metamorfose de uma planta. Para tanto, se apoia em um prólogo escrito inicialmente por Goethe para preceder a Terceira Parte de sua autobiografia, e que sintetiza o intento de apresentar sua vida como um desenvolvimento permanentemente progressivo:

Antes de começar a escrever os três volumes agora concluídos, pensei conformá-los segundo essas leis que nos ensina a metamorfose das plantas. No primeiro, a criança devia estabelecer ternas raízes por todos os lados e desenvolver somente uns poucos brotos. No segundo, ao jovem deviam lhe crescer paulatinamente e com um verde muito mais vivo ramos de formas mais variadas e, no terceiro volume, este tronco animado devia se mover rapidamente, em espigas e ramalhetes, depois da floração e representar um jovem cheio de esperanças.<sup>122</sup>

Sala identifica esse esquema ordenador, fundamentado numa lei natural orgânica, como o fio a partir do qual Goethe costura a composição de sua autobiografia. Na intenção de ser o mais fiel possível à lei morfológica que o orientaria, o escritor, ao configurá-la em estratégia discursiva, submeteria a

<sup>121</sup> SALA, Rosa. Introducción. GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2016. p. 11-17.

<sup>122</sup> “Antes de que empezara a escribir los tres volúmenes ahora terminados, pensé conformarlos según esas leyes que nos enseña la metamorfosis de las plantas. En el primero el niño debía echar tiernas raíces por todos lados y desarrollar sólo unos pocos brotos. En el segundo, al muchacho debían crecerle paulatinamente y con un verde mucho más vivo ramas de formas más variadas, y en el tercer volumen, este tallo animado debía correr, en espigas y ramilletes, en pos de la floración y representar a un joven lleno de esperanzas”. Goethe *apud* Rosa Sala. *Ibidem*, p. 12.

memória aos critérios da poesia, termo que em alemão se aproxima demasiadamente do substantivo *Erdichtung*, invenção, como atentado pela autora. Sendo assim, ao ato de criação poética estaria subordinada a propriedade de redimensionamento da própria verdade, uma vez que faria parte do âmbito de competência da poesia a capacidade de atribuição de sentido a experiências vividas e, conseqüentemente, a instituição de uma concepção não-axiomática de verdade.

A exemplo de importantes autores que já se detiveram nessa questão, Sala identifica no conceito de verdade goethiano uma acepção que se distancia do estritamente factual. De acordo com a autora, existiria em Goethe a compreensão de uma “verdade essencial” (*das Grundwahre*), que elevaria à dimensão de verdadeiro tudo aquilo que de algum modo atribuisse sentido à determinada experiência, por conseguinte auxiliando na construção de uma unidade à sua história pessoal. Sob esse ponto de vista, haveria um anseio por uma harmonização entre o indivíduo e o mundo, o que afastaria Goethe tanto do exame de consciência, característico do propósito confessional das “memórias” pietistas – em voga, sobretudo, na Inglaterra – quanto de uma imposição de piedade a seus leitores, próprio do caráter de complacência perseguido pela narrativa autobiográfica de Jean-Jacques Rousseau.

Entretanto, a proposta interpretativa de Rosa Sala interessa, sobretudo, devido à identificação de uma “crise de sentido” que distinguiria a última parte da autobiografia de Goethe. A autora argumenta que somente no momento em que o escritor se dispôs a recordar seu amor por Lili Schönemann, cujo insucesso significou um dos principais motivos de sua partida para Weimar, é que teria se dado conta da insuficiência da poesia em harmonizar a verdade imposta pelos fatos. Com isso, a analogia entre a metamorfose das plantas e sua formação individual, construída a partir de uma visão poética, sofrera uma ruptura, em função da percepção de que a vida não transcorria de maneira continuada, mas por meio de sobressaltos, percorrendo caminhos muitas vezes enviesados, com paradas, retrocessos, momentos de incertezas.

A autora associa essa “crise de sentido” ao desenvolvimento do conceito de demoníaco, no livro XX, o último da Quarta Parte de *Memórias: poesia e verdade*. Ao relacionar esse conceito, sobretudo, àquilo que “escapa ao cosmo do sentido” e que “rompe com o limite da razão”, Sala o identifica como o elo

rompido na busca goethiana por uma estrutura que harmonizasse sua existência, o que pode levar ao entendimento de que essa força ativa se manifestaria, apenas, como elemento caótico e destrutivo, embora ressalte, todavia, a liberdade decorrente dessa suposta incapacidade de atribuição de sentido, instante no qual Goethe teria se dado conta dos limites da própria “condição humana”.<sup>123</sup>

Problematizando, em certa medida, a contribuição de Rosa Sala, propõe-se pensar o demoníaco não como uma ruptura em relação ao conceito de metamorfose goethiano. O demoníaco seria uma acentuação: a intensificação do processo de transformação inter-relacionada ao intuito de atualização, perseguido por Goethe, de sua força vital. O desmedido – que neste caso se constitui enquanto aquilo que foge ao regulado e que decorre de um anseio pelo agir ilimitado –, em sua suposta inadequação ao âmbito do sentido, não deixaria de ser abarcado pela doutrina mesma da metamorfose. A dimensão inconclusiva dessa doutrina favorece a construção do discurso autobiográfico porque, ainda que haja uma fixação da escrita, sua ocorrência dá-se apenas posteriormente, subsumindo a narrativa de experiências pretéritas a vivências que lhe foram consequentes.

Antes, porém, de um desenvolvimento mais preciso dessa questão, por meio da apreensão do conceito de demoníaco a partir do exame do próprio texto de Goethe, traz-se à discussão a reconstituição empreendida por Rüdiger Safranski de um contexto de escrita da autobiografia goethiana, por entender que seu olhar biográfico contribui para uma aproximação em relação ao problema acima apresentado<sup>124</sup>. De acordo com o autor, a aspiração de Goethe por rememorar, versando em forma de escrita, seus anos de juventude foi se tornando mais premente após as mortes de Friedrich Schiller (1759-1805), da duquesa Anna Amália e de sua mãe, respectivamente, nos anos de 1805, 1807 e 1808. Em 1809, Goethe começou a se inteirar do material que tinha à sua disposição – anotações dispersas, cartas e diários – e daquilo que conseguiria, recorrendo-se a amigos, para auxiliá-lo na composição de uma narrativa autobiográfica.

O que se lhe apresentava, no entanto, dizia respeito mais a apontamentos de fatos exteriores do que a um registro de cunho autorreflexivo. Para a escrita de uma autobiografia, Goethe tinha ciência, segundo Safranski, de que precisaria

---

<sup>123</sup> *Ibidem*, p.15-17.

<sup>124</sup> SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, 2015. p. 483-499. As páginas imediatamente subsequentes estarão apoiadas, principalmente, no referido capítulo da biografia de Goethe.

dosar a importância de elementos externos e internos em seu processo de formação e, para isso, seria imprescindível a identificação de um princípio que costurasse sua existência, o reconhecimento de um nexos orientador de seu processo formativo.

Safranski também distingue esse princípio orientador no instinto goethiano de “formação poética”, entendido não apenas em seu significado puramente literário mas, sim, em sua acepção originária de *poiesis*. Refletido-se em um anseio por configurar e dar forma a qualquer prática da vida cotidiana, toda atividade deveria ser decorrência de um influxo interno que o impulsionaria à ação e que teria como finalidade a transformação do agir em obra, no sentido de se atribuir ao ato um alcance passível de conformá-lo em unidade, dotando-o de completude. Esse problema se mostraria pertinente, aliás, ao próprio fazer científico de Goethe:

Nas ciências também se apresentava um problema semelhante, o da dificuldade de unificar as matérias em uma obra. A matéria da ciência é tão múltipla que pode desviar-nos e dispersar-nos. Como se pode obter uma forma de semelhante multiplicidade, desta experiência inesgotável? Aqui encontra Goethe uma resposta surpreendentemente simples. Se não são os fenômenos que podem contribuir para a apresentação de uma unidade, é o sujeito que precisa conhecer o que faz de si um todo unitário neles. Escreve: “Desde que soube ver que nas ciências não se trata tanto dos objetos mesmos [...], quanto da formação do espírito que as pratica, já não tenho renunciado a esta atividade do espírito, mas a tenho aperfeiçoado e lhe atribuído maior afeição”.<sup>125</sup>

Se a necessidade de designar uma forma à ação se apresentava como pressuposto do agir goethiano, o desejo por uma efetividade que se revelasse por meio de uma participação produtiva e interativa com o mundo se mostrava como condição para o conhecimento, das coisas do mundo e de si próprio. Assim, para Goethe, a capacidade de um autoconhecimento, indispensável à escrita autobiográfica, adviria da análise de suas ações e de seu reconhecimento ante aos demais indivíduos, por meio das reações decorrentes dessa relação social. Por sua

<sup>125</sup> En las ciencias también se presentaba un problema semejante, el de la dificultad de unificar las materias en una obra. La materia de la ciencia es tan múltiple, que puede desgarrarnos y dispersarnos. ¿Cómo se puede sacar una forma de semejante multiplicidad, de esta experiencia inagotable? Aquí encuentra Goethe por fin una respuesta sorprendentemente sencilla. Si no son los fenómenos los que pueden aportar una unidad, ha de ser el sujeto que conoce el que haga de sí un todo unitario en ellos. Escribe: “Desde que he sabido ver que en las ciencias no se trata tanto de los objetos mismos [...], cuanto de la formación del espíritu que las desarrolla, ya no he renunciado a esta actividad del espíritu, sino que la he regulado más y le he cogido más afecto”. *Ibidem*, p. 488.

vez, essa construção individual a partir do embate com a sociedade só teria seu valor assegurado se daí originasse algo profícuo, útil à vida e que não minasse suas forças vitais, fundamento da própria ação.

A interpretação proposta por Safranski da compreensão goethiana de sua relação com o meio social permite a inferência de um sentido formativo embasado em uma noção, metafórica, de movimento em espiral. Assim, uma ação individual geraria uma reação que, avaliada em sua “pertinência” e ressignificada pela percepção cognitiva conformada a partir do contato direto com esse mesmo meio, levaria o indivíduo novamente à atividade. Como um exemplo desse procedimento, pode-se pensar, justamente, na rememoração goethiana de seu embate com a sociedade científica de sua época, como desenvolvido ao longo da segunda seção do capítulo anterior deste estudo.

Entender a dimensão imputada pelo escritor à individualidade implica não perder de vista a certeza de que todo indivíduo se constitui em relação indissociável com a sociedade. Significa, por outro lado, não desconsiderá-lo enquanto sujeito também dotado de muitas especificidades. Em suma, o interesse pelo problema da individualidade estaria associado, em Goethe, ao intento de assimilação da vida à medida que houvesse a manifestação daquilo que é vivo – que se desvelaria, principalmente, na conformação do singular –, o que não seria possível caso se considerasse a existência individual sob a ótica exclusiva de sua exteriorização, ou seja, apenas através do que é dado à apreensão por outrem, a partir da exposição ao convívio social. Isso estaria associado, também, à sua crítica em relação ao trabalho do historiador, uma vez que a preocupação por se ater aos eventos que seriam examinados e, posteriormente, narrados faria com que perdesse de vista a complexidade conformativa de vivências individuais.

Ao direcionar um feixe de luz sobre a necessidade goethiana de empreender uma escrita autorreflexiva e propondo, com isso, uma análise acerca dos motivos que o teriam levado a esse projeto, Safranski chama a atenção para algumas questões importantes. O porquê de a narrativa de *Memórias: poesia e verdade* encerrar um período de tempo que vai do nascimento do escritor ao momento anterior à sua partida para Weimar parece ter como objetivo central o fato de que, ao ficar restrito à rememoração de seus anos de juventude, Goethe evitaria uma série de constrangimentos, que surgiria caso se detivesse na exposição de acontecimentos e relações pessoais mais recentes.

Uma referência a essa questão pode ser encontrada, de maneira clara, em registro de Eckermann, relativo a uma sexta-feira, 5 de março de 1830<sup>126</sup>. A partir desta anotação, é possível ter uma dimensão da preocupação do autor em resguardar pessoas com as quais mantivera estreita relação e entender, ademais, como princípios morais desautorizavam-no à publicização de vivências outras, ainda que inter-relacionadas às suas:

O quarto volume de *Verdade e poesia* – prosseguiu –, no qual o senhor pode encontrar a narrativa da felicidade e da dor de meu amor por Lili, está pronto há algum tempo. Eu o teria escrito e publicado com muito maior antecedência se alguns delicados escrúpulos não me tivessem impedido, escrúpulos esses que não se relacionavam comigo mesmo, e sim com a amada, que ainda vivia. Eu teria ficado orgulhoso de dizer ao mundo inteiro o quanto a amei; e creio que ela não teria corado ao confessar ter correspondido ao meu amor. Mas tinha eu o direito de declará-lo em público sem a sua permissão? Eu sempre tivera a intenção de pedir sua permissão, mas hesitei em fazê-lo até um ponto em que isso afinal se tornou desnecessário.<sup>127</sup>

Associado a essa questão, talvez mais importante do que a segurança de um distanciamento em relação ao tempo dos eventos narrados, revelava-se o esforço do escritor por encontrar tanto uma forma mais adequada para sua narrativa autobiográfica quanto um crivo que lhe permitisse uma seleção e posterior configuração – tradução – do vivido em escrita. Em Goethe, o cuidado em dimensionar a verdade a partir do critério da “pertinência”, como assegurado por Safranski, faria com que sua narrativa não apenas não incorresse na exposição demasiada de pessoas que lhe foram próximas, mas, ao mesmo tempo, essa estratégia discursiva apartava-o do perigo de incidir nos mesmos erros de Rousseau, reconhecido pelo próprio escritor como o “gênio da falsidade”, tendo em vista o fato de que em suas *Confessions* o genebrino, sob a roupagem da sinceridade, havia louvado a si mesmo, ao humilhar-se.

Cabe, aqui, um parêntese. Ainda que a intenção de Goethe fosse trilhar um caminho que o distanciasse de Rousseau, o conhecimento goethiano da obra do filósofo suíço tem, em certa medida, embasado a proposição de hipóteses que permitem estabelecer paralelos entre suas narrativas autobiográficas, sobretudo no

<sup>126</sup> Na terceira parte de suas *Conversações com Goethe*, Eckermann toma como base para seus registros alguns manuscritos de Charles Soret, tradutor francês de a *Metamorfose das plantas* e que mantivera estreita relação com Goethe, em Weimar. A passagem transcrita na sequência é um exemplo dessas apropriações, explicitadas textualmente pelo próprio Eckermann.

<sup>127</sup> ECKERMANN, Johann Peter. *Op. cit.*, 2016. p. 673.

concernente à conjuntura sociopolítica que teria possibilitado suas escritas. Peter Burke, por exemplo, chama a atenção para uma possível aproximação entre os dois escritores, ao identificar uma transformação das “convenções” biográficas caracterizada, no século XVIII, por uma representação mais dinâmica da personalidade – como desenvolvido na seção anterior do presente capítulo –, condição para o aparecimento, ademais, do romance de formação. Para Burke:

Só no século XVIII se vislumbra uma mudança, com a noção de que a personalidade passa por um processo de desenvolvimento. Rousseau, nas suas *Confessions*, apresenta a sua própria vida desta forma. O *Bildungsroman* como foi escrito por Goethe e outros seria inconcebível sem essa mudança de visão.<sup>128</sup>

Ao discutir a escrita autobiográfica do filósofo suíço, Jean Starobinski também assinala algumas questões que são de grande relevância e que podem ser estendidas ao exame de outros discursos autobiográficos, e não apenas à narrativa do escritor genebrino<sup>129</sup>. Nesse sentido, valeria a pena destacar: a atribuição de importância ao homem comum, que passaria a ter acesso à autorrepresentação literária; a construção de uma história individual fortemente impulsionada por um caráter introspectivo; e, sobretudo, a necessidade de transformar uma experiência de vida, em linguagem. Entretanto, se para Rousseau tal procedimento visava a um objetivo mais prático, qual seja, o de comprovar-se inocente, desnudando-se, para um julgamento mais apropriado e completo pelo leitor – o que, aliás, é o fundamento da crítica goethiana –, para Goethe, especificamente, significaria o anseio pela atualização de uma força vital que orientou todos os âmbitos de sua existência, dentre os quais, seu trabalho enquanto escritor.

Voltando-se ao critério da “pertinência”, do qual Goethe teria lançado mão como direcionamento em seu processo de memorização, mostra-se interessante observar como Safranski o ressalta no sentido de associá-lo à própria conjunção das palavras “poesia” e “verdade”, adentrando na polêmica em torno do título da obra. Embora se propusesse, em sua narrativa, a não se distanciar do que fora “autêntico” e “fundamentalmente verdadeiro” em sua vida – valendo-se até

<sup>128</sup> BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 10, n.19, p. 83-97, 1997. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2038/1177>. Acesso em: 23/03/2017. p.96.

<sup>129</sup> STAROBINSKI, Jean. Os problemas da autobiografia. \_\_\_\_\_. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 187-207.

mesmo de crônicas e registros históricos que trouxessem, por exemplo, um caráter fidedigno à reconstituição do conturbado cenário político de sua infância –, o conceito de verdade, em Goethe, estava orientado por uma lógica interior, ou seja, adquiria o patamar de verdade aquilo que houvesse contribuído, de maneira produtiva, para a construção da personalidade. Neste sentido, o “fundamentalmente verdadeiro”, em Goethe, é

a personalidade e o que fez com que ela chegasse a ser tal como é. Mas como não nos aproximamos desta evolução por um meio externo, à maneira de um historiador, mas por uma via interna, a partir da perspectiva da “recordação”, entra em jogo a *imaginação*. Esta não é outra coisa senão a “capacidade poética”. Desperta o passado a vida, e assim pode mostrar o que tem de verdadeiro.<sup>130</sup> (grifo nosso)

O entendimento da ideia de verdade enquanto a percepção de uma coerência interna, que atua na conformação do indivíduo, permite ainda sua compreensão não através de um viés axiomático – reitera-se –, mas a partir da aceção de uma dimensão perspectiva. É neste sentido que a noção de verdade, na autobiografia goethiana, se aproxima da de poesia, que alicerçada, por sua vez, em uma capacidade poética, imaginativa, não se confundiria com uma narrativa meramente ficcional. A esse respeito, ainda segundo Safranski,

Seria “ficção” uma invenção livre; neste contexto “poesia” é a realidade refletida na recordação. O que passou, mas segue vivendo em uma pessoa, é visto pelo “olho poético”. *Às vezes a verdade de uma vivência só aparece na recordação. Algumas impressões e vivências necessitam de tempo para se desenvolver, e só neste tempo de desenvolvimento chegam à sua verdade. Portanto, o “fundamentalmente verdadeiro” é o que constitui uma pessoa na vivência e na ação, e o que o poetizar da recordação é capaz de atualizar de tudo isso.*<sup>131</sup> (grifo nosso)

<sup>130</sup> Lo “fundamentalmente verdadero” es la personalidad y lo que ha hecho que ella llegara a ser tal como es. Pero como no nos acercamos a esta evolución desde fuera, a manera de un historiador, sino desde dentro, desde la perspectiva del “recuerdo”, entra en juego la imaginación. Ésta no es otra cosa que la “capacidad poética”. Despierta lo pasado a la vida, y así puede mostrar qué tiene aquél de verdadero. SAFRANSKI, Rüdiger. *Op. cit.*, 2015. p. 491.

<sup>131</sup> Sería “ficción” una invención libre; en este contexto “poesía” es la realidad reflejada en el recuerdo. Lo que ha pasado, pero sigue viviendo en una persona, es visto por el “ojo poético”. A veces la verdad de una vivencia sólo aparece en el recuerdo. Algunas impresiones y vivencias necesitan tiempo para desarrollarse, y sólo en este tiempo de desarrollo llegan a su verdad. Por tanto, lo “fundamentalmente verdadero” es lo que constituye a una persona en la vivencia y la acción, y lo que el poetizar del recuerdo es capaz de actualizar de todo ello. *Ibidem*, p. 491-492.

Sob esta mesma acepção de verdade – mais apurada, que se refina com o passar dos anos e em função de uma “recordação” de fatos vivenciados, por sua vez mensurados a partir de novas experiências – Safranski identifica, ao mesmo tempo, uma distinção e uma semelhança entre o tempo narrado e o tempo da narrativa. A distinção se daria, sobretudo, pela percepção de um lapso temporal, que permitiria um novo olhar sobre a experiência vivida<sup>132</sup>. Já a semelhança se mostraria perceptível à medida que a recordação fosse avivada por acontecimentos do presente, ou seja, ao se considerar o fato de o tempo da narrativa selecionar acontecimentos, direcionando e favorecendo aquilo que seria vertido em escrita.

Nesse sentido, ao se acompanhar o desenvolvimento da interpretação de Safranski, baseada nos muitos estudos filológicos dos escritos goethianos, é possível entrever como os acontecimentos do presente de Goethe atuavam de maneira a impulsionar a rememoração de acontecimentos passados. Como um exemplo, que vem ao encontro do presente trabalho, chama-se a atenção para o conceito de demoníaco. Segundo Safranski, enquanto no âmbito do narrado este conceito estaria associado à construção do personagem Egmont<sup>133</sup>, no concernente ao tempo da narrativa seria uma referência ao fascínio de Goethe pela figura de Napoleão Bonaparte. A passagem em que há o desenvolvimento do conceito, em sua autobiografia, teria sido escrita por volta de 1813, cinco anos após um encontro entre o escritor e o imperador francês.

Após a construção de um diálogo entre Evangelista, Sala, Burke, Starobinski e Safranski, volta-se o olhar, agora, para o último livro de *Memórias: poesia e verdade*, na intenção de um aprofundamento de algumas questões. O livro XX se inicia com a narrativa da crescente incerteza, em Goethe, acerca da

<sup>132</sup> O afastamento em relação ao tempo dos acontecimentos narrados teria possibilitado, por exemplo, a identificação de um “tédio vital”, resultante da confluência entre uma experiência própria e um fenômeno de época e que estaria na base da escrita de *Os sofrimentos do jovem Werther*. Esse *taedium vitae* – como desenvolvido no Livro VIII da Segunda Parte de *Memórias: Poesia e verdade* – não se daria em função das sobrecargas da vida cotidiana, do excesso; mas, sim, da nulidade decorrente da inação, e a única maneira de se livrar de suas correntes seria o retorno à ação. *Ibidem*, p. 492-493.

<sup>133</sup> À semelhança da maioria dos trabalhos de Goethe, *Egmont*, peça dramática iniciada em 1775, só seria publicada, pela primeira vez, em 1788. A narrativa gira em torno do conde de Egmont (1522-1568), personagem histórico que desempenhou importante papel na primeira fase da luta pela emancipação dos Países Baixos, tendo sido decapitado pelo duque de Alba. Para uma referência a respeito da recepção da obra pelos contemporâneos de Goethe, ver: GOETHE, Johann Wolfgang von. **Teatro selecto: Goetz de Berlichingen, Egmont, Ifigenia en Taurida, Torcuato Tasso, Prometeo**. Trad. Fanny Carrido. Buenos Aires: Argonauta, 1944. p. 133-137.

decisão a ser tomada no concernente à sua ida para Weimar. Pesava-lhe, sobretudo, o amor ainda nutrido por Lili, que teve seus desdobramentos narrados nos livros precedentes. O regresso a Frankfurt am Main de seu amigo Jorge Melchior Kraus (1733-1806) – artista que se formou em Paris e que retornava de uma viagem ao norte da Alemanha, onde fora convidado, justamente, das cortes de Gotha e Weimar – não fez mais do que ressaltar estas suas incertezas. Kraus lhe trazia a notícia de que sua presença era desejada e esperada no grão-ducado, que vinha passando por profundas transformações, inclusive na esfera cultural, que se intensificariam sob o governo do jovem duque Karl August. Vislumbrava-se, pois, para o escritor, uma vida de grande atividade, em contato direto com uma sociedade formada por pessoas eminentes, diferentemente do cenário que se lhe configurava, caso permaneça em sua cidade natal.

É a partir da reconstituição de uma cena que exigia de si escolhas que redirecionariam o rumo de seu futuro, que Goethe torna mais complexa sua percepção da existência de uma força ilimitada que teria o poder de impulsionar determinados indivíduos à ação. Esta força se distanciava de tudo aquilo que, ao longo de sua vida, significou algum tipo de relação com o transcendente, com o sobrenatural:

No curso deste relato autobiográfico pôde-se ver com todo detalhe como o menino, o adolescente, o jovem tratou de se aproximar do sobrenatural por diferentes caminhos: primeiro, vislumbrando-o com sua inclinação para a religião natural; depois, unindo-se firmemente e com amor a uma religião positiva; finalmente, colocando à prova suas próprias forças ao se voltar sobre si mesmo e acabar se entregando alegremente à crença geral. Mas quando, submergido todavia nos interstícios destas religiões, vagueava de um lado para o outro, deparou-se com várias coisas que provavelmente não pertenciam a nenhuma das três, e acreditou ver com uma claridade cada vez maior que era preferível afastar seus pensamentos da ideia do descomunal e do inalcançável.<sup>134</sup>

O trecho acima, para além de sua intenção primeira de desvelar a identificação de uma força que lhe era então desconhecida, auxilia no

---

<sup>134</sup> En el curso de este relato autobiográfico se ha podido ver con todo detalle cómo el niño, el muchacho y el joven han tratado de acercarse a lo trascendental por diferentes caminos: primero vislumbrándolo con su inclinación por la religión natural; después uniéndose firmemente y con amor a una religión positiva; finalmente poniendo a prueba sus propias fuerzas al retraerse en sí mismo y acabar entregándose alegremente a la fe general. Pero cuando, sumido todavía en los intersticios de estas religiones, deambulaba de un lado a otro, buscando y mirando, dio con varias cosas que probablemente no pertenezcan a ninguna de las tres, y creyó ver con una claridad cada vez mayor que era preferible alejar sus pensamientos de la idea de lo descomunal e inabarcable. GOETHE, Johann Wolfgang von. *Op. cit.*, 2010, p. 811-812.

desdobramento de duas outras questões, importantes para a argumentação que se vem empreendendo. Em primeiro lugar, permite observar uma característica que se mostra recorrente no texto goethiano: a consciência acerca da dimensão autobiográfica de sua narrativa, que o escritor faz questão de ressaltar a partir de referências diretas ao leitor e por meio de um distanciamento temporal, que pode ser inferido, inclusive, pela apropriação do discurso em terceira pessoa.

Nesse mesmo sentido, Goethe não abre mão de reiterar a veracidade do relato, ainda que se mostre necessária a reconstrução de diálogos, ou seja, mesmo naqueles momentos em que fora preciso recorrer de maneira mais explícita à imaginação – apoiada na memória, na recordação – como recurso para se aproximar da verdade, como discutido mais acima. A esse respeito, o trecho a seguir, transcrito do livro XVIII e referente à reconstituição de uma conversa com os Condes de Stolberg e com o Conde de Haugwitz, que a caminho da Suíça foram recepcionados por Goethe e sua família, em Frankfurt am Main, mostra-se representativo:

Se eu fosse suspeito de intercalar, aqui, um discurso fictício no lugar daquela conversa – como fizeram antes de mim os melhores historiadores – desejaria que estivesse presente neste momento um estenógrafo para reter e transmitir essa peroração [uma referência à conversa efusiva que tivera com os condes], pois encontraríamos nela os mesmos motivos e talvez nos pareceria, inclusive, mais agradável e sedutor o fluir do discurso. *De fato, à exposição que fiz, aqui, faltalhe a prolixa loquacidade e plenitude de uma juventude consciente de si mesma e que não sabe aonde ir com toda sua energia e suas capacidades.*<sup>135</sup> (grifo nosso)

Uma segunda questão diz respeito, mais precisamente, ao procedimento goethiano. No prólogo à Quarta Parte, Goethe assegura ao leitor que os acontecimentos que seriam narrados não tinham uma ligação direta com o livro anterior, mas que sua intenção era retomar, paulatinamente, todos os fios principais de sua narrativa e apresentar, a partir de um desenvolvimento consistente, embasado, tanto as pessoas como os atos e sentimentos que o guiavam:

---

<sup>135</sup> Si bien aquí puedo levantar sospechas de intercalar un discurso ficticio en lugar de aquella conversación – como han hecho antes de mí los mejores historiadores – ojalá hubiera estado presente en ese momento un taquígrafo para retener y transmitir esa perorata, pues habríamos encontrado en ella los mismos motivos y tal vez incluso nos habría parecido más grato y seductor el fluir del discurso. De hecho, a la exposición que he hecho aquí le falta la prolija locuacidad y plenitud de una juventud consciente de sí misma y que no sabe adónde ir con toda su energía y sus capacidades. *Ibidem*, p. 756-757.

*Ao tratar a história de uma vida que transcorre com grande diversidade, como esta que nos atrevemos a relatar, e com o fim de fazer apreensíveis e legíveis certos acontecimentos, vemo-nos forçados a separar algumas coisas que se confundem no tempo, embora tenhamos que reunir em si mesmas outras que só podem ser compreendidas em sua sucessão; deste modo, compusemos o conjunto à base de distintas partes suscetíveis de serem avaliadas mediante um exame reflexivo e das quais, em certa medida, seja possível tirar algum proveito.*

Com esta consideração inauguramos o presente volume, com *a finalidade de que sirva para justificar nosso modo de proceder*. Também rogamos a nossos leitores que tenham em conta o fato de que a continuação desse relato não se liga precisamente com o final do livro anterior, *mas que pretende retomar pouco a pouco os principais fios condutores e apresentar em uma sucessão bem fundamentada tanto as pessoas como os pontos de vista.*<sup>136</sup> (grifos nossos)

Tomando-se, pois, aquele primeiro trecho transcrito do livro XX – no qual o escritor explana sua relação com o sobrenatural – à luz do propósito apresentado no prólogo à Quarta Parte, tem-se um exemplo de como Goethe consegue dar uma coerência interna à totalidade de sua obra. Ao fazer menção a uma “religião natural”, remete o leitor ao final do Livro I, onde se encontra o relato da criação de um altar particular que, quando criança, acreditava ser possível colocá-lo em contato direto com a natureza, e que acabou consumido pelo fogo. Sua “união” a uma religião positiva direciona o leitor, por sua vez, para as passagens nas quais demonstra interesse pelo estudo da Bíblia, a exemplo daquelas encontradas no Livro VI. Já sua adesão à “crença geral” pode ser entrevista, no curso de toda a sua narrativa, no referente tanto a suas aproximações em relação ao catolicismo – interessava-lhe, sobremaneira, a plasticidade da ritualística católica – quanto ao protestantismo.

Ressalvadas essas questões, volta-se à discussão daquela força identificada por Goethe, insubmissa a apreensão linguística e que tem como característica própria sua manifestação por meio de contradições:

---

<sup>136</sup> Al tratar la historia de una vida que transcurre con gran diversidad, como es ésta que nos hemos atrevido a relatar, y con el fin de hacer aprehensibles y legibles ciertos acontecimientos, nos vemos en el caso de tener que forzar la separación de algunas cosas que se enredan en el tiempo, mientras tenemos que contraer en sí mismas otras que sólo pueden comprenderse en su sucesión; de este modo, compondremos el conjunto a base de distintas partes susceptibles de ser evaluadas mediante un examen razonado y de las que en cierta medida sea posible apropiarse.

Con esta consideración inauguramos el presente volumen, a fin de que sirva para justificar nuestro modo de proceder. También rogamos a nuestros lectores que tengan en cuenta que el relato aquí reemprendido no enlaza precisamente con el final del libro anterior, sino que pretende retomar poco a poco los principales hilos conductores y presentar en una sucesión bien fundamentada tanto a las personas como los puntos de vista. *Ibidem*, p. 697.

Penso reconhecer na natureza, tanto viva como sem vida, tanto na animada como na inanimada, *algo que só se manifesta mediante contradições* e que por isso não podia ser retido em nenhum conceito e ainda menos em uma palavra. Não era divino, pois parecia insensato; não era humano, pois carecia de inteligência. Não era diabólico, pois era benéfico; não era angelical, pois frequentemente permitia reconhecer certo prazer pela desgraça alheia. Se assemelhava ao acaso, pois não demonstrava ter causa alguma; se assemelhava à Providência, pois parecia pensar com certa coerência. Tudo que se nos apresenta limitado, para ele era penetrável. Parecia dispor arbitrariamente e a seu capricho dos elementos necessários à nossa existência. Comprimia o tempo e dilatava o espaço. Somente no impossível parecia mover-se à vontade e rejeitava o possível desdenhosamente.<sup>137</sup> (grifo nosso)

A exemplo dos antigos e de outros que haviam reconhecido algo de análogo, Goethe nomeou esse ser que parecia adentrar todos os outros – ao mesmo tempo, separando-os e unindo-os – de demoníaco. Como assegurado em sua rememoração desse episódio, o jovem escritor procurou se apartar desse poder temível por meio da construção de uma figura, ou seja, traduzindo a experiência em criação poética. Recorrendo a fontes históricas de todo o tipo, vislumbrou no conde de Egmont um personagem no qual a ação ilimitada dessa força parecia ter atuado, ainda que a redimensionasse, ao valer-se da liberdade própria do fazer poético:

A valentia pessoal que caracteriza o herói é a base sobre a qual repousa todo o seu ser e o solo sobre o qual brota. Não conhece o perigo e o maior deles o deslumbra quando já se lhe está próximo. Em um momento determinado podemos abrir caminho entre os inimigos que nos cercam, mas as redes da astúcia do Estado são mais difíceis de romper. *Provavelmente, foi o demoníaco em jogo em ambas as partes, o conflito no qual se sucumbe o digno de amor e triunfa o odioso, e também a perspectiva de que de tudo isso surgiria um terceiro elemento que responderia ao desejo de todos os homens, o que valeu a esta obra – embora certamente não no momento de sua publicação, mas sim mais tarde e em ocasião mais oportuna – o favor do qual ainda hoje desfruta.* E deste modo, no interesse de mais de um querido leitor, quero antecipar-me aqui a mim mesmo e, como não

<sup>137</sup> Creyó reconocer en la naturaleza, tanto en la viva como en la inerte, tanto en la animada como en la inanimada, algo que sólo se manifestaba mediante contradicciones y que por eso no podía ser retenido en ningún concepto y aún menos en una palabra. No era divino, pues parecía insensato; no era humano, pues carecía de entendimiento. No era diabólico, pues era benefactor; no era angelical, pues a menudo permitía reconocer cierto placer por la desgracia ajena. Se parecía al azar, pues no demostraba tener causa alguna; se parecía a la predestinación, pues hacía pensar en cierta coherencia. Todo lo que a nosotros nos parece limitado, para ello era penetrable. Parecía disponer arbitrariamente y a su antojo de los elementos necesarios de nuestra existencia. Comprimía el tiempo y extendía el espacio. Sólo en lo imposible parecía moverse a sus anchas mientras rechazaba desdeñosamente lo posible. *Ibidem*, p. 812.

sei se terei ocasião de voltar a tomar de pronto a palavra, *expressar algo que só mais tarde vim a convencer-me*.<sup>138</sup> (grifos nossos)

Ao longo de seu discurso autobiográfico, Goethe deixa entrever a construção da individualidade em paralelo a princípios morais e a convenções sociais. Como não podia deixar de ser, esses condicionantes se apresentavam como pontos limítrofes, cujas tentativas de subversão sempre significaram, para um filho da burguesia de Frankfurt am Main, a necessidade de gerenciamento de algum conflito. A esse respeito, um caso emblemático talvez seja sua relação juvenil com Gretchen, como desenvolvido na Segunda Parte de sua autobiografia.

No entanto, é o fato de Goethe identificar posteriormente, no ato da escrita, a existência desse elemento demoníaco – que se manifesta sobretudo no ser humano e que apresenta um poder que, senão oposto à ordem moral do mundo, atravessado nela –, que interessa, sobremaneira, aqui, uma vez que o escritor o associa à construção de um personagem, como demonstrado no trecho anterior, valendo-se, ao mesmo tempo, de experiências ulteriores que atuaram no redimensionamento de sua concepção de mundo. É essa experiência de olhar o passado, buscando ressignificá-lo a partir de novas vivências e reflexões, que permite aproximar os registros autobiográficos de Goethe de seus escritos científicos:

Mas a manifestação mais terrível do demoníaco é quando predomina em alguma pessoa. No curso da minha vida pude observar várias delas, às vezes de longe e outras de muito perto. Nem sempre são as pessoas mais notáveis; não se destacam por seu princípio nem por seu talento, e raramente por sua bondade. No entanto, de seu ser desprende uma força monstruosa e são capazes de exercer um domínio incrível sobre todas as criaturas e mesmo sobre os elementos, e quem pode dizer até onde pode se estender uma influência assim? Todas as forças morais unidas não podem fazer nada contra eles. É inútil que a parte mais esclarecida dos homens pretenda torná-los suspeitos de estarem enganados ou de serem enganadores, pois a massa se sentirá igualmente atraída por eles. Poucas vezes ou nunca poderão se encontrar dois homens coetâneos deste tipo, e nada pode

<sup>138</sup> La valentía personal que caracteriza al héroe es la base sobre la que reposa todo su ser y el suelo del que brota. No conoce el peligro y el mayor de ellos lo deslumbra cuando ya se aproxima a él. En un momento dado podemos abrirnos camino entre los enemigos que nos están cercando, pero las redes de la astucia de Estado son más difíciles de romper. Probablemente fuera lo demoníaco que está en juego por ambas partes, el conflicto en el que se hunde lo digno de amor y triunfa lo odioso, y también la perspectiva de que todo ello surgiría una tercera entidad que respondería al deseo de todos los hombres, lo que debió de procurar a esta obra – aunque ciertamente no en el momento de su publicación, pero sí más tarde y en la ocasión oportuna – el favor del que aún hoy disfruta. Y de este modo, por el bien de más de un querido lector, quiero adelantarme aquí a mí mismo y, como no sé si tendré ocasión de volver a tomar pronto la palabra, expresar algo de lo que no iba a convencerme hasta tiempo después. *Ibidem*, p 813.

derrotá-los senão esse mesmo universo contra o qual empreenderam a luta. E de observações desse gênero deve ter nascido, talvez, aquela máxima singular, embora terrível: *Nemo contra deum nisi deus ipse*.<sup>139</sup>

Goethe constrói esse quadro, a partir de toda uma elaboração conceitual, para apoiar a narrativa de um momento crucial de sua vida, em que acontecimentos estranhos adquiriam, ao menos, uma “aparência demoníaca”. Após a viagem em companhia dos Condes de Stolberg e de alguns outros viandantes, seu reencontro com Lili, quando de seu regresso a Frankfurt am Main, foi marcado por mal-entendidos que perturbaram ainda mais suas relações. Como assegurado pelo escritor, não lhe restava outra opção a não ser recorrer, novamente, à fuga.

O episódio narrado por Goethe de como se dera sua ida para Weimar é o ponto final de sua autobiografia. Após uma rápida visita dos príncipes a Frankfurt am Main, um cavaleiro retardatário ficara em Calrsruhe à espera de um landau, que estava sendo construído em Estrasburgo, e passaria pela cidade, em seu regresso a Weimar, levando consigo o escritor. Como o encarregado da viagem não apareceu no dia combinado, para evitar a presença de pessoas das quais já havia se despedido e que davam, como certa, sua partida, Goethe se refugiou, num primeiro momento, em seu quarto. A demora do cavaleiro atormentava o escritor e fomentava o descrédito de seu pai acerca de um real interesse, por parte dos soberanos de Weimar, em recebê-lo no grão-ducado. Foi sob essa agitação interior que Goethe assegura ter levado a cabo sua escrita de Egmont.

No entanto, ao mesmo tempo em que a impaciência parecia pôr fim a seu estro poético, o aceno de Johann Caspar de que lhe daria dinheiro e cartas de crédito para que empreendesse uma viagem imediata à Itália – estratégia paterna ante o descontentamento acerca de uma eventual possibilidade de ter um filho a serviço da corte weimariana –, veio ao encontro de suas muitas incertezas. A

<sup>139</sup> Pero la manifestación más terrible de lo demónico es cuando predomina en alguna persona. A lo largo de mi vida he podido observar a varias de ellas, a veces de lejos y otras muy de cerca. No siempre son las personas más sobresalientes; no destacan por su espíritu ni por su talento, y raramente por su bondad. Sin embargo, su ser desprende una fuerza monstruosa y son capaces de ejercer un dominio increíble sobre todas las criaturas e incluso sobre los elementos, y ¿quién puede decir hasta dónde puede llegar a extenderse una influencia así? Todas las fuerzas morales unidas no pueden hacer nada contra ellos. Es inútil que la parte más clarividente de los hombres pretenda hacerlos sospechosos de estafados o de estafadores, pues la masa se sentirá igualmente atraída por ellos. Pocas veces o nunca podrán encontrarse dos hombres coetáneos de esta clase, y nada puede derrotarlos más que ese mismo universo contra el que han emprendido la lucha. Y de esta clase de observaciones debe de haber nacido aquel dicho extraño, pero terrible: *Nemo contra deum nisi deus ipse*. *Ibidem*, p. 814.

viabilidade de se considerar uma ação do acaso, que explicasse o contratempo que o impossibilitava de seguir a caminho de Weimar, não era levada demasiadamente a sério porque suplantada, precisamente, pela incapacidade de reflexão que se apodera do indivíduo, nesses momentos:

No curso normal das coisas, um contratempo semelhante teria sido fácil de esclarecer. No entanto, gostamos demasiadamente de conspirar com o erro contra aquilo que é naturalmente verdadeiro, tal como embaralhamos as cartas antes de distribuí-las para que em nossos atos não se veja frustrada de nenhum modo a participação do acaso. E é precisamente assim que nasce esse elemento sobre o qual o demoníaco tanto gosta de atuar, causando-nos o pior efeito quanto melhor intuimos a sua presença.<sup>140</sup>

Goethe segue o conselho de seu pai e parte rumo à Itália. Escolhe o caminho de Heidelberg por dois motivos: porque seria trajeto do cavaleiro em retorno a Weimar e pelo fato de poder se encontrar novamente com Helena Dorothea Delph (1728-1808), que fora confidente de seu amor por Lili e que arranjara, junto às duas famílias, um compromisso sério, entre ambos. Ali, convencido por sua anfitriã, Goethe deixa demorar-se mais do que o planejado. Enquanto isso, era introduzido à sociedade e persuadido pela senhora Delph de que, em sua volta da Itália, haveria talvez algo promissor para o jovem escritor, em Mannheim.

Goethe não desconsiderava as intenções de sua amiga. Mas sua índole aventureira o induzia a desfrutar o favor do momento. Quando de sua chegada a Heidelberg, havia confiado à posta local um bilhete a ser entregue a um cavaleiro que viajava conforme sua explicação. Certa noite, após longa conversação com a senhora Delph, Goethe é acordado com a notícia de que a tropa de um postilhão estava à frente da casa, com uma mensagem. Imaginava do que se tratava. Lera, então, a explicação do motivo do atraso – os contratempos na construção da carruagem – e soube que seu companheiro esperava, sem demora, seu retorno a Frankfurt am Main, contando que não lhe causasse o dissabor de chegar sozinho a Weimar:

---

<sup>140</sup> En el transcurso puro y simple de los negocios, un azar semejante habría sido fácil de aclarar. Sin embargo, demasiado nos gusta conspirar con el error contra lo que es naturalmente verdadero, al igual que mezclamos los naipes antes de repartirlos para que en nuestros actos no se vea malograda de ningún modo la participación del azar. Y así es precisamente como se produce ese elemento sobre el que lo demoníaco tanto gusta de actuar, causándonos la peor jugada cuando mejor intuimos su presencia. *Ibidem*, p. 819-820.

Por mais que meu entendimento e meu ânimo se inclinassem logo para esta opção, a meu novo curso não lhe faltou tampouco um poderoso contrapeso. Meu pai me havia traçado um bonito plano de viagem e me dado uma pequena biblioteca para o caminho, por meio da qual eu podia me preparar e me guiar em cada uma de minhas paradas. Até esse momento não tivera outra ocupação, senão aquela, em minhas horas de lazer, e inclusive durante minha última e breve viagem de carruagem fora a única coisa que ocupou meus pensamentos. Aqueles esplêndidos edifícios que desde pequeno conhecia de conversas e por reproduções de todo o tipo se apresentaram de pronto em minha imaginação, e não desejava nada mais do que me aproximar deles ao mesmo tempo em que me distanciava de Lili.<sup>141</sup>

Como se sabe, Goethe opta por retornar a Frankfurt am Main e seguir, sem mais demoras, para Weimar. De nada adiantou a tentativa de sua amiga em dissuadi-lo. Ainda tentou ressaltar que se trataria, apenas, de uma visita e que seus planos de uma viagem à Itália e mesmo de uma ponte que lhe permitisse retornar a Heidelberg não se excluía. Não conseguiu sucesso em sua argumentação, de modo que precisou se arrancar da insistência de sua amiga proferindo, por fim, as famosas palavras de Egmont, com as quais finaliza *Memórias: poesia e verdade*:

Criança, criança, basta! Como açoitados por espíritos invisíveis, os cavalos solares do tempo arrebatam consigo o carro leve de nosso destino e não resta nada além do que agarrar fortemente as rédeas e desviar as rodas, à esquerda e à direita, ora de uma pedra, ora de um precipício. Quem sabe para onde vamos? Se somente com dificuldades alguém se recorda de onde se veio...<sup>142</sup>

A partir do crivo do tempo e da memória, Goethe empreende em sua idade provecta a rememoração dos anos iniciais de sua vida. A dimensão metamórfica do discurso autobiográfico goethiano não apenas o assegura no cerne de uma concepção moderna de autobiografia, mas o especifica. Por um lado, porque há um entendimento singular, por parte do escritor, do conceito de verdade em sua

<sup>141</sup> Por mucho que mi entendimiento y mi ánimo se inclinaron en seguida por esta opción, a mi nuevo rumbo no le faltó tampoco un poderoso contrapeso. Mi padre me había confeccionado un bonito plan de viaje y me había dado una pequeña biblioteca para el camino a través de la cual podría prepararme y guiarme en cada una de mis paradas. Hasta ese momento no había tenido más ocupación que aquella en mis horas de ocio, e incluso durante mi último y breve viaje en coche era lo único que había ocupado mis pensamientos. Aquellos espléndidos edificios que desde pequeño conocía de oídas y por reproducciones de todo tipo se amontonaron de pronto en mi imaginación, y no se me ocurría nada que pudiera desear más que aproximarme a ellos al tiempo que me alejaba decididamente de Lili. *Ibidem*, p. 823.

<sup>142</sup> – ¡Muchacho, muchacho, no sigas! Como azotado por espíritus invisibles, los caballos solares del tiempo se precipitan con el carro ligero de nuestro destino y no nos queda más que agarrar fuertemente las riendas y apartar las ruedas a izquierda y derecha de esta piedra o de aquella caída. ¿Quién sabe adónde vamos? Si a duras penas recuerda nadie de dónde viene... *Ibidem*, p. 824.

associação ao de poesia, que atua no sentido de induzir a recordação a atribuir sentido e a dar unidade às suas experiências pessoais; por outro, e talvez de maior significância, porque essa dimensão metamórfica se apresenta em Goethe como uma força vital, agindo sobre sua própria percepção acerca da possibilidade de um acesso ao conhecimento. Assim, esta força vital não prescinde da positividade de uma constante reorganização intersubjetiva, atualizando-se constantemente e se ramificando em todos os âmbitos de sua existência. Corrobora essa assertiva o fato de o conceito de metamorfose ter adquirido centralidade em seus trabalhos de ciências naturais, mais precisamente, em seus estudos botânicos.

Por fim, vale reiterar que a noção de “produtividade”, decorrente de seu conceito de verdade, alinha-se ao intento de um agir ininterrupto, o que levaria à constância da atividade. Segundo Eckermann, em registro de uma quarta-feira, 4 de fevereiro de 1829, Goethe teria afirmado que a convicção de sua continuidade viria do “conceito de atividade”, pois se até o fim de seus dias ele permanecesse agindo incessantemente, estaria então a natureza obrigada a lhe proporcionar uma outra forma de existência, quando aquela que ele tinha já não mais pudesse sustentar o seu espírito<sup>143</sup>. O próprio Eckermann se impressiona com o desejo goethiano por se manter em estado ativo, o que pode ser interpretado como o anseio por uma atualização não somente de seus conhecimentos acerca da arte e da ciência, mas como um impulso no concernente à vida, à sua própria existência. Em um sábado, 16 de abril de 1825, registra aquele autor:

Em mais alguns anos será um octogenário, mas não se cansará jamais das pesquisas e das experiências. *Em nenhuma de suas atividades ele está pronto e acabado; quer ir sempre mais além, sempre mais além! Aprender sempre, aprender sempre!* E é justamente por isso que se revela um ser humano de eterna, indestrutível juventude.<sup>144</sup> (grifo nosso)

Ressalta-se, com isso, o fato de Goethe ver com bons olhos a incompletude que se correlaciona com a própria essência de um ser em transformação. Em seus últimos anos, a atividade permanente de rememoração fez com que houvesse uma dinamização interna de seus próprios trabalhos. A recuperação de seus escritos científicos, a partir de um olhar crítico e reflexivo, permitiu reavaliá-los à luz do desenvolvimento das ciências. Nesse mesmo sentido, a rememoração de sua

<sup>143</sup> ECKERMANN, Johann Peter. *Op. cit.*, 2016. p. 301-302.

<sup>144</sup> *Ibidem*, p. 545-546.

história pessoal possibilitou redimensionar sua existência, a partir de suas novas experiências. Esse potencial metamórfico da memória atuaria como um sopro de vida, fazendo com que a força criativa de Goethe se perpetuasse no âmbito, mesmo, de sua escrita.

## 5

### Considerações finais

A aproximação pretendida entre os escritos científicos e a narrativa autobiográfica de Johann Wolfgang von Goethe – ao se apoiar, sobretudo, na análise de *A metamorfose das plantas* e na de *Memórias: poesia e verdade* – situa o presente trabalho ao lado de interpretações que procuram o estabelecimento de uma unidade, em meio à diversificação e à densidade da produção do escritor alemão. Visou-se, pois, a identificação de um ponto de contato entre dois âmbitos de sua produção, e seu consequente desdobramento.

Como assegurado na Introdução, nos momentos em que se recorreu à análise mais detalhada dos textos de Goethe, principalmente daqueles relativos a seus estudos botânicos, procurou-se fomentar a discussão trazendo-se à tona os autores com os quais o escritor dialogava de maneira explícita, no sentido de aclarar, aliás, a perspectiva a partir da qual eram lidos e interpretados por Goethe. A esse respeito, destacam-se, principalmente, as passagens referentes aos embates com Lineu e com Caspar Friedrich Wolff.

Se, por um lado, essa estratégia possibilitou acompanhar a elaboração do conceito de metamorfose goethiano a partir do próprio material fornecido pelo escritor, em sua atribuição de relevância à oposição com a ciência de sua época, por outro, significou abrir mão de perscrutar as próprias raízes que sustentariam esta mesma oposição. Para isso, seria preciso enviesar por um caminho interessante – pensa-se, sobretudo, na produtividade da articulação entre o conceito goethiano de metamorfose e as concepções de ato e potência, como desenvolvidas em *De anima*, de Aristóteles<sup>145</sup> –, embora, para o propósito desta dissertação, representasse talvez incorrer na dispersão e nas ramificações que emergem da obra e do pensamento de Goethe, adiando o estabelecimento de um

---

<sup>145</sup> Maria Cecília Gomes dos Reis, em sua introdução à *De anima*, constrói um panorama dos principais conceitos e problemas presentes na obra de Aristóteles. Sua apresentação permite entrever questões que possivelmente teriam orientado Goethe, em seus estudos botânicos. REIS, Maria Cecília Gomes dos. Introdução. ARISTÓTELES. *De anima*. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006. p. 15-39. Para uma ampliação da discussão, que possibilita apreender a abrangência da conformação do pensamento goethiano, sugere-se, novamente, o trabalho fundamental de Maria Filomena Molder. MOLDER, Maria Filomena. *Op. cit.*, 1995.

elo que possibilitasse articular os dois âmbitos de sua produção intelectual, o científico e o autobiográfico, intento primeiro deste estudo.

A análise de um redirecionamento do olhar goethiano, como asseverado pelo próprio escritor no registro final de sua viagem italiana, permitiu acompanhar as circunstâncias que o teriam levado, de maneira irresistível, ao aprofundamento de seus estudos botânicos. A apropriação de passagens de *Viagem à Itália*, além de ter auxiliado a localização das origens de seu ensaio sobre o processo de crescimento das plantas, permitiu, ainda, entrever uma indissociabilidade entre ciência, arte e a própria existência humana, característica do pensamento de Goethe.

A *metamorfose das plantas* adquiriu, na sequência, importância fundamental no curso desta dissertação. À intenção inicial de um exame minucioso desta obra, seguiu-se a necessidade de recuperação de textos nos quais o escritor procurou delimitar conceitos desenvolvidos em seu ensaio basilar, de 1790. Assim, empreendeu-se uma correlação entre os conceitos de metamorfose, de polaridade e de intensificação, ao mesmo tempo em que se avistava a proposição de uma ciência morfológica: o estudo da forma em seu processo de transformação. Intentou-se demonstrar, a partir daí, a percepção de uma plasticidade que orientou a busca pelo conhecimento, em Goethe, ao mesmo tempo em que se circunscrevia uma particular noção de individualidade.

Esses problemas foram retomados no âmbito da discussão da apresentação histórica levada a cabo, pelo escritor, de seu adentrar nos estudos botânicos. A partir do exame de textos publicados entre os anos de 1817 e 1824, caracterizados pela associação entre exposição científica e narrativa de cunho autobiográfico, verificou-se como o propósito goethiano de um acesso recorrente ao passado se correlacionava à atribuição de uma dimensão metamórfica ao próprio ato de recordar. Assim, ao voltar o olhar para seus estudos iniciais, Goethe não apenas recuperava o ambiente em que teriam sido escritos, mas vivificava uma série de problemas à luz de novas questões, que lhe eram, então, atuais.

Foi essa dimensão produtiva da memória que embasou a análise de sua autobiografia, enfocando-se em sua última parte. Sem a necessidade de distanciá-la das características próprias de um gênero que se consolidava, na passagem do século XVIII para o XIX, ainda assim foi possível elucidar as singularidades atribuídas pelo escritor à sua narrativa. Contribuiu para isso a interdependência de

suas acepções particulares de poesia e de verdade. Neste sentido, sendo impossível a rememoração de experiências pretéritas sem a consideração de vivências posteriores, o potencial metamórfico, característico de discursos autobiográficos, foi assegurado, também, à narrativa goethiana.

Entretanto, no caso de Goethe, este potencial metamórfico se especificou por se constituir enquanto elemento que perpassaria, ademais, as diversas esferas de sua produção intelectual, não se restringindo a seu registro autobiográfico e se integrando, pois, ao cerne de uma dinâmica orientadora de sua própria existência. A afinidade entre os conceitos de metamorfose e de demoníaco atuou, por fim, no sentido de corroborar o anseio de Goethe pela perduração de sua força vital, alinhando ciência e história em sua busca, ulterior, por versar a vida em escrita.

## 6

**Referências bibliográficas**

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 4, n.7, p. 66-81, 1991. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2313/1452>. Acesso em: 04/07/2015.

ARISTÓTELES. **De anima**. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Ensaio reunidos**: escritos sobre Goethe. Trad. Mônica Krausz Bornebusch, Irene Aron e Sidney Camargo. Supervisão e notas, Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2009.

BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 10, n.19, p. 83-97, 1997. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2038/1177>. Acesso em: 23/03/2017.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia do Iluminismo**. Trad. Álvaro Cabral. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

COELHO, Humberto Schubert. A epistemologia e o método científico de Goethe. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 85-102, 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2010/04/6-8.pdf>. Acesso em: 20/12/2016.

DILTHEY, Wilhelm. **Vida y poesia**. Versión de Wenceslao Roces. Prólogo e notas de Eugenio Imaz. Pánaco: Fondo de Cultura Económica, 1945.

ECKERMANN, Johann Peter. **Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida**: 1823-1832. Trad. Mario Luiz Frungillo. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Org. Manoel Barros da Mota. Trad. Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **A metamorfose das plantas**. Tradução, Introdução, Notas e Apêndices de Maria Filomena Molder. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

\_\_\_\_\_. **Ensaio científico**: uma metodologia para o estudo da natureza (Coletânea). Apresentação e introdução de Antonio José Marques. Seleção e tradução de Jacira Cardoso. São Paulo: Barany Editora/ Ad Verbum Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. **Memórias: poesia e verdade**. Primeiro volume. Trad. Leonel Vallandro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília/HUCITEC, 1986.

\_\_\_\_\_. **Memórias: poesia e verdade**. Segundo volume. Trad. Leonel Vallandro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília/HUCITEC, 1986.

\_\_\_\_\_. **Poesía y verdad**. Traducción, introducción y notas de Rosa Sala. Barcelona: Alba, 2010.

\_\_\_\_\_. **Teatro selecto: Goetz de Berlichingen, Egmont, Ifigenia en Taurida, Torcuato Tasso, Prometeo**. Trad. Fanny Carrido. Buenos Aires: Argonauta, 1944.

\_\_\_\_\_. **Teoría de la naturaleza**. Estudio preliminar, traducción y notas de Diego Sánchez Meca. Editorial Tecnos: Madrid, 2013.

\_\_\_\_\_. **Viagem à Itália (1786-1788)**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GUIDOTTI, Mirella. A construção do olhar: a *Viagem à Itália*, de Goethe. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 15, n.19, p. 122-136, Jul., 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pg/v15n19/a07v15n19.pdf>. Acesso em: 20/08/2015.

JUNIOR, Jonas Bach. O conceito de metamorfose e a fenomenologia da natureza de Goethe. **Griot – Revista de Filosofia**, Amargosa (BA), v. 10, n. 2, p. 173-188, Dez., 2014. Disponível em: <http://www2.ufrb.edu.br/griot/images/vol10-n2/11.pdf>. Acesso em: 15/04/2016.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. Johann Wolfgang von Goethe: arte e natureza, poesia e ciência. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 13 (suplemento), p. 39-54, Out., 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v13s0/02.pdf>. Acesso em: 20/08/2015.

LIMA, Luiz Costa. **Trilogia do Controle**. Rio de Janeiro: TopBooks, 2007.

MANN, Thomas. **Carlota em Weimar**. Trad. Vera Mourão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MANN, Thomas. **O escritor e sua missão**: Goethe, Dostoiévski, Ibsen e outros. Trad. Kristina Michahelles. Apresentação, revisão técnica e notas, Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MOLDER, Maria Filomena. **O pensamento morfológico de Goethe**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1995.

MOURA, Magali dos Santos. **A poiesis orgânica de Goethe**: a construção de um diálogo entre arte e ciência. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8144/tde-09082007-141708/pt-br.php>. Acesso em: 20/09/2015

SAFRANSKI, Rüdiger. **Goethe**: la vida como obra de arte. Traducción del alemán de Raul Gabás. Barcelona: Tusquest Editores, 2015.

SILVA, Felipe Vale da. *Die Leiden des jungen Werthers* à luz da história do conceito de subjetividade. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 16, n. 21, p. 79-110, Jun., 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/64130/66816>. Acesso em: 09/07/2016.

STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau**: a transparência e o obstáculo. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TEIXEIRA, Maria Luisa Noujaim. **A *Farbenlehre* de J. W. Goethe (1749-1832) e o problema da visão**: do método goetheano de fazer ciência. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2015. Disponível em: [http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1312312\\_2015\\_completo.pdf](http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1312312_2015_completo.pdf). Acesso em: 03/05/2017.

WERLE, Marco Aurélio; GALÉ, Pedro Fernandes (orgs.). **Arte e filosofia no Idealismo alemão**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2009.